

LIVRO DA ETAPA DE FORMAÇÃO INICIAL



1ª Edição





LIVRO DA ETAPA DE FORMAÇÃO INICIAL

1ª EDIÇÃO

(De acordo com as novas Diretrizes de Formação da Jufra do Brasil)

Fevereiro / 2016

Apresentação

“O Senhor que deu o bom começo, nos dê a graça do crescimento e da perseverança até o fim.” Testamento de Santa Clara

É nessa convicção de Santa Clara de Assis que temos a imensa alegria de lançar o novo livro da Etapa de Formação Inicial da JUFRA DO BRASIL!

Este livro é fruto dos sonhos e do trabalho árduo de muitos irmãos e irmãs, não só os que “colocaram a mão na massa” nos textos, mas também os que nos antecederam buscando sempre o melhor para nossa fraternidade nacional.

Desde 2009, no primeiro Encontro Nacional de Formadores, a JUFRA do Brasil vem pensando a necessidade de reformulação de suas Diretrizes de Formação. Essa reflexão foi amadurecida no segundo Encontro Nacional de Formadores e primeiro de Animadores Fraternos, em 2012 e, no XV Congresso Nacional de Santa Maria, em 2013, isso se tornou prioridade.

Um processo muito bonito e maduro, que envolveu desde as fraternidades locais e regionais e culminou no IV Congresso Nacional Extraordinário, em maio de 2014, em Mogi Mirim/SP, que teve como objetivo a reformulação das Diretrizes de Formação da JUFRA do Brasil. Com envolvimento de muitos irmãos e irmãs de norte a sul desse imenso país, nossa fraternidade nacional demonstrou com maturidade e envolvimento o que desejava para a formação de nossos jufristas, sempre buscando uma abertura ao novo, mas firmes na fé em Cristo, seguindo os passos dos jovens de Assis.

O próximo passo então foi a elaboração dos novos livros, a partir das temáticas aprovadas no novo documento. A partir da decisão da Equipe Nacional de Formação, iniciamos por este livro, que hoje é lançado no XVI Congresso Nacional!

Não há palavras para agradecer às dezenas de mãos que trabalharam na construção desse material. Redação, revisão, correção ortográfica, diagramação... Muito trabalho na certeza de estarmos realizando um sonho muito esperado!

Meu mais sincero agradecimento a todos que contribuíram, direta e indiretamente, para que esse livro fosse gerado com tanto carinho. Sei que as horas de trabalho árduo vão valer a pena. Agradecimento especial à irmã Mayara, por confiar plenamente; ao Ricardo, por transformar nosso sonho em arte, e ao Frei Leandro Costa, OFM, por ter nos proporcionado para a capa do livro o abraço de Francisco e Clara aos novos jovens, de realidades e culturas tão diversas.

Espero de coração que esse primeiro livro da nova série possa contribuir muito na formação de nossos jovens, desenvolvendo neles a vontade de mergulhar nessa espiritualidade encantadora e profunda. Que eles queiram, a partir da EFI, “avançar para águas mais profundas” e possam ser franciscanos e franciscanas autênticos e comprometidos com o nosso ideal de vida.

Com carinho e abraço fraterno,

Ana Carolina Miranda
Secretária Nacional de Formação

JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL
(Triênio 2013-2016)

ORGANIZAÇÃO E REVISÃO GERAL

Ana Carolina Miranda

Secretária Nacional de Formação da JUFRA do Brasil

CAPA

Frei Leandro Costa Santos, OFM

ARTE E DIAGRAMAÇÃO

Ricardo Meneses

Secretário para a Área Nordeste B (Triênio 2013-2016)

EQUIPE DE REVISÃO

Ana Carolina Miranda, JUFRA/OFS

Secretária Nacional de Formação da JUFRA do Brasil (Triênio 2013-2016)

Juliana Caroline Gonçalves Almeida, JUFRA/OFS

Secretária Regional de Formação da JUFRA NE B1 (Triênio 2013 – 2016)

Márcio Bernardo de Oliveira Ramos

Secretário Regional de Formação SE2 (Triênio 2013-2016)

Frei Arlaton Luiz Soares de Oliveira, OFM

Assistente Espiritual Regional SE1 (Triênio 2014-2017)

Frei Erivelton Pereira dos Passos, OFM

Assistente Espiritual Local, Floriano/PI

Marcelo Gobbo Dalla Dea, OFS

Animador Fraternal Local, Foz do Iguaçu/PR

Marúcia Conceição Tocantins Conte, OFS

Coordenadora de Formação Nacional – OFS do Brasil

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Gilvaneide Rosa de Sousa, JUFRA

Secretária Regional de AE da JUFRA NE A2 (Triênio 2015 – 2018)

Juliana Caroline Gonçalves Almeida, JUFRA/OFS

Secretária Regional de Formação da JUFRA NE B1 (Triênio 2013 – 2016)

Letícia Freitas Alves, JUFRA

Secretária Local de DHJUPIC da Fraternidade Aliança de Assis (Triênio 2016 – 2019)

SECRETARIADO FRATERO NACIONAL

(TRIÊNIO 2013/2016)

SECRETÁRIA FRATERNA NACIONAL

Mayara Ingrid Sousa Lima

SECRETÁRIO PARA A ÁREA NORTE

Vanderson da Silva Sousa

SECRETÁRIO PARA A ÁREA NORDESTE A

Sandolini Assunção Braga

SECRETÁRIO PARA A ÁREA NORDESTE B

Ricardo Meneses

SECRETÁRIA PARA A ÁREA SUDESTE

Mônica Abadia Rodrigues Teixeira

SECRETÁRIA PARA A ÁREA SUL

Gleice Francisca Pereira da Silva

SECRETÁRIO PARA A ÁREA CENTRO OESTE

Henrique Bruno Pereira Ribeiro

SECRETÁRIA NACIONAL DE FORMAÇÃO

Ana Carolina Miranda

SECRETÁRIO NACIONAL DE AÇÃO EVANGELIZADORA (AE)

Washington Lima dos Santos

SECRETÁRIA NACIONAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL,

REGISTRO E ARQUIVO

Jéssica Maria de Lima Rocha

SECRETÁRIO NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, JUSTIÇA,
PAZ E INTEGRIDADE DA CRIAÇÃO (DHJUPIC)

Igor Guilherme Pereira Bastos

SECRETÁRIA NACIONAL DE FINANÇAS

Maria Aparecida Pereira Brito

SECRETÁRIA NACIONAL DE INFÂNCIA, MICRO E MINI-
FRANCISCANOS

Rebecca Nascimento de Oliveira

ASSISTENTE ESPIRITUAL NACIONAL

Frei Wellington Buarque de Souza, OFM

ANIMADOR FRATERO NACIONAL

Raphael Rodrigues Taboada

AUTORES

1.Caminho da Etapa de Formação Inicial

Ana Carolina Miranda, JUFRA/OFS

(Secretária Nacional de Formação 2013-2016)

2.Conhecimento Pessoal

Padre Leandro Nunes Teixeira

(Diocese de Barra do Pirai - Volta Redonda/RJ)

3.Vocações

Frei Pedro Júnior Freitas da Silva, OFM

(Ex-jufrista Regional NE B1)

4.São Francisco de Assis I – Contexto Histórico e Vida

Frei Marcos do Couto Silva, OFMCap

(Assistente Espiritual do Regional NE B3 2013/2014)

5.São Francisco de Assis II – Processo de conversão

Raphael Taboada, OFS

(Animador Fraterno Nacional 2013-2016)

6.São Francisco de Assis III – Vocação e espiritualidade

Frei Neuzimar Santana Campos e Silva, OFM

(Assistente Espiritual Local SE2 2015)

7.Santa Clara de Assis I – História e Vida

Irmã Joice Joseph

(Irmãs Terciárias Franciscanas Regulares)

Irmã Danila Cristina Freitas,

(Irmãs Terciárias Franciscanas Regulares / Assistente Espiritual Regional NE B4 2014)

8.Santa Clara de Assis II – Vocação e Espiritualidade

Irmã Joice Joseph

(Irmãs Terciárias Franciscanas Regulares)

Irmã Danila Cristina Freitas,

(Irmãs Terciárias Franciscanas Regulares / Assistente Espiritual Regional NE B4 2014)

9.Ideal Franciscano de vida e compromisso franciscano de vida

Maria Aparecida Brito JUFRA/OFS

(Secretária Nacional de Finanças 2013-2016)

10.Vida em Fraternidade

Frei Oton da Silva Araújo Júnior, OFM

11.Símbolos Franciscanos

Frei Arlaton Luiz Soares de Oliveira, OFM

(Assistente Espiritual Regional SE1 2014-2017)

12.As Ordens criadas por São Francisco de Assis e a Família Franciscana

José Flávio Martins da Silva

(Animador Fraterno Local NE B1 2013 e Vice Coordenador da CFFB Alagoas)

13.Histórico, organização e objetivos da Jufra

Emanuelson Matias de Lima

(Secretário Nacional de DHJUPIC 2010-2013)

14.Santa Rosa de Viterbo

Edson Armando Silva

(Secretário Fraterno Nacional 1989-1992)

15.Manifesto da JUFRA

Maria de Lourdes Nunes Carvalho

(Secretária Fraterna Nacional 1983-1986/1986-1989)

Fraternidade Santa Rosa de Viterbo

(Cohab-Anil, São Luís/MA)

16.Carta de Guaratinguetá: A Jufra que queremos ser

Frei Wellington Buarque de Souza, OFM

(Assistente Espiritual Nacional 2013-2016)

Mayara Ingrid de Sousa Lima, JUFRA/OFS

(Secretária Fraterna Nacional 2013-2016)

17.História da Fraternidade Local

Gleice Francisca Pereira da Silva, JUFRA/OFS

(Secretária Nacional para a Área Sul 2013-2016)

18.Crise na fraternidade e a perfeita alegria

Ívia Mayara Morais dos Santos

(Secretária Regional de Formação NE B1 2007-2010 e 2010-2013)

Juliana Caroline Gonçalves Almeida

(Secretária Regional de Formação NE B1 2013-2016)

19.Organograma e funcionamento dos serviços na fraternidade

Mônica Abadia Rodrigues Teixeira

(Secretária Nacional para a Área Sudeste 2013-2016) e Secretários Nacionais para os Serviços (2013-2016)

20.Caracterização e prática dos serviços de DHJUPIC e AE

Igor Bastos, JUFRA

(Secretário Nacional de DHJUPIC 2013/2016)

Washington Lima dos Santos, JUFRA/OFS

(Secretário Nacional de AE 2013-2016)

21.Caminhando pelas Diretrizes de Formação da JUFRA

Mayara Ingrid de Sousa Lima, JUFRA/OFS

(Secretária Fraterna Nacional 2013-2016)

SUMÁRIO

Introdução	11
1.Caminho da Etapa de Formação Inicial	13
2.Conhecimento Pessoal	19
3.Vocações	25
4.São Francisco de Assis I – Contexto histórico e Vida	31
5.São Francisco de Assis II – Processo de conversão	38
6.São Francisco de Assis III – Vocação e espiritualidade	45
7.Santa Clara de Assis I – História e vida	51
8.Santa Clara de Assis II – Vocação e espiritualidade	57
9.Ideal e compromisso franciscano de vida	61
10.Vida em Fraternidade	67
11.Símbolos franciscanos	74
12.As Ordens criadas por São Francisco e a Família Franciscana	80
13.Histórico, organização e objetivos da Jufra	89
14.Santa Rosa de Viterbo	98
15.Manifesto da Jufra	103
16.Carta de Guaratinguetá: A Jufra que queremos ser	110
17.História da Fraternidade Local	117
18.Crises na fraternidade e a Perfeita Alegria	122
19.Organograma e funcionamento dos serviços na fraternidade	128
20.Caracterização e prática dos serviços de AE e DHJUPIC	137
21.Caminhando pelas Diretrizes de Formação da Jufra	143
Músicas	151
Dinâmicas	158
Panfleto AE	169

INTRODUÇÃO

A partir desta publicação, no XVI CONJUFRA, este livro passa ser adotado por toda a fraternidade nacional da JUFRA DO BRASIL como material oficial para a EFI - Etapa de Formação Inicial.

Vale ressaltar que os encontros formativos - não só desta, mas de todas as etapas - são responsabilidade da Equipe de Formação, sob a coordenação do Secretário de Formação. É preciso trabalhar essa Equipe para que ela possa dinamizar os encontros e contribuir da melhor maneira possível para a caminhada dos jovens que chegam às nossas fraternidades.

Esse livro foi escrito por dezenas de irmãos e irmãs da própria JUFRA, OFS, frades e um padre diocesano. Por isso, é importante que cada encontro seja lido e relido durante a preparação, de forma que se trabalhe a proposta do material, desde que sempre adequada à realidade da fraternidade local.

A sequência dos encontros segue o fio condutor de que o jovem precisa conhecer a proposta da etapa na qual ele inicia sua caminhada, além de conhecer-se; em seguida conhecer Francisco e Clara, nossos maiores inspiradores, e a partir daí as demais temáticas.

Conforme registrado nas novas Diretrizes de Formação, aprovadas em 2014, é preciso lembrar que *“os temas propostos não devem ser trabalhados necessariamente em um único encontro sistemático, mas que devem considerar as vivências e as experiências práticas das fraternidades como meios concretos de formação”*.

Usamos a denominação de “coordenador” para o irmão que conduzirá o encontro, embora acreditemos que não seja a ideal. Evitamos adotar “animador” para que não houvesse confusão com a figura do “Animador Fraterno” da fraternidade. A falta do “Coordenador” será apresentada em *itálico*.

Importante ressaltar também que não utilizamos a flexão de gênero para não quebrar o texto, apesar de compreendermos e

reconhecemos o papel essencial das mulheres na Jufra, na Igreja e na Sociedade.

Por último, é preciso esclarecer que as citações e abreviações das Fontes citadas neste livro terão como referência a edição das Fontes Franciscanas e Clarianas organizadas por Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, Editora Vozes, do ano de 2004.

Equipe de Revisão

CAMINHO DA ETAPA
DE FORMAÇÃO INICIAL



INTRODUÇÃO

O caminho da Etapa de Formação Inicial da Jufra do Brasil é como uma construção, que deve ser feita com muito zelo e cautela. Assim como uma grande obra começa pelo alicerce, a caminhada nessa etapa propicia ao jovem a base para a sua formação como ser humano, cristão e franciscano. São os primeiros passos que devem ser firmes e decisivos para que a continuidade da caminhada seja madura e perseverante.

Para que essa caminhada seja frutuosa, é preciso que o jovem tenha a mente e o coração abertos para essa formação, que vai muito além dos encontros, mas perpassa nosso convívio fraterno, nossa vida de oração e atuação na sociedade. Assim como Francisco e Clara fizeram na sua juventude, somos chamados a ter em Cristo a Rocha Firme na qual construímos o alicerce da nossa vida, escutando e colocando em prática seus ensinamentos, em busca da Civilização do Amor.

OBJETIVO

Despertar os jovens iniciantes para a importância da Etapa de Formação Inicial da JUFRA para a nossa construção enquanto franciscanos, bem como da construção da nossa própria vida, a partir de valores sólidos e indissolúveis.

MATERIAL NECESSÁRIO

Bíblia; pequenas pedras em número igual ao de participantes; folhas de cartolina; uma caixa de palitos de dente; areia e massa de modelar ou argila; 4 fôrmas de bolo ou pratos descartáveis; pequeno ventilador e regador de plantas ou escorredor de arroz; pedaços de papel; canetas, fita crepe.

AMBIENTAÇÃO

Dividir o espaço a ser usado em duas partes: na primeira, disponibilizar um tapete e almofadas em volta, de forma que todos possam se sentar confortavelmente. Ao centro do tapete, colocar um pano menor, com a bíblia no meio e as pedras em volta. Na outra parte, deixar os objetos a serem utilizados na dinâmica da construção das casas.

ACOLHIDA

O coordenador acolhe a todos conforme costume da fraternidade e pede que se sentem no círculo. Cantar o mantra: “Deus é amor! Arrisquemos viver por amor... Deus é amor! Ele afasta o medo...”.

Para dar sequência, quem coordena fala sobre o tema do encontro, introduzindo os jovens na dimensão da etapa formativa que estão vivenciando. Ele pode usar a introdução desse encontro como referência, sempre comparando a caminhada com a construção de uma casa. O coordenador aborda os temas que compõem essa etapa e cita as demais etapas a que o jovem é convidado a vivenciar.

VER

O coordenador pede que cada jovem pense na sua história, fazendo uma breve reflexão sobre o que ele considera como pedra fundamental da sua vida. Enquanto isso, cada um pega uma das pequenas pedras que estão ao redor da bíblia e retorna para o seu lugar. Após alguns instantes de reflexão, o coordenador convida para que partilhem espontaneamente com a fraternidade.

Em seguida, o coordenador questiona os participantes sobre o que eles consideram que é a pedra fundamental da vida dos jovens com os quais eles convivem, nos mais diversos ambientes: família, escola, amigos, bairro, trabalho, faculdade, igreja, entre outros. Após a conversa, o coordenador motiva os seguintes questionamentos:

Há alguma diferença entre a pedra fundamental da nossa vida e da vida desses jovens? Se houver, o que é diferente? Em que situações essa diferença fica clara? O que nos motiva a sermos diferentes?

Coordenador: *Assim como nos sentimos muitas vezes “diferentes” entre os nossos amigos, Francisco e Clara também “nadavam contra a maré” dos hábitos dos jovens de seu tempo. Enquanto estes queriam riqueza, prestígio e poder, eles perceberam que Deus reservava para eles algo muito maior, fundamentado em outros valores, que o tempo e a ferrugem não podem destruir.*

ILUMINAR - Mt 7, 24-27

Canto (ou outro à escolha da fraternidade):

Tua Palavra é lâmpada para os meus pés, Senhor! Lâmpada para os meus pés, Senhor, luz para o meu caminho (2x)!

Momento de silêncio.

Coordenador: *Quando Jesus termina o Sermão da Montanha, Ele compara dois homens que constroem suas casas, um sobre a rocha, outro sobre a areia. A casa é a imagem para descrever a própria vida. Nós construímos a nossa própria vida. Na parábola, Jesus não descreve os materiais usados na construção: madeira, pedra, tijolo, etc. Toda a importância está no fundamento da casa. As dificuldades são as mesmas para as duas casas: chuvas, enchentes, ventos fortes... O que faz uma resistir e a outra desabar diante dos mesmos fenômenos é o fundamento de cada uma. E as imagens para descrever os fundamentos são totalmente contrárias: a rocha com sua solidez e segurança e a areia com sua insegurança.*

A rocha é o ensinamento de Jesus colocado em prática na nossa vida. A areia indica qualquer outra coisa que se torna o ponto fundamental de nossa existência: os bens materiais, a beleza, o prazer...

Jesus é a rocha sobre a qual devemos construir nossa vida. Como? Colocando em prática seus ensinamentos. Chuvas, enxurradas, ventos e outros fenômenos designam as provações e dificuldades da vida. Elas nada podem contra aqueles que praticam as palavras de Jesus.

AGIR

O coordenador convida os participantes a se levantarem e se dirigirem ao outro espaço, onde estão os objetos da dinâmica. Ele os divide em 4 grupos, distribuindo para cada um deles um tipo de material: cartolina, palitos de dente, areia e massa de modelar ou argila. Além do material, a forma de bolo ou prato descartável para que os grupos desenvolvam a atividade.

Em seguida, dá aos grupos 10 a 15 minutos para montarem uma casa com o material que possuem, dentro da forma ou prato, sem cola, fita crepe ou qualquer outro material adesivo. Ao fim do tempo determinado, os grupos apresentam as casas que construíram. Os jovens observam-nas e o coordenador pede que passem com as suas “obras” perto do ventilador e embaixo do regador de plantas ou escorredor de arroz.

Coordenador: *Vamos observar nossas casas. O que aconteceu com cada uma delas?*

(Cartela de cartolina: cai com o vento e a água (chuva) amolece o papel; palito de dente: desaba com o vento e espalha-se com a água; areia: espalha-se com o vento e deforma-se com a água; massa de modelar: não cai com o vento e não desmancha com a água.)

Comentar o que há em comum entre o trabalho realizado e a parábola narrada.

Coordenador: *Se imaginarmos que cada casa é nossa vida, que tipo de casa cada um de nós está construindo?* (Deixar que partilhem.)

O coordenador convida os jovens a voltarem para o primeiro espaço e, pegando um pedaço de papel e uma caneta, cada um escreve uma mensagem sobre a sua reflexão a partir da construção da sua vida.

O coordenador retoma a temática do encontro, falando dos encontros da EFI e da importância deles como alicerce da vida do jufrista e da construção de sua vida franciscana.

CELEBRAR

Coordenador: *Agora que já refletimos a importância de pensarmos bem a construção da nossa casa/vida, cantemos o Salmo 27, que ressalta que Deus está conosco e é nossa fortaleza.*

O Senhor é minha luz, ele é minha salvação, que poderei temer? Deus, minha proteção!

1. O Senhor é minha luz, / ele é minha salvação. / O que é que eu vou temer? / Deus é minha proteção. / Ele guarda minha vida, / eu não vou ter medo, não. / Ele guarda minha vida, / eu não vou ter medo, não.

2. Quando os maus vêm avançando, / procurando me acuar, / desejando ver meu fim, / querendo me matar, / inimigos opressores / é que vão se liquidar. / Inimigos opressores / é que vão se liquidar.

3. Se um exército se armar / contra mim, não temerei. / Meu coração está firme, / e firme ficarei. / Se estourar uma batalha, / mesmo assim, confiarei! / Se estourar uma batalha, / mesmo assim, confiarei!

4. Sei que eu hei de ver, um dia, / a bondade do Senhor: / lá, na terra dos vivos, / viverei no seu amor. / Espera em Deus! Cria coragem!

/ Espera em Deus que é teu Senhor! / Espera em Deus! Cria coragem!
/ Espera em Deus que é teu Senhor!

Coordenador: *Façamos a ressonância do salmo, repetindo espontaneamente as partes que nos chamam a atenção.*

Tempo para a ressonância. Em seguida, canta-se novamente o refrão.

O coordenador entrega a cada jovem um pedaço de fita crepe e pede que cole no peito a mensagem que escreveu no momento AGIR. Em seguida, convida os irmãos para formarem dois círculos, um dentro do outro, com o mesmo número de participantes cada. Todos ficam de frente uns para os outros. Com uma música de fundo, o coordenador orienta para que os irmãos se abracem e um leia a mensagem no peito do outro, fazendo os círculos girarem de um em um, para que todos leiam as mensagens dos irmãos até que se chegue aos pares iniciais.

O coordenador orienta para que um círculo se encaixe no outro e todos, de mãos dadas, rezam o Pai Nosso e se abraçam desejando “Paz e bem!”.

MOTIVAÇÃO FINAL

Fazer a opção por “construir a casa sobre a rocha” nem sempre é a alternativa mais fácil. Fazer a caminhada formativa da Juventude Franciscana também não, pois exige perseverança e disponibilidade para abrir-se ao novo. Ser franciscano é querer construir a casa sobre a Rocha Firme que é Jesus e em relações profundas e verdadeiras com nossa fraternidade e os mais necessitados.

CONHECIMENTO PESSOAL



INTRODUÇÃO

Quem sou eu? Qual minha história de vida? Qual é a relação comigo mesmo? São perguntas importantes para o autoconhecimento e para a construção da personalidade do jovem. Sem a capacidade de autoconhecimento e autocrítica, o jovem é incapaz de analisar as situações com objetividade, de administrar os conflitos e de se relacionar com outros de uma maneira equilibrada. Sem esta dimensão, torna-se difícil o conhecimento de si próprio, de seu encontro com Deus e, de seu encontro com os outros e com a criação.

OBJETIVO

Olhar para a história pessoal, partindo de sua história de vida, e trazer elementos que favoreçam o autoconhecimento.

MATERIAL NECESSÁRIO

Bíblia; folhas de papel; caneta; aparelho de som; espelho escondido dentro de uma caixa (de modo que ao abri-la o integrante veja seu próprio reflexo); mesa com toalha; vela e projetor.

AMBIENTAÇÃO

Preparar o ambiente com uma mesa, bíblia, vela e palavras como: *história, vida, eu, alegria, angústia, conhecimento*. Essas palavras escritas em um papel poderão ser colocadas no centro sobre um pano colorido para que o grupo em círculo visualize ou exibidas em um projetor.

ACOLHIDA

Proporcionar um clima acolhedor, onde todos se sintam à vontade;

Iniciar o encontro com o sinal da cruz;

Invocar a presença do Espírito Santo com o canto “*Vem, Espírito Santo, vem, vem iluminar...*” ou a oração “*Vinde, Espírito Santo, enchei o coração de vossos fiéis...*”;

Meditar o Salmo 139 (138);

Rezar o Pai-Nosso;

Acolher com carinho os presentes, apresentar o tema e começar com a dinâmica abaixo:

O coordenador deve motivar o grupo: *"Cada um pense em alguém que lhe seja de grande significado. Uma pessoa muito importante para você, a quem gostaria de dedicar a maior atenção em todos os momentos, alguém que você ama de verdade, com quem estabeleceu íntima comunhão... Alguém que merece todo seu cuidado, com quem está sintonizado permanentemente... Entre em contato com essa pessoa, com os motivos que a tornam tão amada por você, que fazem dela o grande sentido da sua vida..."* Deve ser criado um ambiente que propicie momentos individuais de reflexão, inclusive com o auxílio de alguma música de meditação. Após esses momentos de reflexão, o coordenador deve continuar: *"Agora vocês vão encontrar-se aqui, frente a frente com essa pessoa que é tão significativa na sua vida."* Em seguida, o coordenador orienta para que os integrantes se dirijam ao local onde está a caixa (um por vez). Todos devem olhar o conteúdo e voltar silenciosamente para seu lugar, continuando a reflexão sem se comunicar com os demais.

Finalmente é aberto o debate para que todos partilhem seus sentimentos, suas reflexões e conclusões sobre essa pessoa tão especial. (É importante debater sobre os objetivos da dinâmica).

O coordenador, após escutar as diversas experiências sobre o “olhar-se no espelho”, conclui da seguinte maneira: *“Somos seres únicos e especiais, por isso mesmo somos diversos. Até no DNA e nas impressões digitais somos únicos e diferentes uns dos outros. Não sou um grão perdido em algum lugar, mas Eu sou eu, isto é, Deus criou-me com características exclusivas e deu-me diversos dons que outros não receberam. Ele tem um projeto para mim e me ama infinitamente assim, como eu sou.”*

VER

O ser humano como criatura de Deus e ser de relação

O ser humano é criatura, como os demais seres do mundo. Ele é a “imagem e semelhança” (cf. Gn 1,26) do Criador e possui uma relação específica com as demais criaturas, que não deve ser de domínio, mas de zelo (cf. Gn 2,19-20). A aceitação da diferença e da responsabilidade de administrar com cuidado, possibilita a valorização do dom da criação.

Um ser humano também é diferente do outro e essa aceitação de que são diferentes possibilita o enriquecimento, a humanização

evitando as repetições, bem como as dominações do outro. Se o outro fosse igual a mim, o outro não passaria de um espelho onde me detesto ou admiro.

Sabemos que somos mais de seis bilhões de pessoas na Terra. Porém, o ser humano é concretamente Wellington, Leandro, Carolina, Francisco, Clara... O ser humano é alguém específico, com identidade própria. Possui individualidade. Aquele que se identifica como ser humano não é apenas o ser racional (“Penso, logo existo.”), mas o que sente, ama, se alegra, ri, chora, trabalha, partilha a vida, estabelece amigos, integra-se à coletividade, sonha, pergunta; ou seja, é ser humano aquele que é humano com as outras criaturas, consigo mesmo e com Deus, que conhece sua história de vida e que se relaciona com outras histórias de vida.

Quando diz “eu”, a pessoa diz não por considerar-se um ser fechado em si mesmo ou em seu próprio “mundo”, mas porque está relacionada com os outros. Por isso, a identidade de alguém acontece nas relações que o ser humano é capaz de estabelecer.

Afirmar o ser humano como um ser de relação para buscar sua identidade é complexo. Para saber quem é quem, isto é, quem eu sou, quem é Antônio, Pedro ou Marcos, é preciso perceber-se em suas múltiplas histórias de relações, a saber: história da família, da infância, adolescência, juventude, estudos, trabalho, amizades, religiosidade, maturidade, etc. Por isso, ninguém se conhece ou se realiza sozinho. Precisamos dos outros. Precisamos saber nossa história, para podermos crescer como verdadeiros seres humanos através das relações.

A Conferência de Puebla (México) fez uma opção preferencial pelos jovens. No documento final, os bispos latino-americanos afirmaram que existem “três planos inseparáveis para a realização do ser humano: a relação com o mundo, com as pessoas e com Deus”(P 322). Essa afirmação corrobora o que dissemos acima: No processo de conhecimento pessoal, o ser humano deve se entender como criatura relacional, ou seja, o processo de autoconhecimento se dá a partir da relação com sua história (consigo mesmo), com as demais criaturas (como cuidador), com o outro (como irmão) e com Deus (como filho).

ILUMINAR - Lucas 9,18-20;

À medida que nos relacionamos com as outras pessoas, elas vão traçando uma imagem de nós. A “imagem” que os outros possuem de nós torna-se importante. Percebemos isso no relato evangélico em que Jesus pergunta aos discípulos qual imagem possuíam Dele.

CANTAR O REFRÃO:

“Fala Senhor, fala da vida, só Tu tens palavra de vida, queremos ouvir...”;

SILÊNCIO/MEDITAÇÃO

PARTILHA

O que no texto me chamou atenção?
Como ilumina nossa vida hoje?
Quais aspectos destaco para minha vida?

AGIR

Motivar cada participante a aproveitar o que aprendeu nesse encontro e escrever um texto (espelho) sobre sua vida a partir de palavras como: *“Quem sou eu”, “minha história”, “qualidades”, “dons”, “limites”, “angústias”, “desejos”, “sonhos”, “projetos”, etc.*

CELEBRAR

Em círculo, os participantes novamente olharão a caixa com o espelho. Quando todos terminarem de olhar, podem dar-se as mãos e, numa palavra, resumir o que mais os marcou no encontro. Podem cantar o salmo 139(138) na versão do hinário litúrgico da CNBB como ação de graças por aquele momento de reflexão, relação e autoconhecimento, ou seja, onde aprenderam que conhecimento de si se dá nas relações com Deus, consigo mesmo, com os outros e com o mundo/natureza/demais criaturas.

Terminar com a oração do Pai-Nosso, sinal da cruz e se despedir com um abraço de paz.

MOTIVAÇÃO FINAL

A pergunta feita por Jesus aos discípulos “Que dizem as multidões quem eu sou?” deve permear a nossa vida, fazendo com que

nos questionemos, ao longo da nossa caminhada, sobre como temos nos relacionado. É preciso conhecer a imagem que as pessoas com as quais convivemos construíram de nós, mas principalmente a que nós mesmos fazemos a nosso respeito. A partir de uma reflexão madura e constante sobre nossas qualidades, defeitos e nosso modo de relacionarmo-nos, passamos a nos conhecer melhor e, conseqüentemente, melhorar nossas relações. Para que isso seja possível, precisamos estar abertos às críticas e elogios que os que estão à nossa volta nos fazem construtivamente.

VOCAÇÃO



INTRODUÇÃO

Quando refletimos um tema como este, logo vem à nossa mente a imagem de um estilo de vida com cunho religioso, ou seja, para a vida Presbiteral ou Religiosa. Vocação vem do verbo no latim “vocare” (“chamar”). É um chamado do próprio Deus e, se Ele chama, precisa-se de uma resposta. Dessa forma, o chamado é a todo ser humano, indistintamente. Todo homem e mulher, pelo simples fato de estarem no mundo, estão em estado de “vocação”. Através dos acontecimentos humanos, Deus os chama primeiramente à existência por um particular plano de amor. De fato, a vocação, como a existência, é sempre um chamado pessoal. Deus não constrói os homens em série, por uma cadeia de montagem comum a todos; não usa a mesma forma para duas pessoas; fala pessoalmente a cada um.

OBJETIVO

Constatar que todo ser humano é um vocacionado e colaborador na realização de um mundo mais humano e justo.

MATERIAL NECESSÁRIO

Caderno e caneta; crucifixo de São Damião; imagens diversas que retratem os vários tipos de vocação: o chamado à vida, vocação cristã, vocação da Igreja e sua missão, vocação Sacerdotal, vocação Religiosa e vocação Matrimonial.

AMBIENTAÇÃO

Se possível, realizar o encontro em um local onde se observe a natureza. Ter presente o crucifixo de São Damião e as imagens sugeridas.

ACOLHIDA

1. O animador deve providenciar um papel com o nome de uma ferramenta escrita nele (martelo, prego, parafuso, serrote, chave de fenda, pincel, porca, metro...). Será distribuído um papel para cada participante.

2. Eles refletirão por alguns minutos. Após esse primeiro momento, o coordenador explicará que cada um terá que se apresentar e dizer qual ferramenta tirou e explicar como se pode qualificar uma pessoa sendo tal ferramenta, no caso, ele próprio. Se ele se vê daquela forma (dentro e fora da Igreja). O coordenador pode auxiliar cada um sobre a ferramenta que retirou. Por exemplo, uma pessoa retirou o “Parafuso” e ele diz: *“Meu nome é Priscila, tenho 22 anos..., e a ferramenta que eu*

retirei foi o parafuso. Às vezes, vejo que eu dou muitas voltas para chegar aos meus objetivos, que preciso de ajuda assim como o parafuso precisa da chave de fenda...”

3. O animador finaliza dizendo que todos temos uma vocação, um chamado específico, mesmo sendo diferentes, somos fundamentais para a Evangelização, para Deus. Cada ferramenta possui seus defeitos e qualidades, mas apenas juntas conseguem criar cadeiras, mesas, portas. Para Deus também, pois nós temos defeitos e qualidades, mas apenas estando juntos conseguiremos alcançar a Glória de Deus.

VER

Encontramos na Sagrada Escritura muitos exemplos de vocação. Dentre elas: a de Adão (Gn 1,26-28), a de Abraão (Gn 12,1-5), a de Moisés (Ex 2,23-3,14), a de Samuel (1 Sm 3,1-21), a de Isaías (Is 6,1-8), a de Jeremias (Jr 1,1-10), a de Amós (Am 7,14-15), a de Ezequiel (Ez 1,1;2,1-10), a de Mateus (Mt 9,9-13), a dos Apóstolos (Mc 3,13-19), a de Maria (Lc 1,26-38), a do jovem rico (Lc 18,18-27), a dos discípulos (Jo 1,35-51), a de Paulo (At 9,1-20). Uma característica fundamental com que se apresenta a vocação na bíblia é que o chamado de Deus está sempre ligado a uma missão, a um serviço aos irmãos. A pessoa chamada colabora com Deus na realização de um mundo ainda melhor.

Muitas vezes, confundimos vocação com profissão ou vice versa. Vale lembrar que são bem distintas, por exemplo: a profissão é uma escolha individual, ou seja, uma aptidão; pode ser trocada dependendo das circunstâncias e tem como objetivo o “ter” (sustento); já a vocação é um chamado; é para sempre e tem como objetivo o “ser” (amor, serviço). Na profissão eu faço coisas e na vocação eu vivo.

Viver a vocação não é apenas seguir uma regra, participar sempre das missas, fazer boas ações. É antes vibrar com o chamado, estar disposto a doar-se por inteiro e viver com alegria o Evangelho. Dos muitos homens chamados, Francisco de Assis foi um exemplo de seguimento na alegria. Um dia pelas ruas de Assis tomou em suas mãos dois pedaços de pau e fingindo ser um violino cantava o amor de Deus que, muitas vezes, não era amado. Por diversas vezes, Francisco orientou contra a tristeza: “E guardem-se os irmãos de não se mostrarem em seu exterior como tristes e sombrios hipócritas. Mas antes se comportem como gente que se alegra no Senhor, satisfeitos e amáveis como convém” (RnB 7, 16). A alegria estava tão presente na vida de Francisco que ele encontrou mesmo na dor a possibilidade de louvar a Deus.

Portanto, vocação é um chamado de Deus aos homens e mulheres de boa vontade a viverem suas vidas de forma alegre e que contagie todos os que estão por perto, pois uma vocação bem celebrada é ter o sabor e o cheiro de Deus. Vamos refletir sobre os vários tipos de vocação.

DINÂMICA

São seis os tipos de vocação a refletir. Dessa forma, formem 3 grupos e cada um reflita sobre duas dessas vocações. Exemplo, o grupo 1 ficará com o chamado à vida e à vocação cristã... Depois que cada grupo aprofundar seu tipo de vocação, deverá apresentar da forma mais dinâmica possível: teatro, música, poesia, enfim, usando a criatividade.

CHAMADO À VIDA

Somos imagem e semelhança de Deus, por conseguinte, criatura amada e sonhada por Deus. Assim, não somos seres do acaso, mas do amor que Deus tem pelo ser humano. A vida é o primeiro chamado de Deus, a primeira vocação. Quando Ele nos chama, quer uma resposta e esta não pode ser outra senão a valorização da própria vida, o cuidado com a vida do próximo e de toda a criação. Colocar-se a serviço da vida, isto é, proporcionar o bem comum, já é responder à vocação. São Francisco e Santa Clara foram esses exemplos, pois fizeram do mundo o lugar de todos sem exclusão, ao contrário de muitos que tornam o mundo o que ele jamais foi: i-mundo. Basta lembrar o Salmo 138 (139) para entender como a vida é vocação.

VOCAÇÃO CRISTÃ

O amor de Deus pelo ser humano é sem limite. Além de chamar à vida chama também à fé e, aqui, se configura a segunda vocação: a Cristã. Um caminho que inicia com o Batismo e perdura por toda a vida. Dessa forma, o Batismo nos introduz à vida de profeta, sacerdote e rei. Como todo chamado exige uma resposta, esta não pode ser outra senão participar ativamente da comunidade, reunindo para a escuta da Palavra de Deus, para a comunhão eucarística, para o serviço aos irmãos mais necessitados. Os apóstolos foram a primeira comunidade de Jesus, juntamente com outros seguidores, homens e mulheres. Dentre muitos, São Francisco, que deixou toda a sua riqueza para abraçar uma vida em fraternidade (comunidade) a serviço dos leprosos, anunciando a paz e pregando o Evangelho com alegria. Nos Atos dos Apóstolos se percebe o quanto os seguidores de Jesus levaram a sério a participação na comunidade. Exemplo: At 2, 42-47.

VOCAÇÃO DA IGREJA E SUA MISSÃO

A Igreja é “povo de Deus”, que Jesus reuniu na força de Deus e no sopro do Espírito Santo. Ela tem a função de evangelizar como nos recorda o Evangelho de Mateus: “Vão pelo mundo e façam com que todos os povos se tornem discípulos” (Mt 28, 19). A Igreja não é um “prédio” fixo e, sim, todos aqueles e aquelas que se dispõem a celebrar a Eucaristia e anunciar o Evangelho da Salvação. Com isso, ela se torna missionária desde sua origem. Como povo de Deus ou Igreja que somos, damos a nossa resposta ao chamado de Cristo através da Palavra e do testemunho de vida. Como São Francisco nos diz: “Pregue o Evangelho em todo tempo. Se necessário, use as palavras”. Para ajudar a entender melhor o ser Igreja ler Romanos 12, 4-13.

VOCAÇÃO PRESBITERAL

Sendo a Igreja “povo de Deus”, ela comporta diferentes funções: presbítero, consagrados e cristãos leigos. Todos exercem seus serviços sem que para isso um seja melhor ou maior que outro. Somos um corpo com muitos membros. O presbítero ou padre é chamado a ser pastor do rebanho de Cristo, a exemplo do Bom Pastor (Jo 10). Para exercer esse ministério, é necessário, como nas demais vocações, de um chamado, porém, específico e aceito pela Igreja. Para isso, precisa ser discernida e cultivada carinhosamente, pois terá a missão de organizar os serviços da comunidade: catequese, liturgia, grupos de jovens, etc. Para melhor meditar esse ministério, cantar: “Tu és, Senhor, o meu pastor, por isso nada em minha vida faltará...”.

VOCAÇÃO RELIGIOSA

São homens e mulheres que vivem de forma especial o seguimento a Jesus Cristo. Pertencem a uma Ordem, Congregação ou Instituto. Vivem em fraternidade inspirando-se no carisma do fundador como, por exemplo, a Ordem dos Frades Menores - ou franciscanos - que se inspira em seu fundador São Francisco. Bem como as Clarissas inspiradas em Santa Clara. Os que abraçam essa vida não se casam, vivem em pobreza e obedecem a regra e constituições próprias. São Francisco e Santa Clara apontam para o centro de sua regra: observar o Evangelho e seguir seus passos. Você já pensou em ser religioso franciscano? Cantar a música: “Eis-me aqui Senhor...”.

VOCAÇÃO MATRIMONIAL

O Matrimônio é um chamado de Deus a viver uma vida a dois, numa só carne. O amor do homem à sua esposa e vice versa devem lembrar o amor imenso e gratuito que Deus oferece a cada pessoa. O casal

humano torna-se o berço da vida e da família, constituindo assim a célula fundamental da sociedade que Deus confia para o milagre maior que chamamos de vida. Para melhor compreender, ler a oração da família de padre Zezinho: “... abençoa Senhor as famílias, amém. Abençoa Senhor, a minha também.”.

ILUMINAR

Ler e refletir a vocação de três jovens:

- Vocação de Moisés (Ex 3, 5-15)
- Vocação de Jeremias (Jr 1, 4-9)
- Vocação de Paulo (At 9,3-6)

Diante dos textos, reflita: Como se realiza o chamado de Deus em minha vida?

AGIR

Exercer sua vocação dentro da comunidade participando ativamente de uma pastoral.

Conversar com o padre de sua paróquia a possibilidade de criar uma pastoral vocacional.

CELEBRAR

Cantar a oração de São Francisco: “Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz...”

Rezar juntos a bênção que São Francisco dava aos irmãos: “O Senhor te abençoe e te guarde; te mostre a sua face e tenha misericórdia de ti. Volva para ti o seu olhar e te dê a paz”.

MOTIVAÇÃO FINAL

Amedeo Cencine, na obra “Construir cultura vocacional”, afirma que muitos são os chamados, mas poucos os que chamam. Hoje a verdadeira crise vocacional não é dos chamados, mas daqueles que deveriam encarregar-se do mistério do chamado. E se são poucos os que chamam, pouquíssimos serão os que poderão dar-se conta desse chamado, e ainda menos os que poderão responder e saber acolhê-lo.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS I

Contexto Histórico e Vida



INTRODUÇÃO

Neste encontro será necessário que todos estejam dispostos a entrar numa viagem no tempo e a fazer uma experiência, na qual o conhecimento do passado pode alterar as vidas de cada um no presente e no futuro. Assim como é importante conhecermos o álbum de fotografias da nossa família, descobrindo de onde somos e com quem parecemos, é importante conhecermos também o álbum de fotos da família espiritual na qual vivemos, entusiasmando-nos e fortalecendo-nos na caminhada.

OBJETIVO

Despertar a percepção sobre a construção gradativa da resposta de São Francisco ao chamado de Deus, situando também o início do carisma franciscano dentro do contexto social, cultural, econômico e religioso do seu tempo. Buscamos observar também como o franciscanismo caminha buscando responder aos desafios de cada tempo.

MATERIAL NECESSÁRIO

Bíblia; Escritos Franciscanos; velas; equipamento de som; crucifixo de São Damião; presépio e imagem da eucaristia. Se possível, imagens da cidade de Assis ou que representem o período medieval (dando destaque às guerras, armadura medieval, pobreza, leprosos, comércio, natureza, igrejas de São Damião, Porciúncula e basílica de São Francisco). Cópias das músicas: "Assis", "Cantiga por Francisco" ou "São Francisco de Assis" ("A gente pode ser muito mais feliz...").

AMBIENTAÇÃO

Colocar as cadeiras em forma de círculo e dispor, no chão, junto às velas, o crucifixo de São Damião, o presépio e a imagem da eucaristia, além de imagens da paisagem e do contexto social da cidade de Assis medieval. Será necessário também preparar o momento "Ver" da forma mais adequada à realidade da fraternidade. Ele pode ser encenado ou apresentado em forma de vídeo ou jogral, mas é que seja preparado com antecedência e envolva os jovens iniciantes. Nesta proposta, será apresentado o texto em forma de

jogral, no qual cada participante apresenta a sua fala enquanto carrega em mãos algo que represente o seu texto.

ACOLHIDA

Logo na entrada do espaço onde acontecerá o encontro, a Equipe de Formação acolhe e cumprimenta, afetivamente e com atenção especial, cada irmão e irmã que chega, criando um clima de intimidade e confiança entre todos. Cantar um canto, ligado ao tema. Falar sucintamente o tema do encontro, fazendo o convite para uma viagem no tempo, diretamente para a Idade Média.

VER

Coordenador: *São Francisco nasceu provavelmente entre o final de 1181 e início do ano de 1182 e faleceu em 3 de outubro de 1226, na cidade italiana de Assis, que fica situada no continente europeu, no período histórico da “Idade Média”. Cabe lembrar que, no período seguinte, o Renascimento, a postura anti-nobreza e anti-clerical estimulou uma atitude social de desqualificação e preconceito com a “Idade Média”, que trouxe grandes contribuições para a humanidade em diversos aspectos, como nos lembra o historiador francês Jacques Le Goff: “A Idade Média criou a cidade, a nação, o Estado, a universidade, o moinho e a máquina, a hora e o relógio, o livro, o garfo, a lingerie, a pessoa, a consciência e finalmente a revolução”. Sendo assim, vamos iniciar a nossa viagem ao passado, aproximando-nos cuidadosamente e ouvindo com muita atenção, o próprio Francisco relatar para nós como era o tempo em que ele viveu.*

Jufrista 1: Paz e bem irmãos e irmãs, meu nome de batismo é Giovanni di Bernadone, mas sou mais conhecido como Francisco de Assis. É que meu pai, Pietro di Bernadone, ao voltar de uma viagem após o meu nascimento, não gostou do nome de Giovanni e passou a me chamar de Francesco, que é uma espécie de apelido que significa francesinho. Meu pai era um grande admirador da França, lugar onde comprava boa parte de seus tecidos e a terra natal da minha mãe dona Pica di Bernadone. Eu fui o primeiro Francisco da história, graças ao apelido dado por meu pai.

Jufrista 2: A política naquele tempo estava muito agitada. Passávamos a ter maior facilidade em mudar de classe social, através

da possibilidade de compra do título de nobreza. As pessoas nasciam, cresciam e morriam numa mesma condição. Era mais ou menos assim: A nobreza (senhores feudais, cavaleiros, condes e duques), o clero (religiosos, sacerdotes, bispos e o Papa) e os servos (camponeses, comerciantes e artesãos). Clara, pertencia a nobreza, mas, na noite do domingo de Ramos, de 1212, juntou-se a nós na missão de lembrarmos que o mais importante é sermos todos irmãos.

Jufrista 3: Fomos por várias vezes às ruas e lutamos pelo fim do feudalismo e implantação das comunas, que era uma nova estrutura social em forma de corporações e associações. A sociedade feudal funcionava mais ou menos assim: muitos com pouco e poucos com muito. Eu fazia parte de uma nova classe, a burguesia, que estava crescendo. Passamos a comprar armaduras e ir ao combate com a promessa de que, voltando vitoriosos, poderíamos ter um título de nobreza. A loja de tecidos do meu pai passou a ter muito dinheiro e começamos a sonhar em ostentar títulos e prestígio.

Jufrista 4: A tecnologia do meu tempo trazia a cada dia novidades que mexiam e muito nas vidas das pessoas. Até chamaram este tempo de “Revolução Industrial da Baixa Idade Média”. Foram aperfeiçoadas as técnicas de produção agrícola com a invenção de equipamentos altamente desenvolvidos como: moinho hidráulico, arado com rodas e a atrelagem dos bois nas carroças, e do desenvolvimento da matemática, medicina, física, astronomia e biologia, através da tradução de diversos autores de origem grega e árabe.

Jufrista 5: Por outro lado, os conflitos por mais terras para a expansão da agricultura provocam o aparecimento de diversas revoltas camponesas, influenciadas também pelo crescimento da população na Europa. Crescia a cada dia o consumo de vestuário, comida e defesa, como armas, armaduras, cavalo, etc. Aumentavam também a criminalidade, doenças e epidemias, pois a maior circulação e contato entre as pessoas, unido a uma precária estrutura sanitária, faziam com que as doenças chegassem cada vez mais dentro das cidades e todos vivessemos em constante medo e desconfiança.

Jufrista 6: Grandes desafios para a Igreja eram os vários movimentos heréticos como: os Cátaros, palavra que significa “puro” ou “perfeito”, conhecidos como Albigenses (por virem da região francesa de Albi), e os Valdenses, seguidores do francês Pedro Valdo,

que traduziu a bíblia do latim para a língua popular, mas seus seguidores não se submetiam aos ensinamentos da Igreja. Depois da minha conversão, muitos achavam que meus irmãos e eu éramos um grupo de hereges, mas logo fomos ao santo padre, o Papa Inocêncio III, que nos deu a sua bênção. Outro grande desafio foram as Cruzadas, expedições militares-religiosas no oriente e no ocidente.

Jufrista 7: Por uma boa parte de sua vida, Francisco se encaixou no que aquela sociedade oferecia à juventude daquele tempo, como vimos, uma realidade com muitas contradições e, por isso, também cheia de máscaras e ilusões. Não demorou muito tempo e ele percebeu que, além de tudo isso, havia algo, ou melhor, Alguém que traria luz aos seus olhos e o faria enxergar todo este contexto com os “olhos do espírito”.

Jufrista 8: Numa sociedade onde todos tentavam subir e se colocar à frente uns dos outros, Francisco pregou e viveu a necessidade de perceber Deus através da fragilidade da vida humana e de tornar-se menor. Francisco descobre a importância da Encarnação: Deus que se abaixa e se fez humano. Seu reino é para todos e não para uma classe social específica. O Papa Bento XVI lembra este aspecto da Encarnação na vida do carisma: “... os Franciscanos difundiram muito a devoção à humanidade de Cristo, com o compromisso de imitar o Senhor”.

ILUMINAR

Coordenador: A espiritualidade franciscana tem como eixo o mistério da Encarnação de Jesus. A estrada que leva à fraternidade é o caminho da minoridade movido pelo amor. Francisco descobre e apresenta três fontes desta espiritualidade da Encarnação, que podemos também chamar de espiritualidade da reconciliação. Elas são colunas para o seguimento do Cristo de todos os franciscanos. Através dessas inspirações, vamos conhecer as dimensões que inspiram Francisco:

Jufrista 9: Encarnação do Cristo Crucificado – Experimentei no início do meu processo de conversão, no encontro com o crucifixo de São Damião, na cruz do ser humano que está com dor e é desprezado, como os leprosos, e também, no final da minha vida, no recebimento das chagas no Monte Alverne. Entendi que o caminho de

elevação, é continuar até o final da vida na descida diária do abraço alegre e cheio de amor a cruz.

SUGESTÕES DE LEITURA: Lc 9,23; Lm 6,2; 2Cel 211

Jufrista 10: Encarnação do Cristo no seu nascimento – Fiz o presépio em Greccio para lembrar a beleza de Deus que se encarnou na fragilidade de uma criança e dependeu do colo, carinho, cuidado dos seres humanos. Diante da morte, a vida continua humilde a nascer, alimentando um agradecido louvor a Deus, que fez da terra a sua morada. Daí, vi uma visão positiva e alegre do mundo, onde tudo lembra a bondade e misericórdia de Deus.

Sugestões de leitura: 1Cel 84 e LM 6,1

Jufrista 11: Encarnação de Cristo na Eucaristia - Deus continua conosco, escondido nas pobres aparências do pão e do vinho. Aquele que fez o pão, aquele que fez o vinho, torna-se alimento oferecendo a si mesmo. Um olhar que não exclui, mas inclui, pois é capaz de enxergar beleza escondida na pobreza, como a pedra preciosa escondida e que tantos de nós desejam encontrar.

SUGESTÃO DE LEITURA: COrd (Carta a toda a Ordem) 26-29

Coordenador: *Francisco recebeu essas realidades através da sua experiência de fé. Ele percebeu que o seu batismo, na Igreja Católica, Igreja de Cristo, mas vivida por homens e suas contradições, dava acesso a todas estas realidades verdadeiras, bonitas e que em sua vida, era chamado a responder de forma generosa ao chamado que Deus o havia feito. “Francisco, vai e restaura a minha igreja” (2Cel 10,4)*

AGIR

Coordenador: *Vimos que Francisco era um jovem que, a princípio, tinha os mesmos sonhos dos jovens de seu tempo. E nós? Como nos encaramos inseridos em juventudes tão diversas no nosso tempo? Vamos refletir a respeito.*

1. Como é a sociedade que vivemos atualmente?

2. Quais as principais contradições que encontramos na nossa realidade social?

3. Quais os principais sonhos de sucesso dos jovens hoje?

4. Denominar-se franciscano, é muito desafiador. Como franciscanos, o que poderíamos fazer de concreto hoje?

Terminada a conversa, dentre os questionamentos levantados, o coordenador propõe que a fraternidade assuma um gesto concreto que se comprometer.

CELEBRAR

De mãos dadas, cantar juntos e com alegria a música “São Francisco de Assis” (“A gente pode ser muito mais feliz...” ou outra conhecida e que seja ligada ao tema.

MOTIVAÇÃO FINAL

Agora sabemos um pouco mais sobre a vida de São Francisco de Assis. Com certeza, ainda temos muito a conversar e aprender sobre o santo. Que tal em casa na escola ou faculdade continuarmos esta conversa com nossos amigos, pais, mães, tios, tias e avós? Lembrando sempre do nosso gesto concreto e do desafio diário de seguirmos o exemplo do jovem de Assis.

REFERÊNCIA

Música: "Assis", Faixa: 2, Duração: 2:51, CD Opereta Irmã Clara e Pai Francisco, Produção: Paulinas-COMEPE, Letra e Música: Pe. Zezinho SCJ.

Música: Cantiga por Francisco, Faixa: 3, Duração: 3:19, CD Um certo Galileu V. 1, Produção: Paulinas-COMEPE, Letra e Música: Pe. Zezinho SCJ.

Música: São Francisco de Assis (agente pode ser muito mais feliz...), Faixa: 7, CD Santos do povo, Produção: Paulinas-COMEPE, Letra: Pe. Joãozinho, scj e Pe. Geraldo C., scj

LE GOFF, J. Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente. Lisboa: Editora Estampa, 1995

PAPA BENTO XVI, Audiência Geral, Quarta-feira, 13 de Janeiro de 2010

-http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100113.html

SÃO FRANCISCO DE ASSIS II
Processo De Conversão



INTRODUÇÃO

Após aprofundarmos, no último tema, nossos conhecimentos acerca do início da vida de São Francisco de Assis, passaremos a traçar, neste encontro, os mais relevantes momentos que marcaram a conversão de sua vida, ou seja, as ocasiões que impulsionaram o Santo de Assis a deixar suas aspirações mundanas para se dedicar a uma vida inteiramente voltada para o Senhor.

Mas, primeiramente, é importante fixarmos a ideia e o conceito da palavra “conversão” para o âmbito da espiritualidade, que justamente corresponde a uma mudança de conduta e de pensamento de modo a adequá-los, mais especificamente no cristianismo, aos valores presentes no Evangelho. E foi assim que aconteceu com São Francisco de Assis.

OBS.: A opção pela vivência do carisma franciscano faz com que nos esforcemos para conhecer sempre mais a vida de São Francisco de Assis. Assim, se faz necessário que em alguns encontros sejam trabalhados temas expositivos recheados com muitos fatos históricos. Importante, por isso, que a Equipe de Formação se esforce para espiritualizar o conteúdo histórico, transmitindo o conteúdo com devoção e estimulando cada um dos irmãos a partilharem sobre suas experiências de conversão, bem como sobre suas caminhadas vocacionais.

OBJETIVO

Partilhar as diversas experiências vividas por São Francisco em seu processo vocacional, analisar as respostas que deu ao chamado de Deus, a evolução de seu entendimento quanto à sua verdadeira vocação e avaliar como está o nosso processo diário de conversão à luz do conteúdo desenvolvido neste encontro.

MATERIAL NECESSÁRIO

Velas; crucifixo de São Damião, Bíblia; Fontes Franciscanas; cópias do canto “Conversão de Francisco” e tiras de papel com frases referentes à conversão do jovem de Assis, tais como: “Senhor, que queres que eu faça?”, “O que me parecia amargo tornou-se doce...”, “Vai e reconstrói a minha igreja!”, “É isto que eu quero...”.

AMBIENTAÇÃO

Propor um início silencioso de preferência criando-se um espaço celebrativo iluminado somente com luz de velas. Tiras de papel com perguntas citadas no material espalhadas pelo chão onde os participantes vão estar.

ACOLHIDA

O coordenador acolhe os participantes como de costume e, para dar início ao encontro, convida-os a cantarem um mantra vocacional que leve o jovem iniciante a refletir acerca de sua caminhada cristã (preferencialmente o abaixo indicado):

Refrão meditativo: “Senhor, que queres que eu faça? Senhor, que queres de mim? Mostra-me os teus caminhos! Senhor, que queres de mim?”

VER

Coordenador: *O encontro de hoje nos traz uma experiência muito forte: a conversão. Francisco viveu essa experiência de forma muito intensa e tem muito a nos ensinar com ela. Segundo o relato de seus biógrafos, o momento em que ele teria iniciado seu processo de conversão ocorreu na prisão, em Perusa, após ter sido capturado durante a guerra ocorrida entre essa cidade e Assis. Esta passagem está no segundo capítulo da Legenda dos Três Companheiros e narra que, após o restabelecimento da paz entre as cidades, Francisco retornou a Assis com os demais prisioneiros.*

Com o retorno para sua cidade natal, Francisco passa por um longo período de recuperação física em razão de doença contraída do tempo que restou encarcerado na cidade vizinha vivendo em péssimas condições de higiene. Francisco se utilizou deste momento de sua vida para aprofundar sua experiência de diálogo com Deus.

Ainda sem estar totalmente recuperado, tampouco convicto quanto à sua verdadeira vocação, Francisco retoma o desejo de ser cavaleiro, partindo para a cidade de Apúlia, onde lutaria em favor do exército papal. No caminho para o local do combate, fica novamente enfermo e, obrigado a interromper a viagem na cidade de Espoleto, ouve um questionamento de Deus: “Francisco, a quem serve? Ao servo ou ao senhor?”. Francisco então questiona: “Senhor, que

queres que eu faça?” (LTC 2,6), sendo orientado a retornar a Assis, onde receberia sua verdadeira missão.

Nessa época, Francisco ainda nutria forte repulsa pelos leprosos, esquivando-se de qualquer encontro com pessoas acometidas por esta grave e até então incurável doença. Mas foi neste contexto de repugnância que Francisco deu seu maior passo rumo à vida de santidade.

Certo dia, andando a cavalo, fora dos muros da cidade de Assis, deparou-se com um leproso e, num pensamento instintivo, imaginou afastar-se daquilo que mais repugnava; mas, inspirado pelo Senhor, apeou o cavalo, foi ao encontro dele, abraçou-o fraternalmente e lhe beijou.

Este é o momento mais significativo da conversão de São Francisco de Assis.

Isto porque o próprio santo afirma em seu testamento ser este o marco de sua conversão evangélica, tamanha a importância do fato para a transformação do seu modo de pensar e agir: “O Senhor deu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência assim: como estivesse em pecado, parecia-me demasiadamente amargo ver os leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles e fiz misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo, converteu-se em doçura da alma e do corpo” (Test).

Fato é que este momento é o centro do processo de conversão de São Francisco uma vez que ele mesmo faz questão de narrar este acontecimento em seu próprio testamento, conforme visto acima.

A partir de então, o Santo de Assis volta sua vida inteiramente para o Senhor e, novamente, ouve a voz de Deus, agora diante do Crucifixo de São Damião: “Vá, Francisco, reparar minha casa que, como vês, está toda arruinada” (LM, 2).

Neste momento, o coordenador convida os irmãos presentes para rezarem junto diante do Crucifixo de São Damião a mesma oração que Francisco rezou:

Altíssimo e Glorioso Deus, iluminai as trevas do meu coração, dai-me uma fé reta, esperança certa, caridade perfeita, sensibilidade e conhecimento, ó Senhor, a fim de que eu cumpra o vosso santo e veraz mandamento.

Coordenador: *Francisco interpreta ao pé da letra o chamado de Deus e, olhando para as péssimas condições da capela na qual rezava, decide retornar a Assis visando arrecadar fundos para a restauração da pequena igreja de São Damião.*

Em meio a sua entusiasmada iniciativa, São Francisco vende tecidos da loja de seu pai e soma o dinheiro apurado com as economias familiares, tudo para a compra dos materiais necessários para a reforma do templo sagrado.

É neste momento, então, que seu pai, Pedro Bernardone, sente-se ofendido e determina a instauração de um processo contra seu filho junto às autoridades da cidade. Francisco, por sua vez, recorre ao Bispo de Assis, Dom Guido, e diante de seu pai e de todos os cidadãos renuncia a todos os direitos de família e entrega ao seu pai inclusive a roupa do corpo, demonstrando seu total desapego aos bens terrenos.

O bispo então o “acolheu entre lágrimas, cobriu-o com o manto que estava vestido e ordenou aos seus que lhe dessem algo para cobrir-se”, tendo sido lhe oferecida “uma túnica pobre e rude de um camponês” que passou a usar devotamente (LM, 2).

ILUMINAR

Coordenador: *A certeza de Francisco para uma opção de vida voltada para a radicalidade da pobreza evangélica e por um total despojamento cresce ao participar da missa no dia de São Matias e escutar, na liturgia, a proclamação do Evangelho no qual Jesus envia seus apóstolos. Ouçamos:*

Leitor: Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus.

Todos: Glória a Vós, Senhor.

Leitor: Mt 10, 9-10 “Ide e pregai o Evangelho; não leveis nem ouro, nem prata, nem dinheiro em vossos cintos, nem mochila para a viagem, nem duas túnicas, nem calçado e nem bastão.” Palavra da Salvação!

Todos: Glória a Vós, Senhor!

Coordenador: *Neste momento, Francisco manifesta publicamente sua intenção, afirmando: “É isto que eu quero, é isto que eu procuro, é isto que eu desejo fazer de todo o coração!”.*

A partir de então surgem os primeiros irmãos que manifestam o desejo seguir Jesus Cristo a partir da espiritualidade iniciada por São Francisco de Assis, tendo sido Bernardo de Quintavale o primeiro irmão oficialmente acolhido por Francisco.

AGIR

Coordenador: Em algum momento de nossa vida, também sentimo-nos chamados a algo mais, seja para participar da Igreja, da Jufra, da catequese, de fazer uma boa ação... Como vemos nas frases fortes que marcaram a vida de Francisco e estão aqui espalhadas no chão, com certeza também temos frases ou passagens bíblicas que nos fizeram mudar de vida a partir de uma reflexão profunda e marcante. Fiquemos uns instantes em silêncio, para refletirmos um pouco sobre esses momentos já vividos...

Momento de silêncio.

Coordenador: *Como estamos em fraternidade, cada um quiser partilhar sua reflexão sinta-se à vontade.*

OBS.: Que tal propor um retiro para a fraternidade com essa temática? Essa reflexão é muito importante para o “agir” diário do jufrista, sempre iluminada pela Palavra de Deus, em busca de uma caminhada concreta de conversão e adesão ao Evangelho.

CELEBRAR

Coordenador: *Vamos experimentar, em um espírito bem descontraído, alguns dos momentos vocacionais da vida de São Francisco de Assis que acabamos de partilhar.*

Podemos dividir os irmãos em grupos e contar com a ajuda dos demais jufristas mais antigos que estejam presentes no encontro para representar as cenas abaixo indicadas:

O encontro com o leproso seguido da ida à capela de São Damião com oração diante do crucifixo (LM 1,5; LM 2,1);

A escuta do Evangelho do envio na missa do Apóstolo São Matias e a acolhida dos primeiros frades (LM 3,1; LM 3,3; LM 3,4).

Tempo para preparação e encenação.

Coordenador: *Conta a tradição que São Francisco de Assis adorava cantar e, em razão de experiência na juventude como menestrel, buscava sempre terminar suas pregações com alguma música que estimulasse o povo de Deus a guardar os ensinamentos proferidos em seu sermão. Também nessa mística, somos convidados a cantarmos juntos o cântico que relata cada um dos momentos de conversão do Santo de Assis:*

CONVERSÃO DE FRANCISCO

Irmão Francisco se fez ideal de vida, plena vida se tornou. (bis)

1. Ainda jovem, sentiu-se chamado, entre a vida e a morte também. Era a voz que clamava do alto: Francisco, Francisco, vem.

2. Foi num momento, enquanto rezava, lá na capela de São Damião. Surpreendeu-se com a cruz que falava: Restaura a Igreja, irmão.

3. Pelo caminho encontrou um leproso. Pensou um pouco e se aproximou, ao abraçá-lo, sentiu-se liberto: Pois a Jesus Cristo encontrou.

4. Mas certo dia foi lida a passagem, onde o Cristo os amigos mandou, levar ao mundo a sua mensagem: Francisco, é a tua missão.

MOTIVAÇÃO FINAL

Após refletirmos cada um dos momentos relevantes que marcaram o processo de conversão do Santo de Assis, podemos notar que um dos aspectos mais fascinantes de sua trajetória vocacional é justamente o fato de seu chamado não surgir instantaneamente, como que num passe de mágica. Ao contrário, o desencadear sequencial de fatos se mostra como algo bem humano, pautado nas experiências concretas vividas a partir de suas experiências sociais e familiares.

Talvez seja essa uma das razões para que tantos jovens ainda hoje se sintam atraídos a optar pela forma franciscana de seguir o Cristo, que pressupõe uma vida de penitência e conversão que deve ser vivida intensamente em cada dia e oportunidade que o Senhor nos concede.

Que Deus nos inspire para que cada dia renovemos nosso “sim” à vocação que abraçamos!

SÃO FRANCISCO DE ASSIS III
Vocação e espiritualidade



INTRODUÇÃO

Falar de Francisco de Assis é sempre muito estimulante e, ao mesmo tempo, exigente, porque, mesmo após 800 anos da sua morte, ainda hoje é muito pesquisado, estudado, admirado e seguido. Não pretendemos esgotar a reflexão a respeito do Pobrezinho de Assis, mas entrar em contato com mais uma pequena parte do grande mosaico que é a reflexão a respeito dele e de sua espiritualidade.

OBJETIVO

Despertar no jovem iniciante o desejo de conhecer cada vez mais Francisco de Assis, assim como a espiritualidade que nasceu a partir de sua experiência de Deus.

MATERIAL

Imagem de São Francisco; crucifixo de São Damião; vela grande; tapete e almofadas; equipamento de som para reprodução do mantra; cópias das letras das músicas a serem utilizadas.

AMBIENTAÇÃO

Dispor o tapete e as almofadas no centro do espaço onde será realizado o encontro de forma a criar um ambiente bastante confortável e aconchegante. Ao centro, colocar uma vela grande ao lado da imagem de São Francisco e do crucifixo de São Damião. Ao fundo, o refrão meditativo: “*Indo e vindo, trevas e luz... Tudo é graça, Deus nos conduz!*”.

ACOLHIDA

Coordenador: *Sejam bem-vindos, irmãos e irmãs! Já tivemos outros encontros referentes a Francisco de Assis. Neste, mais especificamente, trabalharemos os elementos que envolvem a sua vocação e espiritualidade. Que possamos ter a mente e o coração abertos a aprender com os valores vividos por ele, os quais também somos convidados a conhecer e vivenciar. Cantemos, enquanto recordamos o que já conhecemos sobre o nosso irmão de Assis.*

O Amor não é Amado

1. No meu sonho eu caminhava tão feliz, de repente um homem pobre eu avistei, andando pela estrada de Assis, tão aflito que confesso eu

chorei. Perguntei-lhe o que tinha acontecido, me ouviu, mas ficou chorando sem parar. Até que enfim me olhou e disse assim: a Paixão de Jesus hei de chorar.

Pois o Amor, o Amor não é amado. A felicidade assim não se pode encontrar. É preciso voltar a Jesus, o Amor que eu quero amar.

2. Esse estranho só falava da Paixão, e usava uma roupa em forma de cruz, o braço deixava um pedaço de pau, violino de pobre cantando o amor de Jesus. Nós amamos tanta coisa neste mundo, dinheiro, prazer, fama e poder. Tudo, menos o que é mais amável. Tudo, menos aquele que mais bem nos quer.

3. Muitas vezes olhando um mundo tão triste, volta de mansinho ao meu pensar, a figura do Pobrezinho de Assis, e com ele tenho a vontade de gritar.

VER

É responsabilidade da Equipe de Formação preparar o momento “Ver” da forma mais adequada à realidade da fraternidade. Ele pode ser encenado ou apresentado em forma de vídeo, jogral, ou também contação de história, mas é necessário que seja preparado com antecedência e envolva os jovens iniciantes.

Como já vimos em outros encontros, Francisco, por ser filho de comerciante, foi criado em meio à fartura, ao luxo da sua época medieval, proporcionada pela profissão do pai e pela origem nobre de sua mãe, D. Pica - que era uma mulher doce e bastante modesta - que o colocava em sintonia com as famílias tituladas da cidade de Assis.

Assim sendo, todos os biógrafos de Francisco são unânimes em afirmar que o jovem era dado aos festejos. Era ele quem organizava e bancava as festas com e para os amigos. É fácil concluir que o jovem Francisco era um “baladeiro” de primeira! E, bastante excêntrico! Porém, afirma a Legenda dos Três Companheiros que Francisco também *“era como que naturalmente cortês nos costumes e nas palavras, não dizendo a ninguém [...] palavra injuriosa ou obscena”* (LTC3).

Quantos “Franciscos” temos hoje em nossa sociedade que estão à procura de si mesmos e de um sentido para a sua existência! A esses desejamos que se encontrem com São Francisco de Assis.

Para falarmos da vocação do *Poverello*, torna-se necessário afirmar que o sonho primeiro do jovem de Assis era ser um cavaleiro.

E, quando ele estava prestes a realizar o seu grande sonho, eis que o Senhor o surpreende. Às vezes os desígnios de Deus são bem diferentes dos nossos. Como vimos no encontro sobre a conversão de Francisco, o Senhor o questionou a quem ele devia servir e isso mudou tudo em sua vida.

É partir desse fato marcante na vida de Francisco de Assis, que tudo mais vai decorrer: o beijo do leproso; o encontro com o crucifixo de São Damião; a restauração das igrejas e do próprio ser humano; a busca pelo silêncio; a escuta do evangelho; a chegada dos irmãos; a regra de vida; o nascimento da Ordem com o seu esplendor e suas crises; o legado franciscano, do qual hoje nós desfrutamos.

São Francisco de Assis buscou abandonar tudo aquilo que era excesso em sua existência. Entregou ao seu pai até mesmo as roupas que vestia. Renunciou aos bens materiais e quis ser pobre, porque o Filho de Deus passou neste mundo pobre e sem onde reclinar a cabeça. Mas, na pobreza de Francisco, ele nos deixou uma grande riqueza: um caminho de vida. E desse caminho percorrido nasceu uma espiritualidade.

A espiritualidade franciscana é um caminho e não uma doutrina. Aprendamos desde cedo que a espiritualidade franciscana é a sistematização da experiência de Deus feita por Francisco e organizada pelos seus confrades. Portanto, encontramos na espiritualidade franciscana a experiência de Deus que Francisco fez ao longo do seu processo de conversão. A partir da espiritualidade franciscana, vamos percebendo que Francisco sempre nos faz retornar para o sagrado, porque a sua vivência com Jesus Cristo foi tão intensa que o resultado dessa relação explodiu em uma escola espiritual.

Desde os grandes pesquisadores do franciscanismo, fica fácil concluir que a espiritualidade franciscana é o caminho da busca da perfeição, isto é, uma motivação na conquista de um projeto de vida. Por isso, a espiritualidade franciscana, como um caminho, um projeto de vida, busca lançar todos aqueles que se põem a caminho, para o mistério. A espiritualidade franciscana joga-nos para o mistério, para o sagrado, para Deus, para a sintonia com o cosmo e com toda a criação, que são a mais pura expressão do amor de Deus para com a humanidade.

ILUMINAR

Coordenador: *A partir desta espiritualidade profunda, nossas fraternidades podem chegar a ser verdadeiras escolas nas quais se aprende e se ensina a viver o Evangelho. Ouçamos o que Tomás de Celano tem a nos dizer.*

Leitor: 1Cel 8,22

Coordenador: *O que mais nos chamou a atenção na passagem?*

Deixar falar.

AGIR

Coordenador: *Nosso momento “AGIR” neste encontro será uma troca de ideias a partir do que já vimos sobre Francisco. De forma bem espontânea vamos partilhar nossa visão para crescermos mutuamente.*

1. Francisco de Assis tinha um grande sonho: ser um cavaleiro medieval. Qual o meu sonho? Estou disposto abandoná-lo para seguir Jesus Cristo?

2. Como foi o meu chamado para fazer parte da Juventude Franciscana? O que me desperta a continuar participando dos encontros?

3. Vimos que a espiritualidade franciscana é um caminho. Um projeto de vida. Qual o meu projeto de vida? Posso conectá-lo com a espiritualidade franciscana?

Acrescentar outras questões a serem conversadas a partir da temática e que sejam relevantes à realidade dos irmãos.

CELEBRAR

Coordenador: *O que ocorreu no interior do coração não pode deixar de manifestar-se no exterior. Agora que conhecemos mais um pouquinho sobre o nosso Seráfico Pai, fiquemos alguns instantes em silêncio, pedindo a Deus que nos mostre o que podemos mudar na nossa vida, a partir desse aprendizado.*

Momento de silêncio.

Partilhemos nossa reflexão em forma de preces espontâneas. A nossa resposta será: “Pai, ensina-nos a seguir-te como Francisco!”.

PRECES.

Coordenador: *O jovem baladeiro de Assis se tornou um dos mais coerentes seguidores de Cristo, que viu, na realidade onde ele vivia, a Igreja a ser reconstruída. Cantemos juntos essa canção, com a alegria da nossa juventude e a convicção de que também nós temos muito a reconstruir!*

Canta, Francisco

1. Nos olhos dos pobres, no rosto do mundo, eu vejo Francisco perdido de amor, é índio, operário, é negro, é latino, jovem, mulher, lavrador e menor. Há um tempo só de paixão, grito e ternura, clamando as mudanças que o povo espera, Justiça aos pequenos, ordem do evangelho: reconstrói a igreja na paixão do pobre. Há crianças nuas nesta paz armada. Há, Francisco, povo sendo perseguido, há jovens marcados sem teto nem sonhos, há um continente sendo oprimido. Com as mãos vazias solidariedade, com os que não temem perder nada mais defendem com a morte a dignidade com a teimosia que constrói a paz.

Canta Francisco, com a voz dos pobres, tudo que atreveste a mudar!
Canta novo sonho, sonho de esperança que a liberdade vai chegar!
Canta Francisco, com a voz dos pobres. Tudo o que atreveste a mudar!
Canta novo sonho, sonho de menino, novo céu e terra vai chegar.

2. Há Claras, Franciscos marginalizados cantando da América a libertação. Meninos sem lares são irmãos do mundo, pela paz na terra sofrem parto e cruz. Francisco, imagem de um Deus feito pobre, denúncia, esperança, profecia e canta, vence com coragem o império da morte de braços com a vida em missão na história

Francisco menino e homem das dores reconstrói a igreja pelo mundo afora. Na fraternidade que traz a justiça, na revolução que anuncia a aurora!

MOTIVAÇÃO FINAL

"O jovem Francisco é verdadeiramente um de nós, bem semelhante a nós na superficialidade da vida e dos sonhos. Todavia, e precisamente por ter vivido esta estação da utopia, impregnada pelas fugas para frente dos desejos e das pretensões, é que torna Francisco tão amplamente humano." FORTE, Bruno. *São Francisco de Assis: o 'poverello' ainda nos fala*. Jornal Il Sole-24 Ore. Chieti-Vasto. 15 agos. 2010.

SANTA CLARA DE ASSIS I
História e Vida



INTRODUÇÃO

“Tenho uma história pra te revelar, um segredo que eu não posso mais guardar.

Tente ouvir prestando muita atenção, só uma coisa peço, não se assuste não...”¹

Quem quer nos contar a sua história, revelar a nós o seu segredo, é ela, Clara de Assis, a plantinha de Francisco!

Conhecer a espiritualidade da Família Franciscana significa conhecer, antes de tudo as particularidades e carismas que Francisco e Clara, cada um na sua identidade própria, deixou para nós como herança. Um não substitui o outro, um não segue o outro cegamente, mas cada um na sua singularidade contribuiu e completou o rosto feminino e masculino do franciscanismo.

“O binômio Francisco-Clara é uma realidade que só se entende com categorias cristãs, espirituais, do céu.” (João Paulo II – 12 de março de 1982) Por isso, para conhecermos o carisma franciscano, precisamos conhecer Francisco e Clara, dois lados da mesma moeda!

OBJETIVO

Conhecer mais de perto a primeira plantinha de Francisco, Clara de Assis.

MATERIAL NECESSÁRIO

Imagem de Clara; músicas clarianas para serem tocadas ao fundo; velas suficientes para o número dos participantes, para a celebração do momento final; textos sugeridos para cada grupo e cópias da “Oração de Clara para a cidade”. Se possível, um pensamento dos Escritos de Clara para cada participante.

AMBIENTAÇÃO :

Entronizar na sala do encontro a imagem de Clara e as Fontes Clarianas (ou as Fontes Franciscanas e Clarianas, FFB). Se for possível, preparar a capela para um momento de oração e pedir a

¹ “Era você” [Wilian Nascimento](http://www.wiliannascimento.com.br) Compositor: Anderson Freire. Fonte: www.vagalume.com.br › Gospel/Religioso › W › Wilian Nascimento.

permissão ao responsável por ela para que a fraternidade use o ambiente por cerca de 30 minutos para uma oração.

ACOLHIDA

Fundo musical com músicas de Santa Clara. O coordenador acolhe os jovens iniciantes e distribui um pensamento dos Escritos de Clara para cada um.

Em seguida, o coordenador pergunta aos jovens sobre o que conhecem de Clara de Assis, comentando e motivando para que todos se envolvam na partilha. Ele pode dar continuidade trazendo os elementos do momento “Ver”.

VER

Quem era Clara de Assis?

Clara, a “plantinha do Santo Pai”, como ela mesma se autodenomina em seu Testamento, “concidadã do pai Francisco; primeiro na terra, depois, com ele reinante no Céu”², nasceu em 1194, em Assis, filha de Ortolana de Fiumi e Faverone Offreduccio de Bernardino, família nobre da cidade de Assis. Recebeu da mãe uma sólida educação religiosa e cristã e do pai a personalidade forte.

Clara ouvira falar de Francisco e de seu ideal de vida, e como Francisco abandonou a vida confortável e de luxo, para abraçar uma vida de pobreza e simplicidade.

Aos 18 anos, Clara ouviu Francisco pregar os sermões da Quaresma na igreja de São Jorge, em Assis. As palavras dele inflamaram tanto seu coração que ela o procurou em segredo, pois também desejava viver a experiência de pobreza, simplicidade e Amor que Francisco anunciava. Por outro lado, Clara mesmo já tinha muita sensibilidade para com os leprosos e já os servia. Ao encontrarem-se e partilharem das aspirações divinas que cada um tinha percebido no íntimo do seu coração, começaram a caminhar juntos.

No Domingo de Ramos, dia 19 de março de 1212, Clara participou da missa da manhã já decida a seguir os passos de Jesus Cristo. Não havia meio de sair despercebida do castelo de seus pais, mas encontrou a única saída possível pela porta de trás do palacete: a

² LSC 1

saída dos mortos. Toda casa medieval tinha esta saída, por onde passava o caixão dos defuntos. À noite, quando todos dormiam, a nobre jovem Clara, na companhia da sua criada, fugiu da casa paterna por esse buraco. Abandonou os muros da cidade e percorreu a estrada até chegar à Porciúncula, onde foi recebida com muita festa pelo pai Francisco e demais irmãos. Naquela mesma noite, como sinal do seu pertencer ao grupo dos “Penitentes de Assis”, Clara deixa Francisco cortar seus cabelos lindos, abraçando, deste modo, a vida religiosa.

Em seguida, para sua proteção, foi levada para um mosteiro Beneditino, onde ela ficou por algum tempo; e depois, quando a casa das Damianitas ficou pronta, Clara e as outras Damas vieram ali morar. A jovem passou nessa casa toda a sua vida, até a morte. Essa foi exatamente a primeira igreja reformada pelo próprio Francisco e os confrades, aquela chamada de “São Damião”, onde o Crucifixo havia falado com Francisco “Vai e repara a minha Casa que está em ruínas”.

ILUMINAR

“A admirável mulher, Clara pelo nome e pela virtude”³, continua iluminando jovens, crianças e adultos. Nós, como jovens franciscanos, vamos nos deixar ser iluminados por Clara de Assis.

Pode-se dividir grupos para fazer as leituras seguintes. No plenário, os textos lidos podem ser apresentados de forma oral, coreográfica ou encenações.

Sugestões de leituras:

1. Como foram os primeiros passos de Clara ao seguir Francisco de Assis? LSC 5-10
2. Porque em muitas suas imagens podemos ver Clara com o ostensório na mão? LCL 21;
3. Por que Clara é representada nas imagens ícones com bastão na mão, como uma pastora? ⁴

³ LSC 1

⁴ Naquela época, as Abadessas traziam o báculo (bastão) como os Bispos e Abades. Por isso, como Clara era Madre Abadessa algumas imagens costumam trazer o bastão nas mãos.

4. Alguns episódios que mostram a força da Cruz quando Clara fazia o sinal da cruz. LSC 32-35.

5. Como foi a multiplicação dos Pães, acontecido no Mosteiro das Damianitas? LSC 15

6. O Papa Pio XII declarou Santa Clara padroeira da Televisão por decreto de 14 de fevereiro de 1958. Sabe narrar algum episódio da vida de Clara em relação a isto? LSC 29

AGIR

O coordenador convida os jovens para uma conversa, procurando envolver a todos. Entre outras questões, ele questiona:

1. Nós traçamos muitas vezes sobre nós e ao redor de nós, o sinal da santa cruz. Será que o fazemos com consciência, sabendo que o sinal da cruz é poderoso e é o sinal do jovem cristão? Vamos tomar a decisão de fazê-lo com consciência?

2. Clara, na formação às jovens candidatas recomendava de “não se deixarem afetar pelo amor dos parentes carnis e a esquecer da casa paterna para agradar a Cristo” (LSC 36). Os nossos afetos humanos nos ajudam ou nos fazem afastar do amor de Cristo? Sabemos dar prioridade aos nossos compromissos como Jufra?

3. Clara, acreditou firmemente no poder de Jesus Eucarístico e, por isso, até os sarracenos entraram em pânico e se retiraram pelos muros e fugiram. Qual a minha devoção e a minha fé diante do Santíssimo Sacramento? Temos tido tempo de oração diante do sacrário?

Coordenador: *Ficam como propostas de gestos concretos desse encontro o Amor pela Eucaristia; fazer o sinal da cruz com mais devoção e dar prioridade aos compromissos como Jufra.*

CELEBRAR

(Se a ida à capela não for possível, o momento “Celebrar” pode ser feito no próprio espaço do encontro.)

Coordenador: *Como celebração final do nosso encontro, vamos à capela fazer uma oração diante do Santíssimo Sacramento, pedindo que, por intercessão de Santa Clara, Deus abençoe a nossa fraternidade, nossas famílias, nossa Família Franciscana, amigos e*

entes queridos, nossa cidade. Enquanto vamos caminhando, cantemos o mantra:

Todos: Não perca de vista seu ponto de partida... (3x)

Na chegada:

Oração de Clara:

“Meu Senhor, será que quereis entregar inermes nas mãos dos pagãos as vossas servas, que criei no vosso amor? Guardai Senhor, vos rogo, estas vossas servas a quem não posso defender neste transe”. “Meu Senhor, protegeí também, se vos apraz, a cidade que nos sustenta por vosso amor”.

Distribuir a todos as velas preparadas. O Secretário fraterno pode acender primeiro a sua vela e depois passar para cada um dizendo: “*Seja Clara pelo nome e pela virtude*”.

A fraternidade pode dar continuidade ao momento orante, com preces espontâneas, cantos e outras leituras.

MOTIVAÇÃO FINAL

Clara nos traz um forte exemplo de recolhimento, silêncio, prece, convivência, discernimento e força. “Em São Damião, uma vida elevada na Transcendência tem a austeridade na imanência. Não é apenas o escondimento no claustro, mas a imersão no útero de um novo nascimento. Nascer para o um novo Amor, nascer para a Boa Nova, nascer para um novo modo de fazer o chamado sempre ser escutado e não sair mais do lugar do encantamento” (Fr. Vitório Mazzuco <http://www.franciscanos.org.br/?p=5230>).

SANTA CLARA DE ASSIS II
Vocação e Espiritualidade



INTRODUÇÃO

Esse encontro busca o aprofundamento na Vocação e na Espiritualidade de Clara; o segredo de Clara, a plantinha de Francisco⁵, dela que é Clara pelo nome e pela virtude. Queremos aprofundar hoje o cuidado e o carinho que Francisco e os primeiros frades tiveram para com as “Damas Pobres de São Damião”, as Clarissas, além de algumas de suas muitas virtudes.

OBJETIVO

Aprender com Clara os segredos da sua santidade, da sua espiritualidade e das suas virtudes, conhecendo mais as Fontes Clarianas com textos, imagens, cantos e orações.

MATERIAL NECESSÁRIO

Vela grande; Fontes Clarianas; crucifixo de São Damião; imagem de Clara “pastora”; cópias da 2ª carta de Clara a Inês de Praga para cada participante, além das cópias das músicas clarianas e equipamento de som para reprodução delas.

AMBIENTAÇÃO

Preparar a imagem de Clara com bastão do pastoreio e colocá-la ao centro do ambiente. A Equipe prepara também uma vela bem grande acessa diante do crucifixo de São Damião.

ACOLHIDA

Refrão meditativo: Não perca de vista seu ponto de partida. (3x)

VER

A Equipe de Formação poderá preparar o material relativo ao “Ver” de acordo com o que achar conveniente para a realidade da fraternidade.

Clara, sob o seguimento de Francisco, foi envolvida e transformada na pobreza e humildade de Jesus, epifania de Deus em nosso meio e a única via para nos levar ao Pai. O seguimento a Cristo é o ponto de partida da sua vida. A escuta, a observância do Evangelho e o desejo

⁵ TSC37

do Espírito Santo sobre todas as coisas, foi a base da sua experiência evangélica. O relacionamento com Francisco influenciou a espiritualidade de Clara. Do ponto de vista formativo, Francisco está nas bases da pedagogia de Clara.

Assumindo firmemente o desejo de viver segundo o Evangelho, assim como Francisco, Clara propõe às suas irmãs viver em fraternidade, observando a Altíssima Pobreza.

A Fraternidade e a Minoridade (pobreza, humildade e serviço) são o meio encontrado por Francisco e sucessivamente por Clara para viver os Sentimentos do Filho, Verbo de Deus Encarnado.

O cuidado e o carinho que Francisco e os primeiros frades tiveram para com as Damas Pobres de São Damião, as Irmãs Clarissas.

Francisco escreveu à Clara e às suas Irmãs, em São Damião: “Visto que por divina inspiração vos fizestes filhas e servas do altíssimo e sumo Rei, o Pai celeste, e vos desposastes o Espírito Santo, escolhendo viver segundo a perfeição dos santos Evangelhos, quero e prometo, por mim e por meus irmãos, ter sempre por vós diligente cuidado e especial solicitude, assim como tenho por eles.” (RCL 12).

Francisco sempre teve o amor paterno e fraternal com suas damas e queria que todos os frades tivessem os mesmos sentimentos e mostrassem os mesmos cuidados. Pois reconheciam nelas “filhas” do Pai celeste e “esposas” do Espírito Santo, escolhendo sua forma de vida na pobreza do Filho de Deus. A espiritualidade de Clara nasce desta convicção profunda, do seu pertencer a Francisco e à família dos Menores. De pertencer a uma herança que aprendeu do pai Francisco, o amor para a santa e nobre pobreza. A nossa espiritualidade também nasce quando sentimos que pertencemos a uma família que tem um carisma particular, o carisma do seu fundador, o estilo de vida de um Santo! A espiritualidade de Clara é própria dela, e a de Francisco, é própria dele e, juntos, constroem e complementam a espiritualidade da Família Franciscana.

ILUMINAR

Os participantes podem ser divididos em dois grupos que devem ler sobre as virtudes de Clara separadamente - a) A nobreza no serviço e b) O amor para a pobreza.

As virtudes de Clara.

a) A nobreza no serviço:

“Três anos depois da conversão, recusando o nome e o cargo de abadessa, preferiu humildemente submeter-se a presidir, servindo entre as servas de Cristo e não sendo servida. Por fim, obrigada por São Francisco, assumiu o governo das senhoras. Daí brotou em seu coração temor e não enchimento, crescendo no serviço e não na independência. Quanto mais elevada se viu por esse exterior de superioridade, mais se fez vil aos próprios olhos, disposta a servir, desprezível na aparência.

Não recusava nenhum trabalho servil. Costumava derramar água nas mãos das Irmãs, assistindo-as enquanto sentadas e servindo-lhes a comida. Custava-lhe dar uma ordem, mas estava pronta a fazer por si. Preferia fazer ela mesma a mandar as Irmãs. Lavava pessoalmente as cadeiras das doentes e as enxugava com seu espírito nobre, sem fugir da sujeira e do mau cheiro.

Com frequência lavava e beijava os pés das irmãs serviçais quando voltavam de fora. “Uma vez, estava lavando os pés de uma delas e, quando foi beijá-los, a Irmã não suportou tanta humildade, puxou o pé de repente e bateu com ele no rosto de Clara. Esta voltou a tomar o pé da irmã serviçal com ternura e lhe deu um beijo apertado sob a planta”. (LCL 12).

b) O amor para a pobreza:

“Com a pobreza de espírito, que é a verdadeira humildade, harmonizava a pobreza de todas as coisas. Logo no começo de sua conversão, desfez-se da herança paterna que recebera e, sem guardar nada para si, deu tudo aos pobres. Depois, deixando o mundo lá fora, com a alma enriquecida interiormente, correu livre, sem bolsa, atrás de Cristo. Fez um pacto tão forte com a santa pobreza, tanto amor lhe consagrou que nada queria possuir, nem permitiu que suas filhas possuíssem, senão o Cristo Senhor. Achava que a preciosíssima pérola do desejo do céu, que comprara depois de vender tudo (cfr. Mt 13,46), não podia ser partilhada com o cuidado devorador dos bens temporais. Em alocuções frequentes, inculcava nas Irmãs que a comunidade seria agradável a Deus na medida em que fosse opulenta de pobreza e que, munida com a torre da mais alta pobreza (cfr. 2Cor 8,2), seria estável para sempre.

No pequeno ninho da pobreza, animava-as a conformar-se com o Cristo pobre, deitado pela mãe pobrezinha em mísero presépio (cfr. Lc 2,7). Pois afivelava o peito com essa singular lembrança, joia de ouro, para que o pó terreno não passasse para o interior. (LCL 13).

Ao término da leitura, o coordenador do encontro pede que os grupos partilhem a leitura que fizeram e comentem o que mais lhes chamou a atenção.

Deixar que falem.

Em seguida, o coordenador propõe as seguintes questões:

1. Francisco e Clara se prometeram e cumpriram de se ajudarem mutuamente na caminhada evangélica. Um se preocupava com o pão cotidiano do outro. Qual cuidado e carinho temos, como membros da Jufra, entre nós? Considero o outro como “meu irmão” e “minha irmã” que me foi dado por Francisco e Clara, e que sou herdeiro de uma família, da fraternidade? Se há alguém na fraternidade passando por necessidades, será que somos sensíveis para ajudar e socorrer?

2. Qual atitude de serviço nós, enquanto Jufra, temos um para com o outro? Será que prevalece em nós o sentimento de superioridade e autoritarismo ou o serviço recíproco? Como membros da Família Franciscana, nada temos de nos apropriar, nada temos de nos gloriarmos. O Nosso Pai Francisco dizia: “Bem-aventurado o servo que não se exalta com o bem que o Senhor diz e opera por meio dele mais do que com o que o Senhor diz e opera por meio de outro.” (Ad 17).

3. Qual amor temos para com a pobreza? Como franciscanos, será que algumas vezes nós nos alegramos porque não temos tudo o que desejamos? Sentimo-nos como herdeiros de Francisco e Clara?

Refrão contemplativo: Deus nos trouxe Clara, bonita como a flor, para encher a terra de ternura e amor. (2x)

AGIR

Coordenador: *Se você tem alguém a quem tem dificuldade de amar, de dar um abraço forte e de um sorriso sincero (começando dentro da sua família, de sangue ou Franciscana), pratique as palavras de Francisco a Clara e suas Irmãs. Sinta-se você o guardião e responsável do outro.*

Ao encontrar momentos para servir, para inclinar sua cabeça, seu joelho, sua coluna, para servir os irmãos, lembre-se dos episódios da vida de Madre Clara e faça tudo com amor, pois a nossa dignidade está em servir. Na sua casa, será que você tem a preguiça de fazer

serviços humildes para o bem de todos, na cozinha, na limpeza, etc.? Ao passar alguma necessidade, lembre-se de que você é franciscano, prove sentir a alegria “de não ter” de tudo o que você está desejando.

Que tal pensarmos nisso essa semana e nos desafiarmos a colocar em prática todos os dias, pelo menos um pouquinho?

CELEBRAR

Coordenador: *Vamos nos aquietar um pouco, experimentando uma ferramenta muito usada por Clara: o silêncio.*

Façamos por 5 minutos o exercício da respiração. Junto a cada inspiração, procuremos repetir como mantra as palavras da Mãe Clara: “Tu Senhor, que me criaste, sê bendito”.

Coloque bem baixinho o mantra:

Que minha vida seja o louvor/ Seja o louvor do Senhor.

Senhor, quando nós te acolhemos/ Trazes contigo nossos irmãos.

Leitor: 3ª Carta de Clara a Inês de Praga (3In)

CANTO FINAL: Saudade de Clara

Clara, és luz de vida, o mundo está com saudade de ti.

Sente falta do teu estar em silêncio aos pés de Senhor Deus. Sente falta de tu alma aberta para Deus e para o homem.

Sente falta de tua vida doada na pobreza de São Damião. Sente falta de tua voz clara, que forte grita o Evangelho.

Sente falta de tuas mãos erguidas, que intercedem pela humanidade. Sente falta de tua oração que sustenta longo caminho.

Escuta, ó Clara, esta nossa oração, que elevamos confiantes a ti.

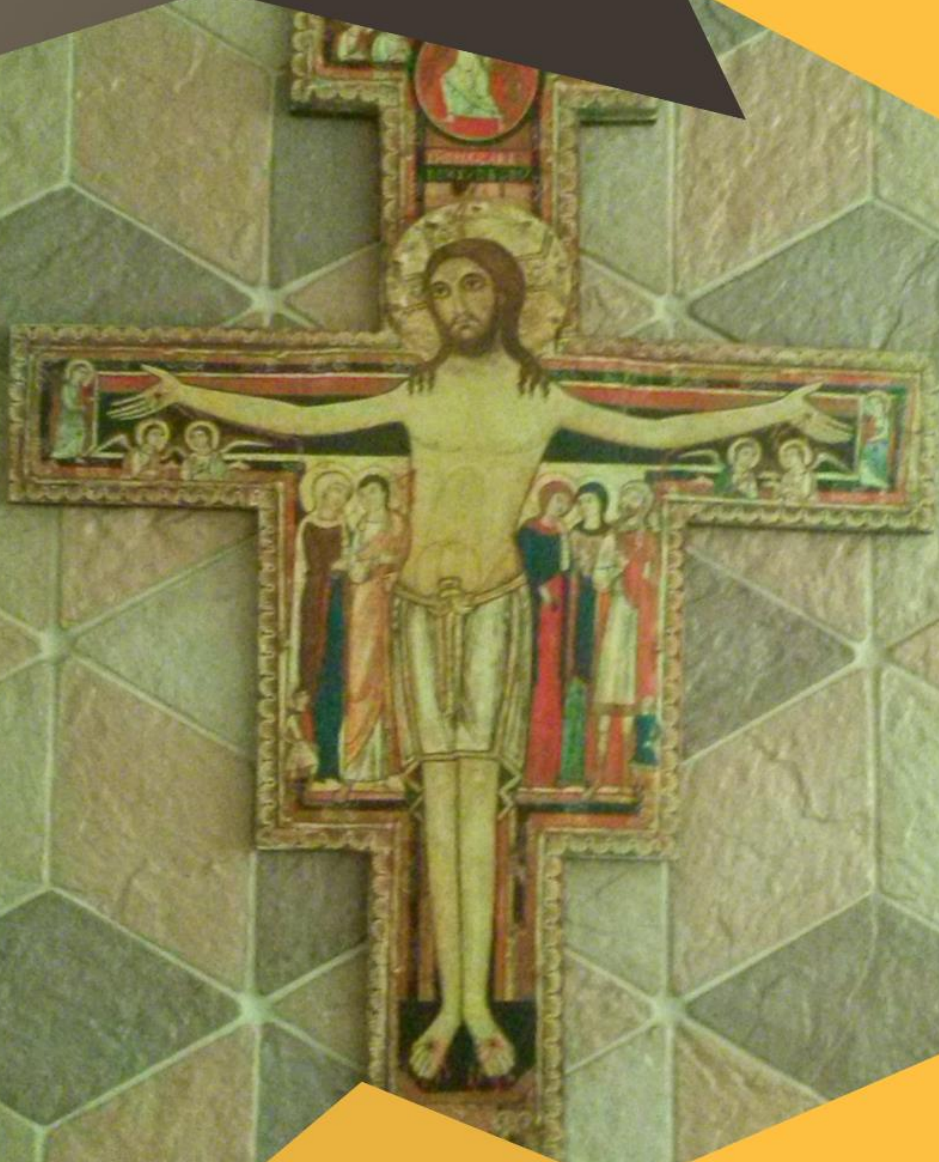
Acolhe o brado do homem que sofre perante o Senhor Deus.

Clara, és luz de vida, o mundo está com saudade de ti. O mundo está com saudade de ti! Clara, Clara, Clara.

MOTIVAÇÃO FINAL

As Fontes nos deixam declarar as virtudes do cotidiano de Clara, assim como a firme vontade dela em conservar a santa pobreza como característica própria sua e de suas Damas. É o esvaziar-se do supérfluo para encher-se de Deus!

IDEAL E COMPROMISSO
FRANCISCANO DE VIDA



INTRODUÇÃO

Neste tema, vamos encontrar alguns pontos essenciais para a vida franciscana, por meio de uma dinâmica de verdadeira transformação e conversão, seguindo o Evangelho. A partir da compreensão desses pontos, para aqueles que acreditam e são chamados, concretizaremos o compromisso franciscano de vida.

OBJETIVO

Ressaltar a essência do carisma franciscano, formando os (as) jovens iniciantes para esse ideal que gera compromisso com Deus e com os(as) irmãos(ãs).

MATERIAL NECESSÁRIO

Cruz ou crucifixo de São Damião; bíblia; vela; imagem de São Francisco e Santa Clara; cartaz com a frase: **“A vida é muito importante para o homem e mais importante ainda é descobri-lo o sentido” (D. Valfredo Tepe, bispo).**

AMBIENTAÇÃO

Preparar os símbolos franciscanos e dar destaque ao cartaz.

ACOLHIDA

Acolher os presentes de maneira fraterna, com sorrisos, abraços e alegria. Oração ao Espírito Santo

O coordenador chama atenção para o cartaz e convida os irmãos a refletirem sobre a frase de D. Valfredo Tepe.

VER

Ideal de vida é a forma sobre a qual se tem o modo de ser e de agir. Um fim orientador de algo que se deseja alcançar. Como jovens franciscanos, somos inspirados no carisma de Francisco de Assis. Ele que foi “digno de ser amado por Cristo, imitado por tantos e admirado pelo mundo inteiro” (Legenda Menor, prólogo).

Um encontro pessoal com Jesus Cristo sempre impressiona e transforma. Com Francisco e Clara de Assis não foi diferente. Ao encontrarem o Cristo, tanto na cruz da igreja de São Damião, quanto no(a) irmão(ã), a partir do encontro que Francisco teve com o leproso, e depois com as pessoas que os seguiam, ambos permitem-se mudar de

caminho, mudar o sonho que provavelmente tinham antes. Procuram viver o Evangelho e testemunham uma vida simples e pobre. Buscam viver em harmonia com Deus, com os irmãos e com a totalidade da criação. Aprendem e promovem a vida em fraternidade.

Escolhem seguir o Senhor e não mais o servo, uma vez que não há nada nem ninguém maior do que Deus. Francisco e Clara realizam, assim, todos os ideais que a vida humana busca – a procura do bem e o repouso do bem.

Jesus não é apenas um modelo que a gente olha como uma obra de arte. Ele é um amigo muito real, concreto, humano, com quem nós podemos nos relacionar. Deus é relação, base de tudo, que em nós fala de amor, amizade, relacionamento, crescimento, prazer e de alegria. Abrindo nosso ser para a verdade, a bondade e a beleza de Jesus Cristo, Ele vai se tornar uma linha de comunicação entre Deus e nós. Isso é o que faz crescer o amor, o bem em nosso interior e no mundo exterior ao nosso redor.

Francisco deixou-se transformar, buscou um sentido para sua vida, um novo sonho, com uma nova possibilidade de viver e por ventura mudar o mundo. Procurou viver até o fim de sua vida o Evangelho, o amor a Deus, aos(as) irmãos(ãs) e a todas as suas criaturas. Fez disso sua meta, sua realização, seu ideal. Francisco insiste para si mesmo e para seus seguidores que o sentido da vida é maior, é Deus. Que tanto nos amou e enviou seu próprio filho Jesus Cristo como nosso Salvador: humilde e pobre em uma manjedoura (*Cristo do Presépio*); sublime amor na eucaristia (*Cristo Eucarístico*); obediente e fiel até a cruz (*Cristo da cruz*).

ILUMINAR

Leitor 1 – 2 Cel 6,1-11 ou Efésios 1,3-14; 17-23

Momento de silêncio para reflexão e partilha das leituras

Leitor 2 - Assim como Francisco, propomo-nos a buscar intensamente um ideal de vida, através, primeiramente, de uma dinâmica de transformação e exercício pessoal, grupal e social.

Pessoal quando deixamos entrar em nós o carisma e a palavra de Deus, isso nos transforma, nos desenvolve e realiza.

Grupal quando treinamos a convivência em fraternidade, dialogando, aprendendo, comunicando, superando as dificuldades. É momento de abrir o coração para as relações de igualdade, justiça e amor, numa vida profundamente fraterna.

Social quando treinamos para o compromisso apostólico e missionário na igreja e na sociedade em que vivemos. Com objetivo

de fazer acontecer o reino de justiça, amor, paz, solidariedade e de igualdade entre homens e mulheres, respeitando e preservando toda a criação de Deus.

AGIR

A partir dessa transformação pessoal, grupal e social, somos convidados a atuar com coerência nos diversos contextos em que estamos inseridos, agindo como franciscanos autênticos.

Apresentamos a seguir o “Ideal Franciscano de Vida” em 5 temas: (sugere-se dividir por leitores cada tema e/ou uma breve representação de situações que exemplifiquem o ideal. Disponibilizar alguns minutos para a partilha.)

Amar até o Fim – São Francisco nos deu o exemplo quando disse: *“se a mãe nutre e ama a seu filho carnal, quanto mais cada um de nós devemos amar e nutrir nosso irmão espiritual?”* (RB VI, 9). Amor de mãe é terno, delicado, cuidadoso e responsável. Sabe dar carinho e sabe das nossas necessidades, sabe dizer a palavra certa no momento certo. Amor que ama o filho mesmo quando esse, por infelicidade, se torna ingrato, que compreende tudo e tudo perdoa no filho. Amar o outro até o fim é assumir esse amor de mãe e vivê-lo em todos os lugares. É fazer pelo outro aquilo que você gostaria que o outro fizesse por você. Para colocar em prática esse amor, é necessário que cada atitude nossa seja refletida se é para o bem ou se é para o mal do nosso irmão, ou do Universo. Assim estaremos fazendo o que Jesus pede no evangelho “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei”.

Amar Primeiro – É nunca esperar que os outros tomem a iniciativa. É sentir-se responsável e colaborador(a) mesmo quando ninguém se dispõe ou quando os irmãos se omitem. É procurar estar a serviço, mesmo quando ninguém se propõe a servir. É tentar, mesmo quando parece difícil; é fazer a sua parte, mesmo quando alguém não faz a parte dele. É abrir-se quando todos estão fechados, é usar da alegria, do otimismo, do bom-humor, com carinho e atenção mesmo quando os outros não o fazem. É seguir em frente, com coragem, mesmo quando não se tem apoio ou não se é acolhido.

Fazer bem feito tudo o que for fazer – É preciso fazer com Amor, Perfeição e Alegria. É dar o melhor de si em qualquer coisa que seja necessário fazer, mesmo que sejam coisas do dia a dia, como tarefas de casa, da fraternidade, dos estudos, etc. É fazer com amor, bom gosto, atenção e com cuidado. É fazendo com amor que você chega à perfeição.

Para um(a) franciscano(a), é necessário fazer com muita alegria, principalmente aquilo que nos parece mais pesado ou amargo, pois Francisco e Clara descobriram a “perfeita alegria” mesmo no sofrimento e na amargura, pois aquilo se tornara doce.

Fazer poucas coisas – O(A) franciscano(a) abraça uma vida simples e pobre, que consiste em viver preocupado com poucas coisas, o mínimo possível, apenas o necessário. Desse modo é possível deixar que Deus ocupe mais espaço em nossa vida, é possível chegar mais próximo da paz, sem preocupações exageradas e inúteis. É preciso eliminar o que não é necessário. Lutar contra a avareza, a cobiça, os desejos vãos. Devemos nos preocupar em fazer e ter somente o que é necessário para a vida.

Constrói devagar o teu segredo – É aprender a viver e agir com calma, tranquilidade, doçura, em ritmo sereno. Cada ação deve ser saboreada, interiorizada, realizada em paz. A ação não deve tirar a paz contemplativa que o homem e a mulher conquistam quando abraçam a pobreza. Cada ação que realizamos é portadora de uma mensagem profunda, um segredo íntimo que construímos entre nós e Deus, entre nós e o outro... Precisamos realizá-la em paz, na calma, no silêncio, na confiança em Deus, no domínio sobre nós mesmos, sempre na alegria e na perseverança da vontade do Senhor em nossa vida.

VAMOS REFLETIR:

1. É possível assumir esse Ideal Franciscano de Vida?
2. É isso o que eu quero viver?
3. Qual dos temas preciso trabalhar melhor em minha vida?

CELEBRAR

Oração diante do Crucifixo de São Damião

Canto (sugere-se cantar a música – Meu Verdadeiro Ideal – CD Jufra do Brasil)

MOTIVAÇÃO FINAL

Ao assumir essa proposta do Ideal Franciscano de Vida e tentar vivê-la no dia a dia, é importante sempre tentar, mesmo que haja quedas ou dificuldades pelo caminho. É preciso começar de novo, como ensina São Francisco: “vamos recomeçar, pois até agora pouco ou nada fizemos”. Assim você poderá concretizar em sua vida o compromisso franciscano, como fizeram Francisco e Clara de Assis.

VIDA EM FRATERNIDADE



INTRODUÇÃO

A vida em fraternidade é um dos pilares da vocação franciscana. Assumir esse projeto de vida é um desafio constante e uma partilha deliciosa para quem se abre a experimentar a caminhada entre irmãos tão diferentes que se propõem a viver o mesmo ideal. O Pobrezinho de Assis sempre teve o cuidado de conhecer e se aproximar de cada irmão que se juntava aos que desejavam viver o Evangelho, conforme ele mesmo fora chamado. Cabe a nós seguir esse exemplo quando nos propomos a segui-lo.

OBJETIVO

Refletir a importância da fraternidade na vida franciscana, reconhecendo nos irmãos e irmãs dons de amor e instrumentos de Deus na nossa vida, para que, juntos, sejamos testemunhas da paz e do bem.

MATERIAL NECESSÁRIO

Recortes de revista ou jornal que mostrem o contraste entre a violência e a paz; frases relacionadas à fraternidade.

AMBIENTAÇÃO

Com as cadeiras em círculo, ou assentados no chão, os recortes mencionados devem estar no centro da roda, juntamente com as imagens de Francisco e Clara.

ACOLHIDA

Irmãos e irmãs, bem-vindos a este nosso encontro. Estamos iniciando uma bonita caminhada, e o mais importante é que não caminhamos sozinhos; vamos juntos, lado a lado. Hoje vamos refletir sobre um tema muito caro à vida franciscana: a fraternidade, o dom de ser irmão e irmã.

Canto: Salmo 133

Oi, que prazer, que alegria o nosso encontro de irmãos! (bis)

1. É óleo que nos consagra, que ungiu teu servo Aarão. / É como um banho perfumado, gostosa é nossa união!

2. Orvalho de alta montanha que desce sobre Sião. / Sereno da madrugada gostosa é nossa união!

3. Senhor, tu nos abençoaas, e a vida vem de porção. / É vida que dura sempre, gostosa é nossa união!

4. Ao Deus de todas as crenças, a glória e a louvação. / No amor da Santa Trindade, gostosa é nossa união!

Leitor 1: Para entendermos a vida em fraternidade temos de lembrar como foi o processo de conversão de São Francisco. Após ter rompido com seu pai na frente do bispo de Assis, ele foi morar sozinho. Nesse período, ele cuidava dos leprosos e começava a restaurar as igrejinhas perto de Assis. Francisco deve ter ficado sozinho uns 2 anos.

Leitor 2: Diferente do que aconteceu com o próprio Jesus, São Francisco não chamou ninguém para segui-lo. Queria viver o evangelho, mas ainda sem muita clareza do que a vida lhe reservava. Aos poucos, seus velhos amigos começaram a observá-lo e sentiram uma santa inveja a ponto de querer viver como ele.

Leitor 3: Dois anos antes de morrer (1224), ele escreveu um texto que é considerado seu testamento. Ali ele admite: “E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém mais precisou me dizer o que fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu devia viver segundo a forma do Santo Evangelho”. Para Francisco, então, os irmãos eram um presente dado por Deus. Depois que os irmãos chegaram, ele entendeu o que o Senhor queria dele: viver o Santo Evangelho.

VER

Leitor 1: Se prestarmos atenção, percebemos que a mídia nos mostra todos os dias que a fraternidade é um objetivo distante. Antes de nos considerar irmãos e irmãs, devemos aprender a conviver bem com todos, tratando as pessoas, no mínimo, com educação.

Leitor 2: Infelizmente, temos tido muita dificuldade de convivência. Estamos cada vez mais fechados, o preconceito volta e meia mostra as caras. Podemos perceber esses conflitos em algumas situações:

Leitor 3: No esporte, as torcidas não podem mais entrar pelos mesmos portões. Após o jogo, não é raro haver confrontos violentos, pancadaria geral. Na política, só porque alguém tem um partido diferente já é motivo de provocações, desrespeitos e zombarias. Na religião, a crença que se professa muitas vezes dá espaço para tristes

conflitos, em nome de Deus. Poderíamos lembrar ainda a violência doméstica, a homofobia, o racismo, e tantas outras tristes realidades.

Leitor 4: “A fraternidade é uma dimensão essencial do homem, sendo ele um ser relacional. A consciência viva desta dimensão relacional leva-nos a ver e tratar cada pessoa como uma verdadeira irmã e um verdadeiro irmão; sem tal consciência, torna-se impossível a construção duma sociedade justa, duma paz firme e duradoura” (Papa Francisco, Mensagem pelo Dia Mundial da Paz de 2014).

Todos: Senhor nosso Deus, que nos fizeste irmãos e irmãs, ensina-nos a reconhecer em cada pessoa não um opositor, mas um dom. Ensina-nos a viver aquilo que rezamos, ó Pai Nosso, de todos, de todas as diferenças.

Canto

1. Irmão Francisco, irmão de todo irmão./ Clara de Assis, irmã de toda irmã,/ Cantam ao mundo: Só Deus nos bastará./ O amor é lindo, ele vencerá.

2. Irmão Francisco, vem me ensinar!/ Clara de Assis, aponta o que fazer!/ Para que o Senhor seja o tudo em mim./ Para só servi-Lo, Que devo fazer? Vem dizer!

Se você quiser servir a Deus/ faça poucas coisas, mas as faça bem!/ Pedra por pedra, com esperança, de ver Jesus. Dia após dia, com alegria, sempre buscando o além...

ILUMINAR

Leitor 1: São Francisco não inventou algo completamente novo. O que ele queria era viver o evangelho de Jesus Cristo. A vida que Jesus quer que seus discípulos e discípulas vivam é baseada não na rivalidade e nos privilégios, mas na vida em abundância para todos.

Leitor 2: Diversas vezes Jesus teve de chamar a atenção de seus discípulos para essa nova maneira de encarar a vida. Vamos ouvir um trecho do evangelho sobre isso. Antes, vamos cantar:

Canto: Buscai primeiro o Reino de Deus (ou outro canto que a fraternidade preferir)

LER NA BÍBLIA: Mt 20, 20-28.

VAMOS CONVERSAR:

1. Quais os desafios de viver a fraternidade no mundo de hoje?
2. Jesus diz que não veio para ser servido, mas para servir. Estamos dispostos a ser como Jesus? Como podemos servir aos irmãos e irmãs?
3. Jesus chama a atenção para a maneira como as pessoas devem conviver: não com rivalidade, querendo privilégios, mas no serviço uns aos outros. Como podemos nos transformar numa verdadeira fraternidade franciscana?

CELEBRAR

Leitor 1: “Nós, cristãos, acreditamos que, na Igreja, somos membros uns dos outros e todos mutuamente necessários, porque a cada um de nós foi dada uma graça, segundo a medida do dom de Cristo, para utilidade comum. Cristo veio ao mundo para nos trazer a graça divina, isto é, a possibilidade de participar na sua vida.

Leitor 2: Isto implica tecer um relacionamento fraterno, de harmonia, perdão, no dom total de si mesmo, segundo a grandeza e a profundidade do amor de Deus, oferecido à humanidade por Aquele que, crucificado e ressuscitado, atrai todos a Si: “Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 34-35). (Papa Francisco, Mensagem pelo Dia Mundial da Paz de 2014).

PRECES

1. Excelso, onipotente e bom Senhor, ensina-nos o dom de sermos irmãos e irmãs, para assim darmos testemunho de teu amor para com toda a humanidade, rezemos ao Senhor.

Todos: Senhor, Pai de todos nós, ouvi a nossa prece.

2. Excelso, onipotente e bom Senhor, fortifique todas as pessoas que trabalham pela paz, rezemos ao Senhor.

3. Excelso, onipotente e bom Senhor, perdoa-nos nossa arrogância, nossa indiferença. Concede-nos a mesma graça que inspirou Francisco e Clara de Assis, rezemos ao Senhor.

4. Excelso, onipotente e bom Senhor, inspire a cada um de nós para sermos de paz aqui onde moramos, rezemos ao Senhor.

Preces espontâneas

AGIR

Questão final: Que compromisso concreto podemos assumir, aqui onde moramos, para sermos mais fraternos entre nós e com as pessoas que convivem conosco?

Rezemos confiantes, de mãos dadas, como o Senhor nos ensinou: Pai Nosso.

Ó Deus que nos criaste homem e mulher, derrame sobre nós o teu Espírito de graça e bondade, para que, como Francisco e Clara possamos viver e anunciar o teu amor ao mundo. Por Cristo, nosso Senhor, amém.

BÊNÇÃO FINAL: Canto à escolha.

MOTIVAÇÃO FINAL

Quanto mais amor tivermos uns pelos outros, mais vamos reconhecer no nosso próximo, seja ele da fraternidade ou não, um dom de Deus. Assim, conseguiremos superar as diferenças com diálogo e perdão, fortalecendo as nossas relações e sendo coerentes com o nosso projeto de vida; no qual estaremos comprometidos com a construção da fraternidade universal.

SÍMBOLOS FRANCISCANOS



INTRODUÇÃO

Trazer presente aquilo que se faz distante. Esse desejo motiva as pessoas a recordar, a buscar objetos que trazem à memória momentos felizes, pessoas importantes, fatos significativos. Tudo aquilo que traz à tona sentimentos, memória de pessoas, lembranças, sentidos... se faz símbolo. O símbolo de uma amizade, de um grande amor, de um parente querido.

O mesmo ocorre com a espiritualidade franciscana. Os franciscanos possuem uma grande herança. Como iremos ter acesso a ela? Por meio de símbolos que trazem toda uma história, sonhos, desejos de Francisco e Clara e de tantos homens e mulheres que viveram a beleza do Santo Evangelho. Ao ter contato com esses sinais, nos aproximamos desse imenso tesouro.

OBJETIVO

Conhecer e propiciar o contato significativo com os principais símbolos franciscanos.

MATERIAL NECESSÁRIO:

Cruz de São Damião, tau, barbante ou cordão franciscano, folhas de papel, lápis e/ou caneta.

AMBIENTAÇÃO

Preparar um ambiente circular. No espaço central dispor os símbolos franciscanos e folhas brancas à vista. Se possível, colocar velas em torno da cruz e uma música instrumental de fundo para iniciar o encontro.

ACOLHIDA

Motivar a oração inicial como de costume. Pode-se recorrer à estrutura do Ofício Divino das Comunidades. Se preferir, usar o salmo 85(84) e texto bíblico motivador: (Col 1, 15-20).

Coordenador: Meus irmãos, sejam bem-vindos. No encontro de hoje nós somos convidados a fazer um itinerário. Na busca pela nossa identidade, nos deparamos com sinais que nos auxiliam nesse caminho. Hoje iremos nos aproximar de sinais que transmitem

valores, histórias... Quanto mais temos contato com eles, mais damos significado, mais importantes eles serão para nossa vida e caminhada.

Hoje falaremos de sonhos, de sentimentos, de momentos, de pessoas e gestos importantes. Faremos um elo entre os símbolos que são importantes pra nós e para a espiritualidade franciscana.

VER

A origem da palavra símbolo vem do termo grego *symbolon* e significa juntar, colocar junto, confrontar; algo que se junta para servir de reconhecimento e identificação (como a um álbum de fotos de família). Todo símbolo aponta, sinaliza, para algo que está além dele. Por ele, nos aproximamos daquilo que ele quer representar.

CONVERSA:

Quais são os símbolos mais importantes para mim? Que objetos eu guardo como recordação de algo ou alguém importante? Com relação à fraternidade, quais são os símbolos que marcaram nossa caminhada até aqui?

Os símbolos franciscanos também são assim. Eles têm por função recordar elementos importantes da vida franciscana e de São Francisco de Assis.

A Cruz de São Damião

Essa cruz foi pintada por um artista desconhecido. Ela estava na Igreja dedicada a São Damião. O jovem Francisco se encontrou com essa cruz. Ao escutar em seu interior a frase, “Francisco, vai e reconstrói a minha casa”, fez desse pedido um programa de vida. Restaurou não só a igreja que estava em ruínas, mas também as relações humanas daquela época, por meio da bondade e do anúncio da paz. (Sugestão de leitura: 2Cel 10,1-8; LM II,1).



Paz e Bem

São Francisco, quando andava por cidades e vilas, saudava a todos que encontrava com a expressão “O Senhor vos dê a paz”. Essa saudação se parece muito com a que Jesus mandou os discípulos fazerem ao entrarem em alguma casa “Que a paz esteja nessa casa!” (Lc 10, 5). Anunciar a paz foi uma das maiores coisas que Francisco

fez em sua vida. Para São Francisco, o maior bem se alcança quando abrimos nosso coração ao Sumo-Bem, nosso Deus, que é amor. Quem acolhe seu amor, ama o outro e constrói assim uma relação de paz e bondade. Quem saúda com paz e bem quer acolher esse programa de vida de Francisco. (Sugestão de leitura: 1Cel 23,1-8).

Tau

Francisco atualizou e immortalizou o Tau. Ele não o criou, mas o herdou como um símbolo seu, como sua assinatura. Na bênção a Frei Leão ele usou o Tau como sinal da presença de um Deus-amor que quer ir ao encontro do homem. Ser um com ele, entrar em comunhão. Quem usa o Tau, por amor a Deus e aos irmãos, faz o mesmo movimento. (Sugestão de leitura: LM Prólogo 2,2; 2Cel 106,17).



Porciúncula

Esse foi o apelido que a Igreja dedicada a Nossa Senhora dos Anjos recebeu por causa de sua pequenez e humildade. Foi lá que Francisco e seus companheiros escolheram como casa e era também o local onde os frades sempre deveriam recorrer à proteção da mãe de Cristo.

Voltar ao lugar de origem, simples e pequeno, é sempre lembrar nossa condição de humildade. Foi defronte dessa Igreja que, em 1986, o Papa João Paulo II reuniu os líderes religiosos do mundo inteiro para rezar pela paz no mundo e pelo diálogo inter-religioso. Ela se tornou o símbolo da paz e do diálogo. (Sugestão de leitura: 2Cel 18)

Presépio

Simplicidade, essa é uma marca franciscana. A simplicidade não foi algo tirado da cabeça de Francisco, como se de repente quisesse viver pobre e simples. Ele se inspirou no nascimento de Cristo, que se fez pobre entre nós, se fez frágil, uma criança. Por isso quis relembrar o nascimento



do Salvador representando-o no presépio. Ele foi o primeiro a fazer um presépio no natal, na cidade de Greccio. (Sugestão de leitura: 1Cel 85-87)

Cântico das Criaturas

Ao fim da vida, Francisco compôs o Cântico das Criaturas. Esse poema situa-se como um coroamento de uma trajetória devotada ao amor e louvor a Deus criador. Nesse canto Francisco chama a todos de irmãos, o sol, a lua, as estrelas, a água, o vento...

Todos os seres são postos em igualdade diante da harmoniosa criação divina. Todo ser é sinal da ação bondosa de Deus. Esse cântico simboliza um novo modo do homem conviver com o mundo ao seu redor. Todos são irmãos. O elo de amor fraternal deve ser o guia para o cuidado com toda criação. (Sugestão de leitura: Cnt; 1Cel 115,7; 2Cel 213,11).

ILUMINAR

Ao entrar em contato com os símbolos franciscanos, percebemos que eles estão intimamente ligados à figura de Cristo. Na verdade, Cristo é o mais puro e verdadeiro símbolo. Jesus em sua vida nos mostrou o rosto do Pai. Ele é a “imagem do Deus invisível” (Col 1, 15). Ele é a palavra de Deus encarnada (Jo 1, 1). Por meio de Cristo fazemos parte da comunhão divina. (1Jo 1,1-3).

Vamos refletir a passagem do Evangelho de João: **Jo 14, 1-21**.

- 1.O que este texto diz?
- 2.O que tem a nos dizer?
- 3.O que ele nos faz dizer ou fazer?

AGIR

Com as folhas de papel e lápis ou caneta, motivar a fraternidade a desenhar um símbolo que transmita a identidade de cada um. “Se fosse para eu me representar por meio de um desenho, ou objeto, qual símbolo usaria? Qual seria minha logomarca?”

Quem deseja compartilhar seu desenho? Por que usou este símbolo? O que sentiu ao fazer esse desenho? E se pudéssemos representar por meio de um símbolo nossa fraternidade, qual seria?

Juntar os símbolos e os colocar no centro da sala.

CELEBRAR

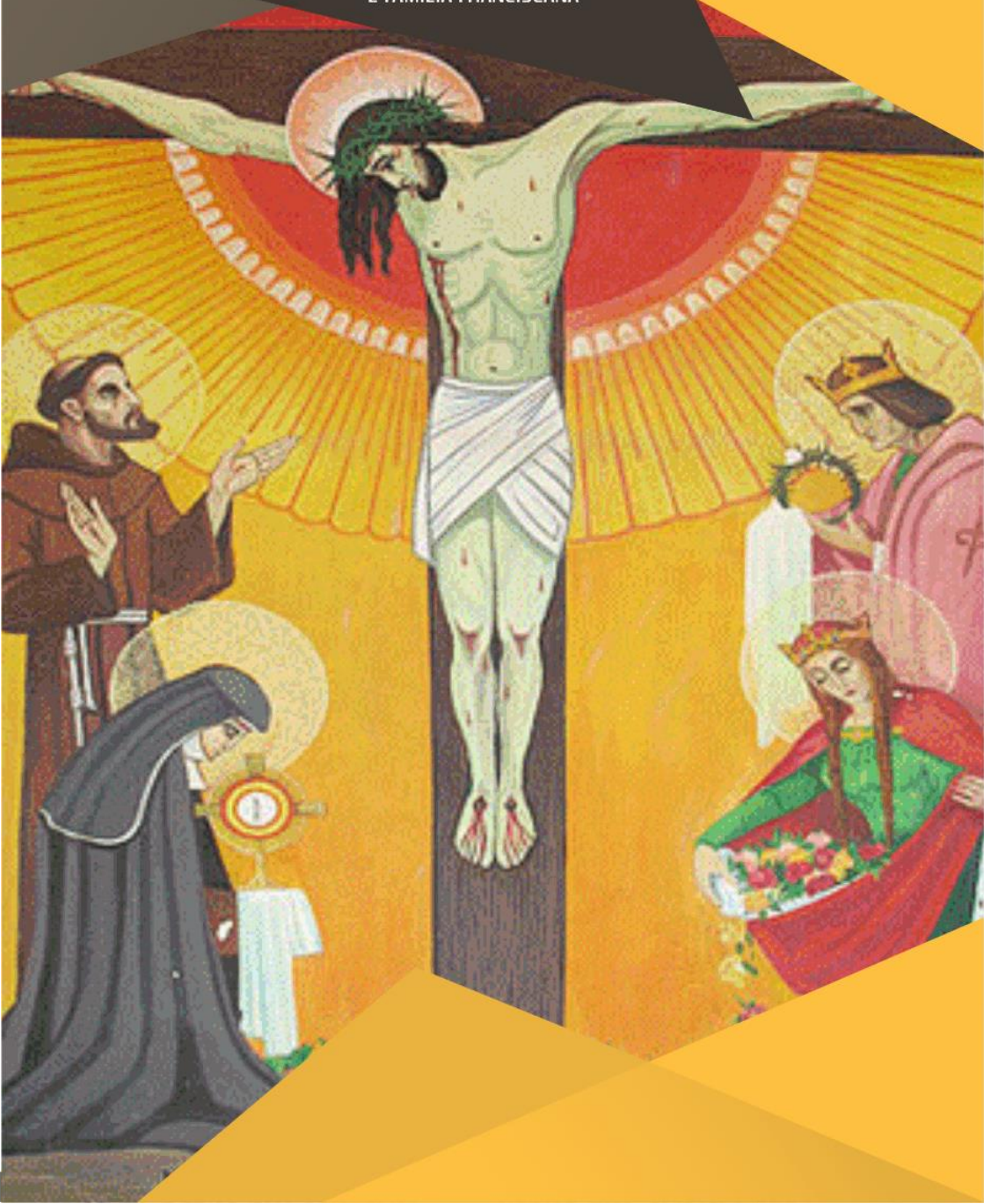
À luz do Evangelho de João, façamos um momento de silêncio contemplando a Cristo, imagem de Deus.

Neste momento pode-se colocar uma música de fundo. Após, se achar conveniente, entoar algum canto como “Igrejinha de São Damião”, de Marcus Viana ou o Cântico das Criaturas. Finaliza-se com Preces, a oração do Pai Nosso e bênção de São Francisco.

MOTIVAÇÃO FINAL

Quanto mais nos aproximarmos de Cristo, mais seremos unidos à Deus. Assim refletiremos em nossas vidas a face amorosa dele e nos tornaremos símbolos de Cristo no mundo. Munidos dos símbolos de nosso carisma, atualizamos sempre a proposta evangélica de Francisco e Clara.

AS ORDENS CRIADAS POR SÃO FRANCISCO
E FAMÍLIA FRANCISCANA



INTRODUÇÃO

Alguém certa vez afirmou: “só se pode amar aquilo que se conhece”. Este encontro traz a oportunidade de conhecer um pouquinho do que é a Família Franciscana, desde as três Ordens criadas por São Francisco até os Movimentos, Institutos Seculares e Congregações que se inspiram no ideal de vida deixado por esse santo que mais imitou a Jesus. A Jufra é um Movimento nascido a partir da Ordem Franciscana Secular, é o rosto jovem do franciscanismo. Embora formada por jovens, a Juventude Franciscana não é um “grupo de jovens” a mais dentro de uma Paróquia, mas um Movimento Jovem eminentemente franciscano, com um ideal, uma proposta de vida a ser experimentada e vivenciada no dia a dia de sua existência. Isso diferencia a Jufra de outros grupos de jovens paroquiais: é um Movimento espalhado pelo mundo inteiro, com uma estrutura organizacional que compreende os níveis: local, regional, nacional e internacional. É importante ter essa consciência para sabermos que estamos inseridos em uma Família que bebe da mesma fonte de espiritualidade.

OBJETIVO

Conhecer as Ordens criadas por São Francisco, bem como a Família Franciscana, que agrega os Movimentos, Congregações e Institutos que se inspiram no ideal de vida de Francisco e Clara de Assis, para que, conhecendo, se possa amar ainda mais o projeto de vida deixado pelo Jovem de Assis.

MATERIAL NECESSÁRIO

Três velas; desenho do tau em tamanho grande recortado; bíblia, imagens de São Francisco e Santa Clara, cruz de São Damião, desenho do tronco de uma árvore com galhos com o nome FRANCISCO ao centro e desenho recortado de folhas contendo nomes de virtudes franciscanas.

AMBIENTAÇÃO

No centro da sala onde será o encontro, colocam-se as imagens de São Francisco e Santa Clara e entre elas a cruz de São Damião. As três velas representando as três Ordens serão colocadas em cada ponta do tau por três jovens durante o momento orante. O tau estará no chão,

à frente das imagens e ao lado direito estará a bíblia aberta e ao lado esquerdo estará o tronco da árvore que será montada durante a dinâmica. As folhas contendo as virtudes estejam espalhadas na sala para que, no momento oportuno da dinâmica, cada participante possa pegar uma ou mais e assim formar árvore frondosa.

ACOLHIDA

Coordenador: *Queridos irmãos, queridas irmãs, sejam todos e todas bem-vindos ao nosso encontro. O Amor de Deus quis nos reunir hoje para conhecermos um pouco mais dessa grande graça que é o Franciscanismo! Graça que o Espírito Santo iniciou na Igreja, através do exemplo de vida de um jovem cheio de sonhos, que fez uma experiência radical de amar e de se sentir amado por Deus. Por causa dele, a Jufra existe e o sonho daquele jovem, que viveu há 800 anos, revive em cada um de nós que descobrimos esse tão grande tesouro. Saudemo-nos uns aos outros com um abraço fraterno, desejando PAZ E BEM!*

VER

Coordenador: *Você já deve ter ouvido falar da ação do Espírito Santo na vida dos cristãos. Pois bem! Ele é o responsável por tocar os corações humanos e despertar neles a vontade de Deus. Ele tocou e moveu o coração de Francisco e Clara de Assis e eles fizeram, por meio de suas vidas, uma total revolução pacífica, através de uma conversão radical (mudança de vida) na Sociedade e na Igreja. Mudaram de vida e a maneira com que eles passaram a seguir Jesus Cristo encantou outros jovens, que também deixaram tudo o que tinham para viver o Evangelho. Assim começou a grande aventura de alguns jovens que viram em Francisco e em Clara não a joia preciosa, mas uma seta que indica por onde e como ir até Jesus. Esses jovens (rapazes e moças) acreditaram no ideal apresentado por Francisco e Clara, experimentaram na origem a fluência da espiritualidade, o jeito próprio de ser como Francisco, um autêntico cristão. Foi a partir daí que surgiu a Família Franciscana.*

Leitor 1: Era o ano 1209 quando os primeiros companheiros de Francisco receberam a aprovação da Igreja e, assim, a 1ª Ordem passou a existir oficialmente, tendo sido a Regra aprovada pelo Papa Inocêncio III. Com o passar dos séculos, por motivações de

entendimento do carisma por parte dos frades e de uma tentativa de voltar às origens, muito tempo após a morte de São Francisco a 1ª Ordem desdobrou-se em três ramos, também chamados de Obediências:

- * Ordem dos Frades Menores (OFM)
- * Ordem dos Frades Menores Conventuais (OFMConv)
- * Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFMCap)

Leitor 2: Na noite de Domingos de Ramos do ano de 1212, a jovem Clara, sentindo-se atraída pelo ideal de Francisco em viver o Evangelho, escolhe para si a Pobreza como sua maior riqueza, abandonando o palácio onde vivia para seguir Jesus do jeito simples, pobre e desapegado de Francisco. Surge assim a 2ª Ordem que, motivada por Francisco, tem em Clara o rosto feminino da vida franciscana. A Ordem das Damas Pobres, mais tarde chamada de Ordem de Santa Clara, começou a crescer e a se difundir por todo o mundo. Reclusas numa vida silenciosa e orante, as Irmãs Clarissas não puderam seguir o Evangelho do jeito de Francisco, andando pelas cidades pregando, cuidando dos leprosos e doentes, porque naquela época isso não era um ofício próprio para mulheres consagradas. Mas elas, em seus Mosteiros, são como uma luz a difundir no mundo e na Igreja o Evangelho da Paz.

Leitor 3: O exemplo de Francisco conseguia atrair multidões, seu jeito de pregar e de anunciar o Reino de Deus, suas palavras, um homem feito oração, seu desapego, sua relação com os animais e com a criação inteira, seu modo de trabalhar e sua humildade estava revolucionando a vida da sociedade de Assis. Homens e mulheres casados queriam também seguir Francisco, mas não podiam deixar suas famílias pois se comprometeram a viver o sacramento do matrimônios. Assim, em 1221, Francisco funda a 3ª Ordem, inicialmente chamada de Ordem dos Irmãos e Irmãs da Penitência, hoje chamada de Ordem Franciscana Secular. Ele dá o direcionamento e a orientação de como poderiam viver o Evangelho à sua maneira espiritual, vivendo em suas casas, sem abandonar suas famílias e seus trabalhos.

Leitor 4: Dentro da 3ª Ordem, houve homens e mulheres que desejaram não casar e viver como eremitas ou em Fraternidade, morando e exercendo trabalhos juntos, cuidando dos doentes, ensinando as crianças, dando catequese, etc. Estes viviam segundo a

Regra da Terceira Ordem e a Igreja reconheceu como legítimo o modo de vida dessas comunidades que, com o passar dos tempos, foram crescendo até que, em 1521, receberam sua própria Regra aprovada pelo Papa Leão X. Esse ramo franciscano é chamado de Terceira Ordem Regular e faz parte dela religiosos e religiosas consagrados.

Leitor 5: Dentro da Ordem Franciscana Secular, tem lugar específico a JUFRA (Juventude Franciscana), o rosto jovem do franciscanismo, que, desejando viver o mesmo jeito de Francisco e Clara no mundo de hoje, inspirados pelo Espírito Santo, faz florescer na Igreja e no mundo o ideal franciscano de vida, sem descaracterizar-se da maneira jovial de curtir a vida, sendo alegre, criativa e espontânea, mas com responsabilidade. A JUFRA é um sinal luminoso dentro da Família Franciscana a resgatar outros jovens para Cristo.

Leitor 6: A partir do Concílio Vaticano II, desencadeou-se um amplo processo ou movimento de renovação na vida religiosa. Na Ordem Franciscana, este movimento gerou iniciativas em diversos países. Seguindo o exemplo da Família Franciscana de alguns países europeus, os franciscanos da América Latina procuraram meios de colocar em prática a "volta às fontes" solicitada pela Igreja. Deste modo, nasceu, em 1965, o CEFEPAL (Centro de Estudos Franciscanos e Pastorais para a América Latina) no Chile. Em 1966, surgia também no Brasil o CEFEPAL que, no dizer de seus idealizadores, foi pensado para ser um movimento franciscano que unisse, em espírito de fraternidade, todos os franciscanos e franciscanas do Brasil, para promover a reflexão sobre o carisma e a missão franciscanos e para dar uma resposta aos desafios da Igreja latino-americana.

Leitor 7: Ao longo de 40 anos, percebeu-se, então, que esta sigla não era mais condizente com a realidade, e que era, portanto, necessária uma reformulação que englobasse uma nova compreensão daquilo que o CEFEPAL se propunha ser e de suas finalidades e objetivos. A Assembleia Geral de outubro de 1994 cuidou não apenas de repensar a nomenclatura, mas de tornar a estrutura mais ágil e simples. Deste modo, a FFB (Família Franciscana do Brasil) sucede ao CEFEPAL, significando o conjunto de todas as entidades associadas e os mais diversos serviços na linha da espiritualidade franciscariana. A FFB não está isolada na realidade da América

Latina. Em todos os países latino-americanos existem Organizações ou Centros Franciscanos com os mesmos objetivos.

Leitor 8: Em 2015, com a implementação do Acordo Brasil e Santa Sé e a Lei que define as Organizações Religiosas e a sua organização interna e funcionamento, no Estado brasileiro, a FFB acrescenta à sua denominação a palavra Conferência, assumindo status de uma representatividade, de nível nacional. Diante desta nova realidade, foi agregado à logomarca o **C de conferência** que, colocado no início, abraça a sigla anterior, simbolizando o assumir a história até aqui construída, bem como abertura às novas exigências e realidades.

Coordenador: *Agora que já tivemos um panorama geral da nossa Família, o que podemos responder se alguém um dia lhe perguntar o que é a Família Franciscana?*

Deixar que falem. As respostas devem envolver a ideia de que são todos aqueles membros do povo de Deus, leigos, religiosos e sacerdotes, que se sentem chamados ao seguimento do Cristo, nos passos de São Francisco de Assis.

ILUMINAR

Coordenador: *Vamos ler e refletir o trecho da Sagrada Escritura que retrata bem essa união e amor enquanto família que somos, cuja raiz fecunda é Cristo. Faremos também conexão com o que falou São Francisco a respeito da vida fraterna.*

LEITURA BÍBLICA: João 15, 5-17

L. DAS FONTES FRANCISCANAS: Testamento 14

Momento de silêncio.

O coordenador deve conduzir a reflexão:

1. Para mim o que é sentir-se família?
2. Que características consigo identificar na Jufra que são características de uma família? E na relação da Jufra com a OFS e outros ramos franciscanos?

3. Me sinto irmão/ã, acolhido/a, amado/a e valorizado/a nesta Família?

AGIR

Para tornar mais prático e concreto o que aprendemos nesse encontro, pode-se dinamizá-lo e assim fixar melhor o que de fato forma a Família Franciscana. A dinâmica deve despertar a percepção de cada jovem para a valorização do outro como pessoa, que possui dons, e características marcantes e isso é valioso na convivência fraterna. Deve-se usar a cartolina com o desenho o tronco de árvore como nome de FRANCISCO e desenhos de folhas, tendo em cada uma delas uma característica.

Reunidos em círculo, o coordenador explica para o grupo como será realizada:

1º) Cada pessoa pegará uma folha, ou mais de uma, dependendo do número de participantes, para montar a árvore frondosa. A característica que estará na folha que cada um pegou será repassada para o colega da direita quando chegar a sua vez. A frase que norteará a dinâmica será: **“Vindo para o encontro da Jufra, no caminho encontrei...”** (fala a característica escrita na folha referindo-se à pessoa que está ao lado e entrega a folha para ela).

2º) A pessoa que está ao lado recebe a folha com a característica e dirá: **“Eu sou...”** (diz a característica que recebeu) e pode acrescentar algumas palavras sobre essa característica e vai montando as folhas nos galhos da árvore. E assim segue-se a dinâmica até todos terem recebido sua característica e montado a árvore, que representa a FAMÍLIA FRANCISCANA, cujos galhos representam as Ordens, Congregação, Institutos e Movimentos, com seus dons e características diversas.

3º) Pode-se finalizar com um canto que melhor represente esse momento de vivência fraterna.

O coordenador pode falar algumas palavras sobre o sentido da dinâmica e a identificação da mesma com o tema do encontro.

Tendo, pois, conhecido teoricamente um pouco da vida e da história franciscana, seria interessante que a fraternidade pudesse aprofundar um pouco mais esse conhecimento com a experiência prática, visitando uma Fraternidade Franciscana, seja da OFS, dos frades ou de religiosas e pudesse conversar, ou mesmo entrevistar, um

dos membros sobre como surgiu a vocação dele ou dela, como sua Congregação nasceu, o porquê da inspiração franciscana, etc.

CELEBRAR

Coordenador: *Silenciemos um pouco nosso coração e elevemos ao Deus Altíssimo nossa oração. Deixemos que a Luz que iluminou a vida de Francisco e Clara e que continua a iluminar a Família Franciscana no mundo inteiro, ilumine, brilhe e irradie na vida de cada um de nós.*

Canto: Ó Luz do Senhor, que vem sobre a terra, inunda meu ser, permanece em nós! (repete)

Leitor 1: O ideal franciscano de vida é uma semente fecundada em nossa experiência diária e concreta de praticar os ensinamentos do Evangelho.

Todos: Senhor, tu nos conheces exterior e interiormente, sabes de nossos anseios, de nossos sonhos, de tudo o que almejamos... Fazei que o ideal franciscano de vida cresça continuamente em nosso coração, para sermos, no mundo de hoje, sinais de tua presença entre os jovens na sociedade.

Leitor 2: “Foram muitos os que quiseram deixar os cuidados mundanos para chegarem ao conhecimento de si mesmos, na vida e na escola do Santo Pai Francisco, caminhando para o amor de Deus e seu culto... Pois era um artista consumado, que apresentava o exemplo, a Regra e os ensinamentos de acordo com os quais a Igreja de Cristo rejuvenescia...” (1Cel 37)

Canto: Vem, ó Francisco, reconstrói a Igreja, preciso de ti. Vem, ó meu povo, vem comigo agora, vem reconstruir! (bis)

Todos: Grande e magnífico Deus, meu Senhor Jesus Cristo, iluminaí o meu espírito e dissipai as trevas da minha alma! Dai-me uma fé íntegra, uma esperança firme, uma caridade perfeita! Concedei, meu Deus, que eu vos conheça muito, para poder agir sempre segundo os vossos ensinamentos e de acordo com a vossa Santíssima Vontade.

Coordenador: *Por onde formos e a quem encontrarmos, levemos a mensagem franciscana da Paz e do Bem!*

Canto: Irmão Francisco, irmão de todo irmão. Clara de Assis, irmã de toda irmã. Cantam ao mundo só Deus nos bastará, o amor é lindo, ele vencerá. Irmão Francisco, vem me ensinar, Clara de Assis aponta o que fazer. Para que o Senhor seja o tudo em mim. Para só servi-lo que devo fazer? Vem dizer. Se você quiser servir a Deus, faça poucas coisas, mas as faça bem. Pedra por pedra, com esperança de ver Jesus. Dia após dia, com alegria sempre buscando além.

MOTIVAÇÃO FINAL

Desde 1500 a Família Franciscana se faz presente em terras brasileiras. E hoje ela lhe oferece um caminho no qual você pode servir a Deus: não lhe oferece um trabalho determinado, mas uma forma de vida, uma espiritualidade, um modo diferente de olhar o mundo, o ser humano e o próprio Deus. A única coisa que Francisco e Clara pedem a você é que sirva aos outros, especialmente aos marginalizados, como irmão e irmã menor, humildemente sem oprimi-los, porque assim o fez Jesus.

Pertencer à Família Franciscana é levar adiante com renovado ardor, o empenho de nos tornar cada vez mais uma só família. É desenvolver com fraternidade a missão no meio do povo em solidariedade com os pobres, sendo instrumento de Paz e de justiça na defesa da integridade e da criação. É promover, com todo empenho, uma nova criação com a esperança e alegria por sermos todos irmãos.

HISTÓRICO, ORGANIZAÇÃO E OBJETIVOS DA JUFRA



INTRODUÇÃO

Espontaneamente e a critério da Equipe de Formação.

OBJETIVO

Aprofundar o conhecimento dos jovens iniciantes sobre a Juventude Franciscana (JUFRA), para que se reconheçam como construtores desta História, valorizando a memória pessoal e coletiva a partir do protagonismo juvenil.

MATERIAL NECESSÁRIO

Materiais para a ambientação do lugar do encontro; cópias das letras do Hino e do Salmo para as orações e do texto de aprofundamento; corte de tecido branco de no mínimo 1,5m e tintas coloridas para tecido.

AMBIENTAÇÃO

Imagem de São Francisco de Assis e de Santa Clara, livros, fotografias e outros materiais antigos e atuais da JUFRA e o corte de tecido branco.

ACOLHIDA

Acolher cada participante na entrada do local com o abraço e o desejo de “Paz e Bem”; cuidar para que o espaço esteja organizado e ambientado com os símbolos antes dos participantes chegarem.

VER

A Equipe de Formação responsável pelo encontro prepara previamente a melhor forma de apresentar o texto de aprofundamento, de forma simplificada e criativa, podendo partilhar esta tarefa com outros irmãos e irmãs jufristas e/ou “eternos jufristas” (irmãos e irmãs que já tenham participado da Jufra, mas não pertencem mais à fraternidade oficialmente) e outros franciscanos. A apresentação poderá ser feita com exibição de slides, organização de cartazes com textos e fotografias, poesias, vídeos, folheto de cordel, encenação de teatro, montagem de paródia, etc.

TEXTO DE APROFUNDAMENTO:

A História da Juventude Franciscana (JUFRA) liga-se ao nome e à experiência de Francisco de Assis e da Ordem Franciscana Secular (OFS), ainda no século XIII. Os primeiros companheiros e companheiras de Francisco eram jovens, e em sua juventude souberam compreender e assumir este sentido profundo para a vida: Viver o Evangelho em Fraternidade. Ao longo dos séculos, com a expansão do movimento franciscano e suas Ordens, famílias inteiras passaram a assumir este compromisso, também as crianças e adolescentes. Respondendo a esta realidade, institui-se uma pequena organização chamada “*Arquiconfraria do Cordão de São Francisco*”, ou “*Cordígeros*”, possibilitando a meninos e meninas conviverem com a proposta franciscana. “*Cordígero*”, aquele que usa o cordão, fazendo referência ao cordão franciscano. Poderíamos dizer que aqui aparece o embrião da Juventude Franciscana.

Já no século XX, em diversos países, experiências locais de “*Juventude Franciscana*” ligadas aos frades ou à OFS. Em 1950, ocorreu em Roma um Congresso Internacional da OFS, e a juventude se fez presente manifestando seu desejo de uma organização própria dos jovens, dentro de sua realidade, com pedagogia e metodologia adequadas à maneira de ser e às aspirações da juventude. O Congresso aprovou a iniciativa e assim nasceu oficialmente a Juventude Franciscana (JUFRA) no mundo, reconhecida juridicamente pela OFS e pela Igreja. Rapidamente a JUFRA expande-se para várias nações, organizando Fraternidades Nacionais em países como: Itália, Espanha, Suíça, Alemanha, Estados Unidos, Canadá, Venezuela. Mais tarde, também Brasil, Argentina, Paraguai, bem como os continentes asiático e africano. Em pouco tempo, tornou-se uma organização mundial distinta da OFS em sua natureza, estilo e dinâmica de viver o carisma franciscano no meio dos jovens, inserida na Família Franciscana e ligada intimamente à OFS.

No Brasil, também ocorreram experiências locais da JUFRA entre as décadas de 1940 e 1960, em municípios como: Bagé-RS (1946), Petrópolis-RJ, Belém-PA (1954), Taubaté-SP, Luzerna-SC, Belo Horizonte-MG (1961), Ponta Grossa-PR (1967 e 1968), Sobral-CE (1968), Nilópolis (1968), Floriano-PI (1968), entre outros. Destas, a experiência das duas Fraternidades de Ponta Grossa-PR foi recebendo destaque, pois se tornou conhecida e admirada pelo testemunho e dinamismo dos jufristas e o empenho de seu assistente e promotor, Frei Eurico de Mello, OFMCap. Neste período, a JUFRA de Ponta Grossa-PR,

ligada aos Capuchinhos, foi convidada a participar da reunião do Conselho Nacional da OFS Capuchinha, em Recife-PE, em janeiro de 1971, sendo representada pela jufrista Ivone Barszcz. Nesta reunião esteve presente o Ministro Geral dos Capuchinhos, Frei Pascoal Riwaliski, o qual solicitou à OFS que desse ao movimento jufrista uma organização nacional. Ivone foi nomeada Presidente Nacional da JUFRA e voltou à Ponta Grossa-PR com o encargo de organizar uma Equipe Nacional com os jufristas da sua Fraternidade.

Durante todo o ano de 1971 e 1972, a Equipe Nacional dedicou-se intensivamente aos estudos, oração e elaboração dos primeiros Documentos Básicos, posteriormente aprovados pelo Conselho Nacional da OFS do Brasil. Para intensificar a expansão da JUFRA, assumiu a Secretaria Executiva Nacional a jufrista Maria de Lourdes de Paula, sendo liberada para o trabalho de coordenação e assessoria técnica. Neste momento, deu-se um grande passo no protagonismo jufrista: a convocação do 1º Congresso Nacional de Assistentes e Dirigentes da JUFRA. Realizado de 12 a 20 de dezembro de 1972, em Ponta Grossa-PR, o 1º Congresso Nacional contou com a presença de um assistente e dois jovens de cada uma das 11 Regiões da OFS do Brasil. Neste Congresso, foram discutidos e aprovados os Documentos Básicos: o Manifesto e o Esquema Funcional, bem como o Plano Nacional de Implantação da JUFRA, que se constituía basicamente na estratégia da Equipe Nacional visitar os Regionais da OFS/JUFRA para montagem de Equipes Pilotos nos Regionais, a partir de 1973.

Ao longo dos anos, a JUFRA foi organizando-se e realizando suas atividades, destacando-se os Congressos Nacionais (CONJUFRA), seu órgão máximo de legislação, deliberação e eleição, como segue: 2º Congresso Nacional, em Ponta Grossa-PR, 1974; 3º Congresso Nacional, em Salvador-BA, 1977; 4º Congresso Nacional, em Salvador-BA, 1980; 5º CONJUFRA, em Salvador-BA, 1983; 6º CONJUFRA, em São Luís-MA, 1986; 1º CONJUFRA Extraordinário, em Conceição do Mato Dentro-MG, 1987; 2º CONJUFRA Extraordinário, em Vitória da Conquista-BA, 1988; 7º CONJUFRA, em Ponta Grossa-PR, 1989; 8º CONJUFRA, em Campo Grande-MS, 1992; 9º CONJUFRA, em São Cristóvão-SE, 1995; 10º CONJUFRA, em Porto Alegre-RS, 1998; 3º CONJUFRA Extraordinário, em Brasília-DF, 1999; 11º CONJUFRA, em Paulista-PE, 2001; 12º CONJUFRA, em Curitiba-PR, 2004; 13º CONJUFRA, em Castanhal-PA, 2007; 14º CONJUFRA, em Mossoró-RN, 2010; 15º CONJUFRA, em Santa Maria-RS, 2013; 4º CONJUFRA

Extraordinário, em Mogi Mirim-SP, 2014; e 16º CONJUFRA, em Campo Grande-MS, 2016.

A Juventude Franciscana (JUFRA) do Brasil é parte integrante autônoma do Movimento Internacional da Juventude Franciscana que é formada por aqueles/as jovens que se sentem chamados/as pelo Espírito Santo para fazer, em fraternidade, a experiência de vida cristã, à luz da mensagem de São Francisco de Assis, aprofundando a própria vocação no âmbito da Ordem Franciscana Secular.

A JUFRA tem por principais objetivos: levar o jovem a um compromisso de vida evangélica, em fraternidade, segundo o carisma franciscano, inserindo-o na caminhada da JUFRA como leigo comprometido, estimulando-o ao ingresso na Ordem Franciscana Secular como aprofundamento da sua vocação; despertar para o compromisso de vida, inserido nas realidades presentes no contexto da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil e na América Latina; motivar a vivência dos valores franciscanos: conversão evangélica, contemplação ou vida de oração, pobreza em espírito, fraternidade, apostolado e inserção no mundo; despertar nos jovens uma consciência sócio-político-ambiental dentro dos princípios da mística franciscana; e desenvolver iniciativas que promovam a vida, a paz, a justiça, a fraternidade universal e outros aspectos atinentes à espiritualidade franciscana.

A JUFRA compreende membros de quatro categorias distintas: Infância Franciscana (Infância); Micro Franciscanos (pré-adolescentes); Mini Franciscanos (adolescentes); e Jufristas (jovens de 15 a 30 anos incompletos). A idade de 15 anos para ingresso na JUFRA é o limite mínimo e a admissão dos membros é feita na Fraternidade Local através de inserção pessoal espontânea ou por convite. Concretiza-se com a participação na Formação da Infância Franciscana, Micro Franciscanos, Mini Franciscanos, e para o Jufrista com o Ritual do Compromisso Franciscano de Vida, a ser realizado no Retiro Inicial da Formação Base da JUFRA.

Os jufristas têm direito a: receber formação humana, cristã, franciscana e sócio-político-ambiental, conhecimentos sobre a história da Igreja e sobre a influência que o franciscanismo secular exerceu e deve exercer na sociedade; votar e ser votado para serviços da JUFRA, desde que seja jufrista percorrendo pelo menos a FBJ e esteja comprometido com a caminhada; e aceitar os serviços da JUFRA, em espírito de doação, colaboração e minorismo. Além disso, eles têm o dever de: participar dinamicamente das atividades da Fraternidade Local, de Congressos,

Assembleias e Encontros de formação, e demais atividades propostas; comprometer-se com a implantação da Infância, Micro e Mini Franciscanos e da JUFRA, e assumir a formação em todas as Etapas, bem como cultivar um bom relacionamento com as fraternidades de OFS; não tomar qualquer deliberação em nome da JUFRA, sem a devida anuência do Secretariado Fraterno competente; cumprir, dentro dos prazos previstos, com as contribuições financeiras regularmente fixadas pela JUFRA; e observar e cumprir o que determina o Estatuto.

A JUFRA do Brasil se organiza em Fraternidades de vários níveis: Local, unidade básica de organização e vivência, na qual o jufrista recebe uma formação integral com o objetivo de viver plenamente o carisma franciscano de seu compromisso de vida, inserido em seu grupo social; Regional, organismo social e unidade territorial que agrupa Fraternidades de um ou mais Estados da Região; e Nacional, organismo social e unidade territorial, que agrupa todas as Fraternidades da JUFRA do Brasil. A Área e o Distrito são subdivisões territoriais do Brasil e do Regional, respectivamente, como elemento auxiliar de administração e coordenação. Os Regionais da JUFRA do Brasil e seus respectivos Estados e Áreas correspondentes são: Área Norte: Regional Norte 1 (AM, RR e AC), Regional Norte 2 (PA Leste e AP) e Regional Norte 3 (Pará Oeste); Área Nordeste A: Regional Nordeste A1 (MA), Regional Nordeste A2 (CE e PI) e Regional Nordeste A3 (PB e RN); Área Nordeste B: Regional Nordeste B1 (PE e AL), Regional Nordeste B2 (SE), Regional Nordeste B3 (Bahia Norte) e Regional Nordeste B4 (Bahia Sul); Área Sudeste: Regional Sudeste 1 (MG), Regional Sudeste 2 (RJ e ES) e Regional Sudeste 3 (SP); Área Sul: Regional Sul 1 (PR), Regional Sul 2 (SC) e Regional Sul 3 (RS); Área Centro-Oeste: Regional Centro (DF, GO e TO) e Regional Oeste (MS, MT e RO).

Cada Fraternidade Local, Regional e Nacional possui como instância máxima o Congresso ou Assembleia respectiva, e é coordenada por um Secretariado Fraterno, com as Secretarias básicas: Fraterna; de Formação; de Direitos Humanos, Justiça, Paz e Integridade da Criação (DHJUPIC); de Ação Evangelizadora (AE); da Infância, Micro e Mini Franciscanos (IMMF); de Comunicação Social, Registro e Arquivo; e de Finanças; para os Distritos, nos Regionais, e para as Áreas, no Nacional; além da Animação Fraterna e da Assistência Espiritual. Também poderão ser criadas Assessorias nos três níveis de Fraternidade.

As sedes da JUFRA do Brasil foram: Paraná (1971-1977), Bahia (1977-1980), Rio Grande do Sul (1980-1983), Maranhão (1983-1989),

Paraná (1989-1992), Mato Grosso do Sul (1992-1998), Pernambuco (1998-2001), Paraíba (2001-2004), Ceará (2004-2010), São Paulo (2010-2013) e Minas Gerais (2013-2015), sendo transferida permanentemente para o Rio de Janeiro, no mesmo prédio sede da OFS do Brasil.

ILUMINAR

Cantar o Salmo 139 (138), 2ª versão, do Ofício Divino das Comunidades:

1. Tu me conheces quando estou sentado,/ Tu me conheces quando estou em pé,/ Vês claramente quando estou andando,/ Quando repouso, tu também me vês./ Vais às raízes do meu pensamento,/ Tu adivinhas todo o meu dizer,/ Para ficar longe do teu Espírito,/ O que farei? Aonde irei? Não sei.

Para onde irei,/ Para onde fugirei?/ Se subo aos céus ou se me prostro no abismo, eu te encontro lá./ Para onde irei?/ Para onde fugirei?/ Se estás no alto da montanha verdejante ou nos confins do mar...

2. Se eu disser às trevas que me escondam,/ E que não haja luz onde eu passar,/ Pra ti, Senhor, a noite é claro dia,/ Fazes da noite, luz a irradiar./ Tu me teceste no seio materno,/ e me formaste com tuas próprias mãos./ As tuas obras são maravilhosas,/ Agradecido, faço louvação.

3. Em teu segredo quando fui pensado/ E fui gerado em fecundo chão,/ Meu ser profundo não desconheceste,/ Sempre me viste em toda a minha ação./ A minha história em teu livro escrita,/ Ali teus olhos viram meu agir./ Meus dias foram por ti calculados,/ Bem mesmo antes de eu existir.

4. Ó meu Senhor, olhando os teus projetos,/ Para entendê-los, limitado sou:/ Incalculáveis como grão de areia.../ Quando desperto inda contigo estou./ Os opressores todos que me cercam,/ Por tua força sejam destruídos,/ Homens injustos que a ti renegam,/ Sempre serão, Senhor, meus inimigos.

5. Olha-me, Deus, e vê meus pensamentos,/ Vem, examina o meu coração./ Meus passos tiram do caminho errado/ Guarda minha vida em toda retidão./ Glória te damos, Deus, pra todo o sempre/ Glória ao Filho, nosso Salvador./ Glória e louvor também ao Santo Espírito/ Que é fonte viva de eterno amor.

LEITURA BÍBLICA: Lucas 4,16-21**REFLETIR JUNTOS:**

1. Qual versículo do Salmo 139(138) mais ressoou em nosso coração? Ele tem algo a ver com nossa História pessoal e coletiva? E em relação à JUFRA?

2. A JUFRA é uma presença evangélica de Deus no meio do Povo? Como essa presença pode ser sentida ao longo da História? Somos um “Evangelho”, uma “Boa Notícia” para o Povo?

3. Qual a importância da memória pessoal e coletiva e do protagonismo juvenil na JUFRA?

AGIR

Procurar irmãos antigos da JUFRA, visitá-los e trocar informações sobre a História da JUFRA; procurar Fraternidades mais próximas ou fazer contato via internet com esses irmãos, se na localidade nunca houve JUFRA; buscar compreender as semelhanças e diferenças entre os tempos históricos da JUFRA; pesquisar materiais antigos e atuais da JUFRA do Brasil e de outros países, como atas, fotografias, livros, cadernos de anotação, entrevistas, matérias em sites, revistas e blogs, etc; contribuir com as Secretarias de Comunicação Social, Registro e Arquivo, cuidando desde já e sempre do Arquivo permanente da Fraternidade Local, Regional e Nacional.

CELEBRAR

Cantar juntos/as o Hino “Oi! Louvai!”, agradecendo a Deus pela Juventude Franciscana e por sua missão de “Construir o Reino nos Caminhos da História”.

Oi! Louvai ao Senhor nosso Deus,/ Por tudo aquilo que Ele nos fez. (bis)

1. Ele nos reuniu no amor de Cristo/ E é sempre fiel a seu povo santo.
2. Ele nos deu seu próprio Filho/ E cumpriu sua palavra de salvação.
3. Ele está presente em nossa história/ E caminha à frente do seu povo em marcha.
4. Ele nos alimenta em nossa caminhada/ E faz da nossa morte, vida e ressurreição.

Montar coletivamente um painel da Fraternidade Local, com características da identidade e realidade social, cultural e ambiental do povo e do lugar e possíveis aprendizados vividos neste encontro; expô-lo à comunidade e nas atividades promovidas e participadas pela JUFRA.

Rezar o Pai-Nosso, de mãos dadas.

MOTIVAÇÃO FINAL

Espontânea e a critério da Equipe de Formação.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA:

CENTRO NACIONAL DA JUFRA. **Juventude Franciscana:** Documentos Básicos da Juventude Franciscana no Brasil, Ponta Grossa-PR: Centro Nacional da JUFRA, 1973.

FERREIRA, Alex Sandro Bastos. **JUFRA:** Um luminoso ideal de vida, há 60 anos! in: JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL, **Caderno Nacional de Formação**, Nº 01/2010. p. 04-05.

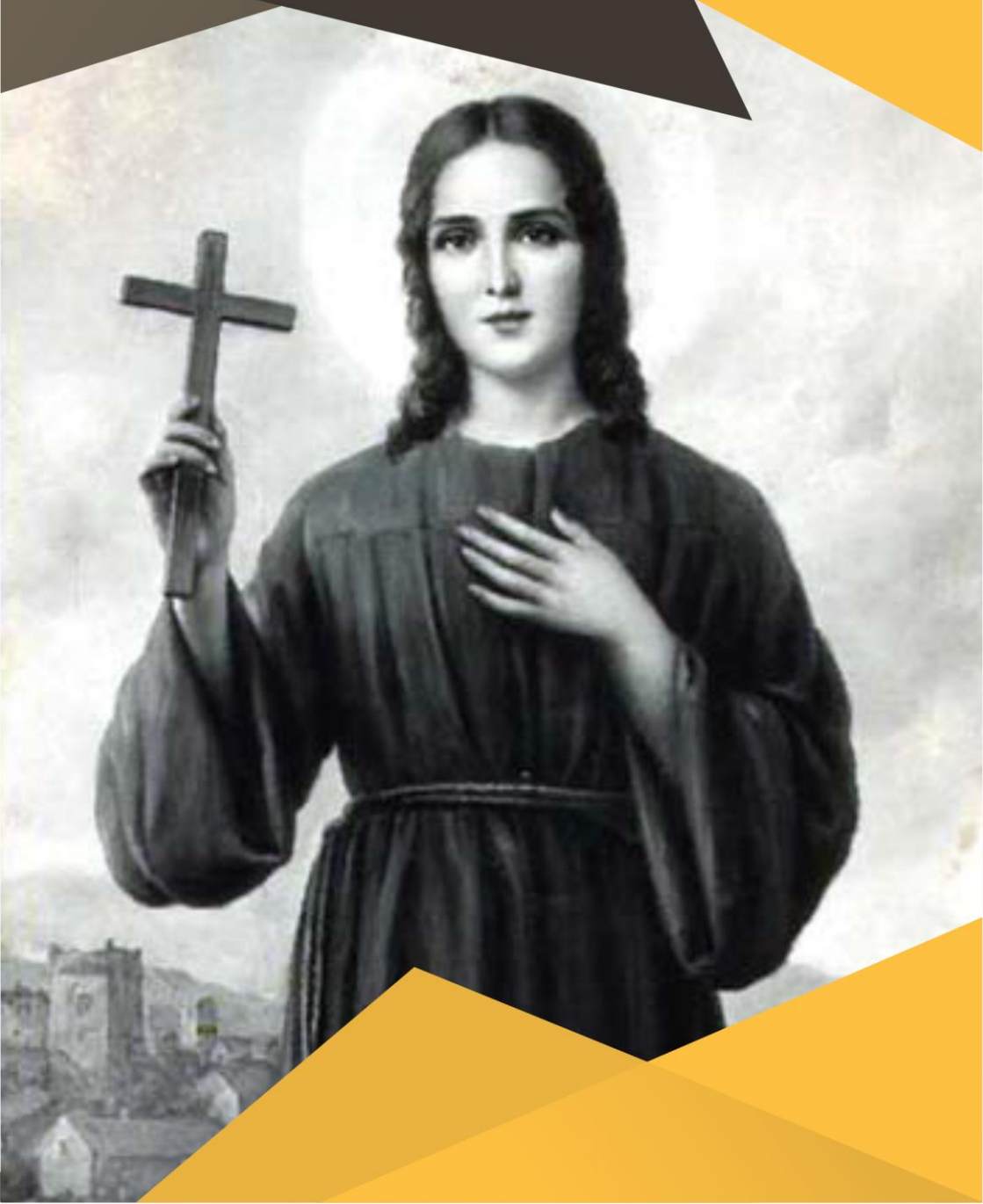
GARAGIOLA, Frei João de Deus. **Juventude Franciscana:** 20 anos de história no Brasil, Petrópolis-RJ: CEFEPAL, 1991.

JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL, **Caderno Nacional de Formação**, 9ª Edição, 2014.

MELO, Frei Eurico de. **Os Jovens Procuram Cristo:** Movimento Nacional de Juventude Franciscana, Ponta Grossa-PR: Centro Nacional da JUFRA, 1973.

PAULA, Maria de Lourdes de. **Mensagens dos Ex-Secretários(as) Nacionais para os 40 anos da JUFRA:** Secretária Executiva Nacional da JUFRA do Brasil (1972/1977). Juventude Franciscana do Brasil, 2011.

SANTA ROSA DE VITERBO



INTRODUÇÃO

“Permaneço em mim, e Eu permanecerei em vós. Nenhum ramo pode produzir fruto por si mesmo, se não estiver ligado à videira. Vós igualmente não podeis dar fruto por vós mesmos, se não permanecerdes unidos a mim. Eu Sou a videira, vós os ramos. Aquele que permanece em mim, e Eu nele, esse dará muito fruto; pois sem mim não podeis realizar obra alguma.” (Jo 15,4-5)

OBJETIVO

Refletir sobre a biografia de Santa Rosa de Viterbo, analisando o que podemos tomar como inspiração nos dias atuais, na nossa experiência de jovens franciscanos/as.

MATERIAL NECESSÁRIO

Imagem de Cristo; fotos ou objetos que representem cada um dos irmãos e irmãs da Fraternidade; cópias da música “Irmãos da Lua” (Renato Teixeira); tiras de papel com passagens bíblicas que trazem como tema o corpo místico de Cristo (Rm 12,5; 1Cor 10,16; 1Cor 12,12.27; Rm 6:22; At 4,12).

AMBIENTAÇÃO

Preparar a sala do encontro com a imagem de Jesus Cristo ao centro rodeado de fotos ou objetos que representam os irmãos e irmãs, enfatizando o conceito de que todos somos um em Cristo. As tiras de papel com as passagens bíblicas devem ser espalhadas entre as fotos e objetos.

ACOLHIDA

Preparar a recepção com a canção “Irmãos da Lua” de Renato Teixeira. A recepção poderá ser feita com o grupo em círculo e de mãos dadas, reforçando a ideia de fraternidade e de unidade em Cristo.

VER

O coordenador poderá dinamizar a apresentação da parte do “Ver” da forma que melhor convier à realidade da fraternidade.

Rosa nasceu em uma família pobre de Viterbo, em Itália, provavelmente em 1236. Viveu num período histórico onde a Igreja tinha os poderes de um império, ao mesmo tempo em que os

imperadores tinham também poderes religiosos. Viterbo estava no centro de uma disputa entre o papa e o imperador por poder e territórios. A oposição entre o papa Inocêncio IV e o imperador Frederico II era tão profunda que o papa se envolveu em um complô para assassinar o imperador, que só não teve sucesso porque foi denunciado pelo conde de Caserta. Essa disputa marcou profundamente a vida de Santa Rosa.

Seus pais trabalharam no Mosteiro São Damião, de irmãs clarissas, aonde tomou contato com a espiritualidade franciscariana. Seus biógrafos a apresentam como alguém muito dedicada à oração e à penitência. Aos oito anos, esteve gravemente doente e, segundo seus biógrafos, foi curada milagrosamente pela Santíssima Virgem que a mandou tomar o hábito da Ordem da Penitência, posteriormente chamada de Ordem Terceira de São Francisco.

A partir de então, tomou uma vida de pregadora dedicando-se a exortar sobre a paixão de Jesus Cristo e os pecados da humanidade. Durante a disputa entre o papa e o imperador, Rosa tomou resolutamente o lado do papa, o que lhe causou muitos problemas, sendo condenada ao exílio e forçada a sair da cidade com sua família que passou a morar em Soriano, na Itália.

Rosa somente pôde voltar à sua cidade natal depois da morte do imperador Frederico II, em 1250. Dois anos depois, ela própria faleceu “sem agonia”. No mesmo ano, o Papa Inocêncio IV mandou iniciar seu processo de canonização. Cinco anos depois, em 04 de setembro de 1257, quando o Papa mandou exumar o corpo, para a surpresa de todos, encontrou-o totalmente preservado. A população não tardou a demonstrar sua veneração e seu corpo “preservado da corrupção” está na Igreja de Santa Maria del Poggio, de onde é levado em procissão todo dia 04 de setembro.

Jovem e franciscana, Santa Rosa foi assumida como padroeira da Gifra (Juventude Franciscana da Itália) e, já nos primeiros anos de sua fundação, também do movimento da Juventude Franciscana brasileira.

Assim como os jovens franciscanos nas décadas de 70, no período da ditadura militar no Brasil, Santa Rosa viveu numa época com muitas contradições e conturbada pelas disputas de poder, onde era difícil discernir certo e errado, verdadeiro e falso. Sua principal

virtude foi a paixão com a qual ela se entregou à tarefa de promover a conversão, a fidelidade à Igreja, o amor e a paz.

Sua biografia nos diz que ela nutria o profundo desejo de tornar-se monja. Fez duas tentativas de entrar no mosteiro das clarissas, sendo recusada nas duas. Naquele tempo, o modelo de perfeição cristã era o modelo monástico que destacava o ideal da “Fuga Mundi”, fuga do mundo, palavra que designava naquela época caos moral.

Os cristãos daquela época alimentavam uma espiritualidade de desprezo do mundo que era entendido como desprezo do mal, do pecado, da corrupção, da velhacaria que encontrava na cidade, mas também dentro de nós, consequentemente, para eles, a perfeição cristã só poderia ser obtida separando-se da corrupção da sociedade. Naquele tempo, no seu contexto histórico, era muito difícil pensar a vocação secular como algo positivo. A posição do leigo e do secular na Igreja era vista do ponto de vista da insuficiência e da subordinação. A palavra “leigo” era usada para diferenciar o povo, em sua maioria iletrado, que não tinha acesso ao conhecimento e tampouco à escrita.

Se não podemos fugir da nossa condição de viver numa sociedade, num determinado tempo e lugar, estar no mundo seguindo o exemplo de Cristo é a nossa vocação. A oração e a Eucaristia devem estar no centro da nossa vida, são os momentos nos quais podemos “recarregar” nossas energias na graça do Senhor. A plena realização de nossa vocação franciscana se dá no mundo do trabalho, da ciência e da cultura, das artes, da política, da família, etc. Nesses lugares estaremos seguindo o Evangelho quando promovemos a paz, quando somos capazes de amar o próximo até as últimas consequências e quando tomamos definitivamente o partido dos mais pobres e marginalizados.

Santa Rosa de Viterbo foi, certamente, uma pessoa fantástica, inspirada, como era a cultura do seu tempo, num modelo de piedade monástico. A releitura do Evangelho promovida pelo Concílio Vaticano II nos permitiu descobrir a beleza da vocação secular e do papel que temos a realizar no mundo contemporâneo. Deste ponto de vista, devemos nos perguntar sobre o que a vida de Santa Rosa pode nos inspirar em nossos próprios desafios e sobre o que é específico do momento histórico dela e que não é adequado para nossa época.

ILUMINAR

Organizados em cinco grupos, vamos realizar uma leitura dos trechos do Evangelho indicados acima, que falam do corpo místico de Cristo, partilhando a nossa interpretação para os dias atuais.

Leitor 1: Rm 12,5

Leitor 2: 1Cor 10,16

Leitor 3: 1Cor 12,12.27

Leitor 4: Rm 6:22

Leitor 5: At 4,12

AGIR

1. Quais os aspectos da nossa história, na sociedade contemporânea exigem nosso posicionamento de cristãos?

2. Como podemos promover a paz como verdadeiros franciscanos na sociedade atual?

3. Como podemos testemunhar a fraternidade e a solidariedade próprias da condição de Cristãos, ligados a Cristo, tronco que distribui sua graça por todo o corpo da sociedade?

CELEBRAR

Retomamos o Canto “Irmãos da Lua” de Renato Teixeira.

Oração de Rosa

“Deus, nosso Pai, à medida que nos transcorrem os séculos, vemos com mais clareza a vossa ação no mundo. Na verdade, vós sois um Deus fiel e agis com força e poder dentro da história da humanidade, abalados por tantas contradições. Mas vós conduzis vosso povo através dos tempos. Moveis os corações das pessoas para que encontrem a paz. E suscitais, segundo as necessidades de cada época, pessoas capazes de ler as entranhas dos tempos, pessoas fortalecidas com as vossas promessas antigas, mas sempre novas. Por isso, Senhor, hoje nós vos suplicamos humildemente; a exemplo de Santa Rosa, façamos de nossa vida um tempo de conversão, de fidelidade a Ti e de amor à justiça e à paz.”.

MOTIVAÇÃO FINAL

Vamos ao mundo do trabalho, da cultura, da ciência, da política, como franciscanos e franciscanas, testemunhar ao mundo a paz e o bem.

**MANIFESTO DA
JUVENTUDE FRANCISCANA**

**CREMOS
QUE O
AMOR É TOTAL**

**ACREDITAMOS
NO IDEAL
FRANCISCANO**

**CREMOS
CRISTO
POBRE**

**PAZ
E BEM**



INTRODUÇÃO

O Manifesto da Juventude Franciscana do Brasil é uma declaração pública de Amor a Deus e a todos os homens e mulheres transformados em irmãos por meio do Filho do Altíssimo, Nosso Senhor Jesus Cristo. É, portanto, um compromisso formal que foi escrito para transmitir, ao mundo-universo, os propósitos aprovados pelos jovens franciscanos do Brasil de se tornarem protagonistas da história de hoje, guiados pela mística de São Francisco de Assis “que fez do Cristo o inspirador e o centro da sua vida com Deus e com os homens”⁶.

Que o Manifesto da JUFRA ajude a aprofundar de tal maneira a fé cristã do jovem franciscano, que este seja capaz de pregar com tal fervor, a ponto de arrebatara homens e mulheres de hoje à salvação em Nosso Senhor Jesus Cristo.

OBJETIVO

Conhecer o Manifesto da Juventude Franciscana do Brasil, despertando no jovem que inicia a sua caminhada cristã na JUFRA o desejo de firme adesão ao Ideal Franciscano de vida, por ser uma resposta atual e privilegiada na missão de “viver o Evangelho de Jesus Cristo e de fazer presentes e efetivos no mundo os verdadeiros valores cristãos”.⁷

MATERIAL NECESSÁRIO

Fitas; algodão; esparadrapo; caneta vermelha; mertiolate (mercúrio, iodo, tinta, etc.) ou qualquer produto que tenha cor avermelhada, não seja permanente, e que seja de fácil obtenção e utilização; barbante ou corda de varal e pregadores. Manifesto da JUFRA do Brasil impresso e dividido em tiras contendo cada um dos 18 itens do documento.

AMBIENTAÇÃO

Organizar as cadeiras em forma circular, tendo ao centro um tecido ou toalha, com as imagens de São Francisco e Santa Clara. Pendurar em local visível para todos o barbante ou corda de varal com

⁶ Artigo 4º da Regra da Ordem Franciscana Secular

⁷ Artigo 4º Manifesto da JUFRA

cada uma das tiras com os itens do Manifesto, desde a Introdução até a Conclusão do mesmo. Pendurar no fio os papeizinhos, como se fosse um varal de roupas, de modo que os jufristas não vejam o que está escrito (sugere-se que os papéis sejam dobrados). Para isso, pode-se usar cola ou prendedor de roupas.

ACOLHIDA

Sinal da cruz e oração do Jovem Franciscano (Devocionário).

O coordenador do encontro acolhe os irmãos presentes e os convida a participar de uma dinâmica. A partir dos assentos onde se encontrarem, os jovens são divididos em duplas e cada dupla será enlaçada pelos punhos. Um jovem da dupla representará um mendigo ou necessitado, e, para isso, deve ser identificado com riscos de caneta no braço, esparadrapo, mertiolate, etc.; o outro será aquele que presta assistência ao irmão, cuidando e acolhendo.

Todas as duplas devem caminhar pela sala simulando a situação que estão representando, ao som de uma música instrumental previamente escolhida. Ao sinal do coordenador do encontro, todos retornam aos seus lugares e podem desfazer os laços. O coordenador do motiva que os jovens partilhem a sensação que tiveram a partir da dinâmica.

VER

O Manifesto da JUFRA é uma Declaração Voluntária do Amor a ser vivido e testemunhado pelo jovem jufrista. É, pois, o Amor Divino, que se torna a essência na vida juvenil com Deus e com os irmãos, em especial com os irmãos empobrecidos e oprimidos da Igreja da América Latina e do Brasil de hoje, onde muitos desses irmãos são jovens que dependem do amor missionário do jovem franciscano para minimizarem o estado de pobreza e opressão, a exemplo do fez e viveu São Francisco de Assis a partir do encontro com o leproso. Para renovar o mundo à luz do Plano de Deus, o Documento de Aparecida aposta na juventude ao declarar que os jovens são sensíveis para descobrir sua vocação a ser amigos e discípulos de Cristo. São chamados a ser “sentinelas da manhã”, comprometendo-se na renovação do mundo à luz do Plano de Deus. Não temem o sacrifício nem a entrega da própria vida, mas sim uma vida sem sentido. Por sua generosidade, são chamados a servir a seus

irmãos, especialmente aos mais necessitados, com todo seu tempo e sua vida. Tem capacidade para se opor às falsas ilusões de felicidade e aos paraísos enganosos das drogas, do prazer, do álcool e de todas as formas de violência. (DA. 443)

O Manifesto ensina que o Amor constitui o TUDO na construção de um mundo mais humano, de fraternidade, justiça e paz (01); e Jesus de Nazaré pobre humilde e crucificado (03) continua em nosso meio como enviado do Pai, animando a Igreja com o Espírito Santo e oferecendo sua Palavra como Caminho, Verdade e Vida (02).

A adesão ao Ideal Franciscano de Vida, por meio do Manifesto da JUFRA, é uma forma atual de viver o Evangelho (04) testemunhando o Deus vivo, contribuindo com Jesus Cristo e seu projeto, colocando-se à disposição do Espírito Santo e tendo Maria como Mãe e modelo de cristã, por ser Mãe do Redentor, jovem, mulher, forte e corajosa.(05). O jufrista, guiado pelos valores franciscanos de minorismo, fraternismo e inserção no mundo, e tendo o fundamento do franciscanismo de assumir plenamente o irmão e deixar-se assumir plenamente por ele (06) como farol privilegiado a iluminar a sua trajetória missionária cristã, tornará o mundo melhor com a sua presença e contribuirá para a salvação de muitos.

ILUMINAR

Leitura: 1Jo 4, 7-21

Reflexão partilhada da leitura

AGIR

Coordenador: *A partir da proposta do Manifesto e da iluminação bíblica, podemos ter pistas de ação concreta para a nossa caminhada enquanto jovens cidadãos, cristãos e franciscanos que somos. Façamos uma reflexão em fraternidade, partilhando espontaneamente a cada item que nos chamar atenção.*

A sustentação divina do Ideal Franciscano depende do cultivo da Fé, da Esperança e da Caridade, e da participação nos sacramentos da Igreja (07), pois a partir daí o jovem franciscano passa a ter uma atitude eclesial profunda e sincera (08), tornando-se uma presença consciente, desafiadora, na realidade em que vive (09). Sua vida de solidariedade afetiva e efetiva com os pobres e humildes (10) será um testemunho eloquente de compromisso com a pobreza evangélica

(11). Para perseverar no Ideal Franciscano, o jufrista pode recorrer à sabedoria de São Boaventura, que nos ensina a ser obedientes ao Plano de Deus, pois

Nosso Senhor Jesus Cristo ostentou admirável obediência por isso *fez-se obediente até à morte*, e não morte qualquer, mas até a morte de cruz, que era a mais cruel, a mais afrontosa e mais desonrosa de toda espécie de morte; e sendo ele muito obediente, foi também muito exaltado. Quem quiser pois ser exaltado, procura obedecer pura e perfeitamente. (BAGNOREGIO, 1937, p. 231).

Para que a perseverança seja uma realidade, é indispensável a experiência de vida em uma fraternidade de JUFRA (13), pois somente pela convivência fraterna e pela partilha do que somos e do Ideal Franciscano que abraçamos conseguiremos construir a unidade, combater em nós e no mundo do individualismo e do fechamento em nós mesmos (14). A construção da justiça e da paz, tanto em nível pessoal, familiar, como social e político depende, também, da convivência fraterna e do aprofundamento do sentido de pertença a uma Fraternidade Franciscana de jovens (15).

Convivência e sentido de pertença preparam o jufrista para dizer *não* às situações alienadoras e egoístas da exploração do prazer, do consumismo e da violência (16), assim como conduzem à tomada de consciência dos grandes problemas do mundo de suas causas; estudo das correntes de pensamento, cultura e política (17). Para tanto, é preciso perseverar na oração, na leitura sistemática do Evangelho, na participação e engajamento na Igreja (17) e nas suas Diretrizes Pastorais, transformando-se numa voz profética que anuncia a libertação integral do homem e denuncia abuso de poder e qualquer violência à vida e a dignidade da pessoa (18).

Coordenador: Após essa partilha, vamos nos voltar ao “varal de papéis” e retirar um papelzinho, sem comentar com os irmãos o que está escrito. Depois de todos terem tirado seu papel, cada um deve pensar em uma situação que possa traduzir para os irmãos a mensagem de seu item. Porém, não vamos falar, mas fazer mímica da situação que imaginamos para que os outros adivinhem. O uso da criatividade é livre!

CELEBRAR

“Guiados por Francisco e Clara de Assis, os jufristas reafirmam a vontade de seguir o caminho de Cristo.” Para tanto, São Boaventura ensina a cada um de nós:

Procura ser amigo da oração porque a oração fará com que sejas humilde, paciente e obediente; a oração te fará possuir a Deus nesta vida e na vida eterna. Pois dizia São Francisco que lhe parecia impossível poder alguém adiantar-se no serviço de Deus sem ser amigo da oração. (BAGNOREGIO, 1937, p. 232).

Coordenador: *Alimentando nosso espírito de oração e motivados pelo Manifesto da JUFRA, cada irmão pode apresentar à fraternidade a sua prece espontânea, lembrando a nossa missão de viver o Evangelho de Jesus Cristo ao modo de Francisco, dando testemunho dos verdadeiros valores cristãos em nossa realidade local.*

Preces espontâneas.

Coordenador: *Unindo nossas preces como uma só família que se propõe a aderir o Ideal Franciscano de Vida por meio do Manifesto da JUFRA, rezemos juntos a Oração de São João Paulo II a São Francisco de Assis:*

Ó São Francisco, estigmatizado do Monte Alverne, o mundo tem saudades de ti qual imagem de Jesus crucificado. Tem necessidade do teu coração aberto para Deus e para o homem, dos teus pés descalços e feridos, das tuas mãos transpassadas e implorantes. Tem saudades da tua voz fraca, mas forte pelo poder do Evangelho. Ajuda, Francisco, os homens de hoje a reconhecerem o mal do pecado e a procurarem a sua purificação na penitência. Ajuda-os a libertarem-se das próprias estruturas de pecado, que oprimem a sociedade de hoje. Reaviva na consciência dos governantes a urgência da Paz nas Nações e entre os Povos. Infunde nos jovens o teu vigor de vida, capaz de contrastar as insídias das múltiplas culturas da morte. Aos ofendidos por toda espécie de maldade, comunica, Francisco, a tua alegria de saber perdoar. A todos os crucificados pelo sofrimento, pela fome e pela guerra, reabre as portas da esperança.

MOTIVAÇÃO FINAL

O Manifesto da JUFRA deve causar em cada jufrista uma inquietação. Seus verbos trazem uma força de ação concreta que nos inclui e nos convida a experimentar o desafio da vivência do seguimento do Evangelho. Para isso, precisamos nos questionar individualmente e enquanto fraternidade se realmente “cremos”, “queremos”, “acreditamos”, “comprometemo-nos”, “declaramos”, “propomo-nos”, “assumimos” o projeto de vida que estamos querendo abraçar. Será que esse projeto é apenas um sonho impossível de ser alcançado? Tudo o que está contido ali é fácil de realizar? Será que eu me identifico com essa declaração de amor manifestada pela Juventude Franciscana? É preciso discernir se “é isso que eu quero, é isso que eu procuro, é isso que eu desejo fazer de todo coração”.

REFERÊNCIAS:

BAGNOREGIO, Boaventura de. **Epístola sobre a Imitação de Cristo**. In: Escritos Espirituais de São Boaventura. Petrópolis: Editora Vozes, 1937.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS. **I Fioretti**. In: Escritos e Biografias de São Francisco de Assis, Crônicas e outros testemunhos. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. Brasília: Edições CNBB 2007.

CARTA DE GUARATINGUETÁ:
A Jufra que queremos ser!



INTRODUÇÃO

No ano de 2011, a JUFRA do Brasil completou 40 anos de sua oficialização. Uma história repleta de muitas conquistas e diversos desafios enfrentados. A cada década, desafios diferentes, até porque a própria realidade social e eclesial em que vivemos foi mudando e se transformando. E graças a Deus! Podemos dizer que as mudanças nos desinstalam, nos interpelam, nos abrem um novo horizonte, nos trazem o novo! O importante em meio a essas mudanças é conservar sempre vivo e atual o ideal de vida abraçado, o que queremos assumir, que missão queremos abraçar, que atividades desempenharmos juntos... Enfim, QUE JUFRA QUEREMOS SER!

A celebração dos 40 anos da JUFRA do Brasil havia sido pensada e assumida durante o XIV CONJUFRA (Congresso Nacional da JUFRA) realizado em Mossoró/RN, em fevereiro de 2010, e preparada pelos nossos irmãos do Secretariado Fraterno Nacional daquele triênio, como também por tantos outros irmãos que não mediram esforços na preparação deste grandioso momento, que foi tomando forma e se concretizou num grande momento celebrativo, que foi realizado entre os dias 28 e 30 de outubro de 2011, nas cidades de Guaratinguetá e Aparecida do Norte/SP. Como fruto desse encontro, foi produzida a Carta de Guaratinguetá, uma releitura do Manifesto da JUFRA atualizada para os desejos e anseios dos jufristas.

OBJETIVO

Apresentar um roteiro que ajude a refletir qual a identidade da Juventude Franciscana do Brasil, apresentada na Carta de Guaratinguetá – A JUFRA que queremos ser! – e abraçada como projeto de vida para a Fraternidade Nacional, que vê neste documento uma fonte de inspiração para a sua vida e missão, reafirmando com ele e através dele o Manifesto da JUFRA do Brasil.

MATERIAL NECESSÁRIO

Crucifixo de São Damião; velas diversas; recortes de imagens com cenas da realidade (jornais, revistas, material impresso da internet); cartazes com os nomes: IGREJA, SOCIEDADE, JUVENTUDE e FAMÍLIA FRANCISCANA. Texto da Carta de Guaratinguetá impressos guardados em envelopes (em quantidade suficiente para todos).

AMBIENTAÇÃO

Pode-se arrumar o ambiente tendo ao centro as fotos da fraternidade local e os recortes da realidade espalhados ao chão e misturados entre si, tendo no meio delas o Crucifixo de São Damião, a fonte de inspiração do chamado de Francisco e Clara a reconstruírem a Igreja. Aos pés do crucifixo devem ser colocados os cartazes com os nomes: IGREJA, SOCIEDADE, JUVENTUDE e FAMÍLIA FRANCISCANA e, ao lado de cada um desses cartazes, colocar uma vela que será acesa em momento propício. As velas também devem ser colocadas dispostas ao redor da Cruz e ao lado das realidades.

Os envelopes onde estão guardadas as cartas devem ser colocados dentro de um pequeno cesto bem aos pés do crucifixo de São Damião.

ACOLHIDA

Coordenador: *Irmãos e irmãs, paz e bem! Hoje estamos reunidos para conhecer sobre a Carta de Guaratinguetá, fruto da Celebração dos 40 anos da JUFRA do Brasil. Celebrar é partilhar com o outro a alegria do encontro ou mesmo um momento especial; celebrar é também expressar o louvor no encontro com Deus, razão maior e sentido último de toda e qualquer celebração! Francisco mesmo vivenciou, durante toda sua caminhada como Irmão menor, a dimensão da celebração, enquanto oração e louvor contínuos elevados a Deus. Vários outros sentidos poderiam ser dados e várias outras leituras poderiam ser feitas acerca do ‘celebrar’.*

Leitor 1: Mas gostaríamos de nos voltarmos ao sentido da Celebração enquanto Festa, enquanto encontro em comum, onde nos comprometemos em preencher de sentido, juntamente com outras pessoas, um momento específico em nossa vida, em nossa caminhada. Não é nossa intenção elaborar aqui uma reflexão sobre o que foi a Celebração dos 40 anos da JUFRA do Brasil, mas justamente nos referirmos a ela para podermos chegar à palavra-chave ‘compromisso’, tão presente na Carta de Guaratinguetá!

Leitor 2: Falamos de ‘comprometimento’ como palavra-chave! E aqui queremos nos motivar a uma missão comum diante de cada momento histórico, e que deve ser abraçada por toda a JUFRA do Brasil: a missão de comprometer-se fraterna e pessoalmente com a celebração de cada novo ano de caminhada, mas também a de

comprometer-se em traduzir esta celebração em gestos concretos a serem assumidos por todos nós que continuamos a construir, no hoje, a história da JUFRA: uma missão a ser assumida em fraternidade!

VER

Coordenador: *Para que A CARTA DE GUARATINGUETÁ fosse elaborada, foi preciso ter “uma atitude de discernimento, para não sermos imóveis e repetitivos, mas para sermos faróis geradores de esperança na noite escura que atravessa nosso mundo ferido e muitas vezes crucificado”⁸. Assim, foi lançado o convite a darmos uma resposta autêntica aos desafios que temos diante de nós. Para esse processo de construção, a proposta lançada foi refletirmos e partilharmos qual a importância, os desafios, os passos a serem dados e nosso compromisso, frente: à Juventude, à Igreja, à Família Franciscana e à Sociedade.*

Da mesma forma que nos orientamos por alguns questionamentos para expressarmos na Carta os nossos anseios, aquilo que somos, o que sonhamos, o que nos inquieta e o que queremos construir, assim também propomos que na nossa fraternidade nossos irmãos reflitam juntos alguns pontos que são importantes para ‘trazer para a nossa realidade’ o que assumimos na Carta de Guaratinguetá.

Por isso, faremos em nossa Fraternidade uma leitura atenta e partilhada da Carta. Para isso, cada um é convidado a pegar um envelope onde está guardada a “Carta de Guaratinguetá” e nos dividirmos de dois a dois para fazer a leitura. Seria importante nesse momento que destacássemos no texto aquilo que mais nos chamou atenção na carta.

(Depois da leitura partilhada em duplas, cada um deve partilhar o que achou mais interessante na Carta, destacando trechos que lhes chamaram a atenção.)

ILUMINAR

Coordenador: *Quando celebramos os 40 anos da JUFRA do Brasil, nós acolhemos com alegria e confiança o convite que nos foi feito na época pelo nosso Secretário Fraternal Nacional, Alex Bastos,*

⁸ Documento *A Graça das Origens*. Cúria Geral OFM, Roma: 2004.

em sua Carta Convocatória para o Encontro de Guaratinguetá, para buscarmos novas pistas para a caminhada de nossa Fraternidade Nacional, colocando-nos em comunhão com as necessidades do nosso tempo. Essa atitude de busca e de escuta da realidade que nos cerca deve estar continuamente presente em nossa caminhada. Por isso, queremos, em primeiro lugar, sempre expressarmos nossa gratidão ao “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor” (Cnt 1)⁹, o “Pai das misericórdias” (TestC 2)¹⁰, pelas maravilhas que Ele realizou através de tantos jovens que nos precederam, particularmente pelo nosso Pai Francisco, e que continua a realizar em nós; e pelos irmãos que percorrem decididamente os caminhos do Evangelho. Porém, como não queremos nem “podemos contentar-nos em proclamar as obras de nossos antepassados”, pois “é grande vergonha para nós, servos de Deus, que os santos tenham feito as obras, e nós, proclamando-as, queiramos receber a glória e a honra” (Adm 6)¹¹, mas, ao contrário, queremos nos comprometer com a parte que nos toca em nossa história:

“reconhecemos a urgência de voltar ao essencial de nossa experiência de fé e de nossa espiritualidade, para nutrir, mediante a oferta libertadora do Evangelho, o nosso mundo dividido, desigual e faminto de sentido, como no seu tempo fizeram Francisco e Clara de Assis” (Sdp 2).¹²

LEITURA BÍBLICA: Mt 5,13-16.

Momento de silêncio

Coordenador: Diante disso, **o que queremos...** para a JUFRA do Brasil, hoje? **O que nos propomos abraçar...** para continuar irradiando o carisma franciscano em nossa realidade local, a partir do nosso lugar de jovens franciscanos(as)? **Com o que queremos nos comprometer...** para continuar construindo ‘o rosto’ da JUFRA do Brasil? **Que desafios temos à nossa frente e como re-pensar nossa**

⁹ Cântico do Irmão Sol.

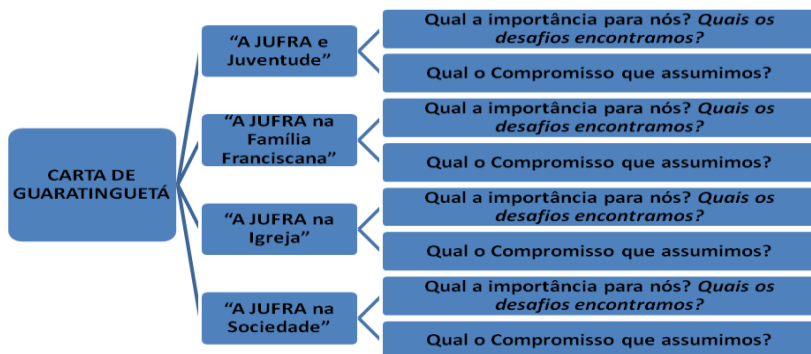
¹⁰ Testamento de Clara.

¹¹ Admoestações.

¹² Doc. *O Senhor vos dê a paz*. Documento do Capítulo Geral OFM. Roma, 2003.

presença... entre os outros jovens, na Igreja, na Família Franciscana e na Sociedade?

Apresentamos abaixo um esquema que poderia nos ajudar a refletirmos melhor cada um desses eixos:



AGIR

Para concretizar nossa missão e o nosso compromisso, somos chamados a fazer um gesto concreto que representa nosso compromisso de fraternidade:

1. A fraternidade deverá fazer cartas falando do seu compromisso para os seguintes destinatários: sua comunidade, paróquia ou diocese; para as juventudes presentes no seu bairro ou comunidade (outros grupos da igreja, grupos juvenis do seu bairro); para os representantes da Família Franciscana do local (frades, religiosas, OFS, o coordenador da Família Franciscana na sua região); para a sociedade (movimentos sociais parceiros e outros grupos);

2. Para isso, devem mapear os destinatários, ou seja, fazer uma lista com os endereços dos destinatários e entrar em contatos com os mesmos;

3. No final seriam produzidas quatro cartas, uma para cada eixo: juventudes, igreja, sociedade e família franciscana.

CELEBRAR

Coordenador: *Como forma de celebrarmos esse momento vivido, somos convidados a fazer nossas preces por toda a nossa missão. Nesse momento, cada um pode acender uma das velas que*

estão espalhadas pelos recortes da realidade e também ao lado das palavras chaves. Antes de acender a vela faça sua prece em voz alta pelas seguintes intenções: JUVENTUDES, IGREJA, SOCIEDADE E FAMÍLIA FRANCISCANA. O pedido pode ser feito também por uma daquelas realidades ali representadas. A cada duas preces, tendo duas velas acesas, canta-se o mantra:

Altíssimo, glorioso Deus, ilumina as trevas do meu coração.
Dá-me fé reta, esperança certa, perfeita caridade.
Para que eu cumpra tua santa vontade.

MOTIVAÇÃO FINAL

Diante da grandeza do Evangelho de Jesus Cristo, que somos chamados a viver como jovens, não podemos nos entregar ao desânimo, ao pessimismo, menos ainda ao comodismo. Nossas Fraternidades locais, muitas vezes, ao longo de sua história, conhecem momentos de crise, de desânimo, de quedas, de diminuição no número de irmãos. Porém, todos estes momentos foram e podem ser superados pela fé e o firme propósito de continuar abraçando o Evangelho e a missão, que nos dá ânimo e coragem para continuar. O momento atual deve ser sempre de olhar para trás para vislumbrar um caminho percorrido, uma história construída com muito amor e sacrifício e, ao mesmo tempo, perseverar na caminhada, construindo no presente um horizonte esperançoso, como irmãos que, juntos, assumem uma missão em comum e traçam os passos que nossas Fraternidades podem dar, para garantir nossa identidade e nossa presença no mundo!

Os desafios que muitas vezes enfrentamos e o cansaço que em algumas situações nos abate não podem tirar o brilho de nossos olhos. Com nosso Pai Francisco, queremos sempre afirmar: “*É isto que eu quero, é isto que procuro, é isto que eu desejo fazer do íntimo do coração*” (1Cel 22).

Queremos, movidos pelo mesmo Espírito que conduziu o jovem Francisco de Assis, nos desafiarmos sempre a “*ler os sinais dos tempos e interpretá-los de forma conveniente, o que fará que nós mesmos sejamos legíveis sinais de vida para um mundo sedento de ‘novos céus e nova terra’*. (Is 65, 17; Ap 21,1)”. (Sdp 7).

JUFRA do Brasil: deixemo-nos interpelar e conduzir por esse mesmo Espírito, que nos ajudou, ao longo desses anos, a construir o Reino nos caminhos da História!

HISTÓRIA DA FRATERNIDADE



INTRODUÇÃO

Cada fraternidade tem uma história, e toda história tem seu registro, seja em livros e documentos, seja em fotos e vídeos; ou ainda na memória de cada irmão e irmã que um dia fez parte da fraternidade. Essa história precisa ser lembrada, conhecida, vivenciada e continuada para que a fraternidade cresça e fortaleça sua identidade.

OBJETIVO

Conhecer, registrar e continuar a história da fraternidade.

MATERIAL NECESSÁRIO

Fotos desde o princípio da fraternidade, um baú, objetos importantes da fraternidade, livros, atas e documentos, camisetas da fraternidade. Convidar pessoas que participaram da fraternidade desde o princípio e também de outras épocas posteriores a fundação para ajudar a contar a história da fraternidade.

AMBIENTAÇÃO

Organizar o ambiente em círculo com cadeiras ou almofadas e no centro colocar um baú com perguntas para nortear o momento “VER”.

ACOLHIDA

Quem Disse Que Não Somos Nada – Zé Vicente.

*Quem disse que não somos nada / e que não temos nada para oferecer
/ Repare as nossas mãos abertas / trazendo as ofertas do nosso viver
(bis)*

VER

As pessoas convidadas irão responder às questões que seguem sobre a história da fraternidade. Essas questões podem estar escritas em papéis dentro de um baú de modo que cada pessoa presente pode pegar uma e ler para ser respondida e comentada. Outras perguntas também podem ser elaboradas no momento.

- Quando começou? Como começou?
- Como se informaram sobre a organização da JUFRA para iniciar a fraternidade?

- Quais pessoas iniciaram o trabalho com a fraternidade?
- Quantos irmãos faziam parte da fraternidade quando ela foi oficializada?
- E antes de oficializar? Reuniam-se?
- Qual era o perfil da fraternidade? Qual o propósito do grupo na época? Que atividades realizavam?
- Quem eram os membros daquela época? Eles estão hoje na OFS? Há contato com eles?
- Que experiências ficaram na memória de quem participou naquele tempo?
- Quais as dificuldades que se enfrentava?
- Como os encontros eram organizados?
- Como foi escolhido o nome da fraternidade? O que esse nome representa?

ILUMINAR: Evangelho: Mateus 13, 1-9

PARA REFLETIR:

O que chamou a atenção nesse texto? Quais são os terrenos que receberam as sementes? Quem é o semeador?

Cada irmão e irmã da JUFRA local é uma semente que precisa de um solo fértil na fraternidade para crescer e dar frutos. Que tipo de solo é a nossa fraternidade? Estamos colhendo frutos? Como podemos adubar nosso solo para que sempre possa acolher novos irmãos e frutificar os trabalhos?

Nesse momento é preciso refletir sobre tudo que foi dito do passado analisando o presente. Para melhor responder a esses questionamentos vamos considerar toda nossa história enquanto fraternidade avaliando o momento atual:

O que mudou na fraternidade desde que ela surgiu? O que está igual? O que avançou? O que retrocedeu? Temos hoje os mesmos sonhos? Quais os desafios da conjuntura atual?

AGIR

Diante da história construída por tantas mãos e com tantas páginas a escrever, temos o compromisso de dar continuidade à grafia

prática da vida da fraternidade fortalecendo sua identidade, animando os irmãos e irmãs atuais e os que estão por vir diante dos novos desafios e sonhos. Neste sentido é importante convidar pessoas novas para conhecer a fraternidade e, ao mesmo tempo em que lançamos a semente da JUFRA no coração deles, também cultivamos o solo do seio da Fraternidade local para acolher e fazer germinar novos jufristas. Os materiais impressos, fotos e os depoimentos do encontro podem ser registrados em um arquivo, além da ata, para que no futuro outros membros possam ter acesso à história da fraternidade com a riqueza de detalhes que esse encontro propiciou.

CELEBRAR

O momento de recordar a vida da fraternidade merece ser fechado com uma comemoração. Afinal, são aniversários que não podemos deixar de celebrar. Assim façamos uma confraternização com todas as pessoas que convidamos de forma a agradecer o momento proporcionado por aceitarem o convite de se fazerem presentes e compartilharem suas vivências.

MOTIVAÇÃO FINAL

Ser Jufrista

Ser Jufrista é recordar! O que dizer de um dia que remete a tantas recordações... Recordações pessoais, coletivas, de perto, de longe, tranquilas e até um tanto turbulentas... Mas sempre fraternas!

Ser Jufrista é lembrar na pele! São memórias que renascem e que nos fazem sentir o calor de um abraço de um irmão/irmã que talvez já nem faça parte da fraternidade; o frio da manhã quando é preciso acordar cedo para os eventos “Jufrais”; o cheiro do café da mãe de uma irmã da fraternidade; o som de um pássaro que cantava em um retiro; o gosto da comida nas confraternizações; as cores e a criatividade na confecção das camisas que identificam nossa JUFRA local.. todos os sentidos ficam aguçados com essas memórias que esse dia suscita.

Ser Jufrista é recomeçar! É certo que por mais que saibamos e tentemos seguir nossos ideais, sempre nos deparamos com momentos em que o cansaço, as frustrações, a correria do dia-a-dia nos desmotiva a continuar. Aí a gente lembra: Pouco ou nada fizemos, vamos recomeçar... E tudo se renova! Buscamos uma força que parece

brotar lá do fundo da gente e vai crescendo, crescendo e quer sair de nós, não cabe em nós. Sentimos a necessidade de dividir com os irmãos e irmãs e contagiar todo mundo. Isso é ser Jufrista!

Ser Jufrista é encarar desafios! Quantos de nós nunca se imaginou em um serviço na fraternidade e quando se deu conta já fazia parte de uma equipe regional, nacional... Se isso ainda não aconteceu com você, meu irmão e minha irmã, prepare-se!

Ser Jufrista é conhecer o outro! É perceber a unidade nas diferenças. Lembremo-nos do irmão que faz uma ata como ninguém; daquele que sempre chega atrasado, mas que alegra a turma toda; do irmão que toca; da irmã que canta e encanta; daquele que está sempre disposto a ajudar; daquela que sempre tem uma palavra a dizer... Nossa fraternidade é linda!

Ser Jufrista é sair em missão! Nossos trabalhos nas Jornadas de Direitos Humanos, nossas manifestações nos Gritos dos Excluídos, nossas mobilizações em tantos projetos, nossas orações em cada campanha, nossa participação nos eventos da JUFRA desde os encontros na fraternidade, passando pelos congressos regionais e nacionais até internacional. Quanto pé na estrada, hein?! Quanta luta!

Ser Jufrista é ser vigilante! Não tem nada mais cansativo que ficar horas aprovando estatuto e concluindo pautas até tarde nos encontros por aí a fora... Formadores que viram madrugadas preparando encontros e irmãos que mandam mensagens às três da manhã pra desejar um feliz dia do Jufrista! Equipes que ficam horas em reuniões para que tudo saia certo nos materiais e nos encontros da JUFRA. Mas tudo vale a pena... Pois aquilo que fazemos com amor não nos enfraquece, ao contrário, nos acrescenta.

Ser Jufrista... é algo tão peculiar, mas também tão simples. Tão pessoal e também tão grupal. E a cada momento, a cada vivência, nos definimos de maneira própria, singular. E pra você? O que é ser Jufrista? Pense nisso! Que nesse dia possamos nos reconhecer com tudo que somos, com tudo que temos como jovem franciscano. E que com nosso jeito de ser possamos transformar o mundo a nossa volta!

CRISES NA FRATERNIDADE
E A PERFEITA ALEGRIA



INTRODUÇÃO

A fraternidade é a “comunidade de amor”. O amor natural que faz que a mãe ame e cuide de seu filho carnal, na fraternidade eleva-se e adquire uma expressão mais profunda por causa do vínculo da união espiritual entre os irmãos. Esse AMOR cria disposição e expressa atitudes que permitem superar “tensões”, situações de crises que possam surgir entre a pessoa e a fraternidade em diversas situações, enfraquecendo-as e harmonizando-as em vista do bem comum.

Nesses momentos de crescimento colocamos em prática a grande lição do nosso pai Francisco - A Perfeita Alegria. Pois a verdadeira alegria consiste em suportar com serenidade e muito amor os momentos difíceis, sempre com o coração aberto para o perdão, para “o se colocar no lugar do outro”, para compreender melhor suas atitudes nas mais diversas situações e assim, juntos, como Fraternidade, superar as dificuldades. “Aí está a Perfeita Alegria...”

OBJETIVO

Procurar identificar e resolver as crises que podem surgir por vários problemas na fraternidade, com diálogo e respeito uns com os outros, além de descobrir em que consiste a perfeita e verdadeira alegria, bem como sua prática diante de situações de crises e tribulações.

MATERIAL

Cartão marca página (relacionado com o tema), bíblia, Fontes Franciscanas, Devocionário Franciscano, cruz, vela, imagem/quadro de São Francisco, imagens relacionadas com o tema (exemplos: fotos da fraternidade, pessoas unidas/grupo unido, “panelinha”, autoritarismo, comodismo, Francisco e Leão...), letra da música “Perfeita Alegria” e aparelho de som e /ou DVD.

AMBIENTAÇÃO

Dispor os irmãos em círculo, colocando no centro um tecido ou outro material em forma circular. Colocar a cruz, vela, Bíblia e imagem/quadro de São Francisco. Ao redor dispor imagens relacionadas com o tema. Pode-se também preencher com uma plantinha.

ACOLHIDA

Acolher a todos entregando um cartão marca página que tenha relação com o tema, como lembrança.

Mantra: *“Onde reina o Amor, Fraterno Amor, Onde reina o Amor. Deus aí está!*

Oração ao Espírito Santo (Paulo VI – Devocionário Franciscano, p. 243)

Iluminação: Fontes Franciscanas. Fioretti, Capítulo 8.

VER

Crises na fraternidade e Perfeita Alegria

Um dos valores mais importantes da espiritualidade franciscana é, sem dúvida alguma, o da Fraternidade. Fraternidade significa comunhão e participação, é o lugar do encontro, de formação, de crescimento na fé e no espírito de amor e de serviço. É receber e dar, assimilar e elaborar um contínuo intercâmbio de vida que produz o crescimento e o desenvolvimento. Nela, cada um se esforça para compreender as necessidades dos outros, pois está alicerçada no verdadeiro amor. Porém, isto não impede que haja diversidade de opiniões e até mesmo algumas diferenças.

É normal que às vezes surjam tensões e discussões entre os irmãos. O grande sinal de integração fraterna está na capacidade da fraternidade superar a crise da melhor forma possível. Aproveitando as mesmas, inclusive, para crescer mais ainda. A palavra Crise, com seus vários significados, aqui significa momento perigoso, difícil ou decisivo. Em chinês, essa mesma palavra compõe-se de dois caracteres: um representa perigo e o outro representa oportunidade. Abraçando a oportunidade temos a chance de Recomeçar! Caso a fraternidade escolha o outro lado da moeda, realmente entrará perigo e estará caminhando para a desintegração da vida fraterna.

A vida em fraternidade não acontece de um dia para o outro. É construída no dia a dia, “pedra por pedra”, com os alicerces do Amor e do Serviço bem firmes; com a participação de todos os seus membros. Nessa construção é preciso ser irmão! É preciso viver a atitude da acolhida. É preciso saber acolher o novo irmão que chega e também quer beber da fonte. Evitar os subgrupos dentro da fraternidade, as famosas panelinhas, pois elas destroem profundamente o senso de Igreja, de diversidade de carisma. É preciso compreender que a fraternidade tem

uma realidade dinâmica, com a chegada de um novo membro muda de feição. Os novos que chegam são como pulmão sadio que respira ar novo e enche de vitalidade. Francisco reconhece que o cerne da vida fraterna é o acolhimento dos irmãos como dom do Senhor, e essa deve ser também a posição de cada membro da fraternidade.

Os irmãos devem lutar pela unidade. É preciso muita atenção para possíveis desvios. Muitas vezes a minoridade sai de cena e abre espaço para a superioridade. Líderes ou outros membros decidem tudo sem consultar os demais irmãos passando por cima das regras que regem a fraternidade. É importante que secretários fraternos expliquem claramente para todos os irmãos os projetos que pretendem executar, deixar a fraternidade questionar, dar opiniões. O ideal é o consenso de todos!

Viver na fraternidade não é viver da fraternidade, mas para a fraternidade. A caminhada exige renúncias e muito amor pelo serviço. O sentido de pertença conduz para a responsabilidade que cada um tem com a fraternidade. É preciso colocar os dons em prol da fraternidade, e ter gosto por isso. Muitas vezes em assembleias eletivas alguns irmãos não aceitam os serviços aos quais foram indicados. Acontece muitas vezes a omissão dos membros da fraternidade em assumir suas tarefas.

Existe também outra situação, aqueles irmãos que não estão comprometidos com a fraternidade, faltam reuniões e nem justificam suas ausências, desaparecem em determinados momentos e só retornam em momentos de lazer e diversão, além daqueles que não pagam a contribuição fraterna, e assim não participam do dom da partilha. Ninguém pode ser o “irmão mosca”. É preciso evitar o Comodismo que muitas vezes rodeia a fraternidade. Fraternidade que se acomoda está se suicidando! É necessário ter consciência na hora do compromisso assumido com o Ideal Franciscano. Todos são livres para tomar essa decisão.

Existem ainda outras situações que caracterizam momento de tribulação na caminhada. Fraternidades que “mascaram”, ou seja, mostram, em ocasião de visitas fraternas e/ou pastoral, uma realidade que não existe, fazendo com que a fraternidade não cresça. Grande causa de desintegração de muitas fraternidades é a fofoca de diversas formas, seja inventando conversas sobre os irmãos ou até mesmo criticando a doação dos mesmos. É um veneno na vida de uma fraternidade. As coisas são levadas de boca em boca com a finalidade de destruir, desmoralizar o outro. A fofoca é a arma dos fracos!

A vida em fraternidade é um grande desafio! Os valores da disponibilidade, simplicidade, amizade, alegria, minoridade, cortesia e fraternidade devem ser regados, cultivados a cada encontro, a cada reunião. A vivência fraterna ensina como viver os mais diversos momentos com muita serenidade, conservando sempre a paz, conservando o amor e tirando de cada momento uma lição de vida para o crescimento pessoal e para a vida de fé. São as Perfeitas Alegrias! Francisco deixou esse legado. Ele fez uma forte experiência de encontrar a verdadeira alegria, pois a alegria franciscana se faz presente também nas tribulações.

Em meio aos franciscanos é comum escutarmos esse termo: Perfeita Alegria. Para Francisco, um só comportamento conta: Viver a “alegria perfeita”. Segundo ele, a verdadeira alegria é aquela que consegue aceitar o que é negativo, por amor. Essa alegria não consiste em ser um sábio genial, nem um carismático com todos os dons do Espírito Santo, nem ser um santo famoso, nem possuir poder de converter todos os infiéis, mas em aceitar sua humanidade, com seus defeitos e vencer a si mesmo. Somente é feliz quem sabe enfrentar, com paciência e amor, as contrariedades da vida! (Distribuir a letra da música – Perfeita Alegria)

REFLETINDO O TEMA

Minha Fraternidade já vivenciou alguma situação de crise? Como foi solucionada? Que outras situações podem ser consideradas como crises e como superá-las?

ILUMINAR:

Leitura bíblica e reflexão compartilhada (Tiago 1; 2-3)

1- “A regra do irmão franciscano secular convida-o a ser mensageiro da perfeita alegria em todas as circunstâncias da vida e esforçar-se por levar aos outros a alegria e a esperança.” O que entendemos sobre a perfeita alegria? E o que podemos aprender com esta parábola contada por Francisco há mais de 800 anos para a vida em fraternidade e para nossas vidas?

2- “Se suportamos todas essas coisas pacientemente e com alegria, pensando nos sofrimentos de Cristo, os quais devemos suportar por seu amor (...) aí, e nisto está a Perfeita Alegria.”

O que significa suportar?

AGIR**RETRATO DA FRATERNIDADE**

- 1-Ficamos alegres quando
 - 2-Uma lembrança que guardamos com saudade é
 - 3-Uma das coisas que nos entristece é
 - 4-As pessoas dizem que a Fraternidade é
 - 5-A Fraternidade está bem quando
 - 6-A Fraternidade é bem aceita quando.....
 - 7-A Fraternidade não é bem compreendida quando
 - 8 - Ficamos inseguros quando
 - 9-A vida em Fraternidade seria um caos se
 - 10-A maior força da nossa Fraternidade está.....
 - 11-Os jufristas demonstram colaboração quando
 - 12-Entre poder, dinheiro e amor, nós
 - 13-O Serviço significa.....
 - 14-Para nós, o AMOR representa
 - 15-Ser jufrista é
 - 16-Recomeçar é
- “É preciso recomeçar a cada instante...” Francisco de Assis

CELEBRAR

Oração através do canto (Perdão e Alegria, Padre Zezinho SCJ);
 Oração da Fraternidade (Devocionário Franciscano, p. 580);
 Abraço fraterno desejando a Paz e o Bem para os irmãos.

MOTIVAÇÃO FINAL

Assumir concretamente o compromisso de diálogo fraterno em situações de crise e sempre lembrar-se da Perfeita Alegria como a mais perfeita experiência consigo mesmo. Atentar, se necessário, para a superação de alguma crise e tentar resolvê-la neste momento.

REFERÊNCIAS:

ROSER, Antônio Gonzalez. **A verdade sobre o homem**. Brasil, 1991.
 GUIMARAES, Frei Almir Ribeiro. **Encontros com Francisco de Assis**
 - Roteiros para círculos de estudo. Petrópolis: Vozes/CEFEPAL 1992.
 Livro **Etapa de Formação para Iniciantes** – Juventude Franciscana do Brasil – JUFRA. 2005.
 Livro da Formação Básica da Jufra – 2ª Edição, Edição Digital, 2011.

ORGANOGRAMA E FUNCIONAMENTO DOS SERVIÇOS NA FRATERNIDADE



INTRODUÇÃO

Vivemos em fraternidade e viver em fraternidade é ter uma segunda família e o bom andamento de uma família também está condicionado à maneira de conduzir o ambiente familiar. Mais que isso, é necessário viver no amor e a vida em fraternidade proporciona um amor universal. Sendo assim, a fraternidade também necessita ser bem direcionada, produzindo um ambiente de amor propício à vida fraterna. É por este motivo que as atividades da JUFRA são coordenadas por um Secretariado, em que alguns irmãos da fraternidade são eleitos para desempenhar um serviço específico em favor dos demais. Para tanto o tema “Organograma e funcionamento dos serviços na fraternidade” levará o jovem a conhecer como a Jufra de organiza e, assim, despertar seus dons colocando-os a serviço da fraternidade.

OBJETIVO

Entender o organograma e o funcionamento dos serviços na fraternidade, fazendo com que o jovem iniciante perceba como são divididas as funções dentro do Secretariado Fraterno da Jufra, além de despertá-lo para estar a serviço, contribuindo para a edificação do reino e crescimento dos irmãos.

MATERIAL NECESSÁRIO

Palitos de churrasco igual ao dobro do número de faixas de papel com nome dos serviços (detalhar serviços); bíblia e vela.

AMBIENTAÇÃO

Ao centro, colocar a bíblia aberta na leitura que será refletida neste encontro, tendo ao lado as velas e, ao redor, as faixas com o nome dos serviços exercidos pelos irmãos do Secretariado.

ACOLHIDA

Cantar refrão:

“Quem disse que não somos nada, que não temos nada para oferecer, Repare as nossas mãos abertas trazendo as ofertas do nosso viver (3 vezes).

Sugestão: Cada participante canta o refrão para o irmão que estiver mais próximo.

VER

Coordenador: *Vivendo em fraternidade, precisamos ter quem dinamize a caminhada e coordene as atividades, não como uma “hierarquia”, mas como uma partilha de dons, de forma a não sobrecarregar ninguém e valorizar os irmãos que fazem parte da fraternidade. Sendo assim, a fraternidade de JUFRA é assumida por um Secretariado Fraterno (Local, Regional ou Nacional) e esse é composto de vários serviços (e não cargos). A JUFRA faz a opção por não utilizar o nome de “coordenação” para deixar claro que todos os irmãos que assumem serviços são corresponsáveis pela fraternidade e não há uma centralidade na figura do Secretário Fraterno. Precisamos conhecer esses serviços para entendermos as atividades dos irmãos, assim como futuramente também partilharmos nossos dons com a fraternidade, nos diversos níveis.*

O coordenador pode dinamizar a apresentação das funções conforme julgar conveniente: cada um lê um serviço, duplas ou trios leem e depois apresentam à fraternidade ou podem fazer cartazes com as atribuições de cada um.

Secretariado Fraterno da JUFRA

Secretário Fraterno: é aquele que coordena e articula, junto com seu Secretariado, toda a vida da fraternidade, sendo responsável por animar e motivar os irmãos na realização das diversas atividades. Dentre suas atribuições, as principais são: a) reunir-se com seu Secretariado, nos diversos níveis, para elaborar plano de atividades e tomar todas as decisões necessárias para o bom andamento da fraternidade. Tem a responsabilidade de convocar reuniões, congressos, assembleias e outras atividades; b) discutir propostas e estar sempre disponível para os serviços aos quais lhe for designado, tais como: ouvir e receber queixas e reivindicações dos irmãos; c) estar atento aos problemas de cada irmão: consolar e entusiasmar sempre com espírito de bondade, humildade, compreensão, respeito e atenção; d) representar a JUFRA ou delegar representante junto a organismos da Igreja, da Família Franciscana ou Sociedade civil. O secretário fraterno, nos diversos níveis, participa ativamente do conselho da OFS, devendo ser convocado para reuniões e capítulos. Além disso,

também encaminha pedido solicitando Animadores Fraternos e Assistentes Espirituais.

Secretaria de Formação: é a secretaria encarregada da dinamização da caminhada formativa da fraternidade, desafiando-a no aprofundamento integral dos irmãos, tanto na formação humana, quanto cristã e franciscana. Motiva os irmãos, fornecendo-lhes as fontes necessárias para que sejam protagonistas da sua própria formação. Cabe a essa secretaria o zelo pelo cumprimento das Diretrizes de Formação, a preparação de materiais formativos, encontros e cursos e também assume a Coordenação da Equipe de Formação nos diversos níveis.

Secretaria de DHJUPIC: a defesa dos direitos humanos, da justiça, paz e integridade da criação são importantes dimensões do carisma franciscano que se fortalecem mutuamente. São valores que devem estar integrados no cotidiano da vida, na fraternidade, na oração, no uso dos bens, no exercício da autoridade, na nossa prática política e na relação com toda a criação. Cabe a quem é escolhido para este serviço a missão de animar os irmãos a viverem essas dimensões de forma integrada e integral. Sensibilizar para que todos assumam uma atitude profética, se envolvam em lutas concretas, em movimentos sociais e populares, pela eliminação de todas as formas de injustiças sociais e ambientais, pela superação de estruturas que oprimem, desumanizam e destroem a natureza, façam a opção pelos pobres e pela dignidade e integridade de toda criação.

Secretaria de AE: é a secretaria que deve proporcionar e orientar, através do conhecimento e da prática, os eixos principais da Ação Evangelizadora: diálogo ecumênico e inter-religioso; dimensão bíblico-litúrgica; diálogo fraterno na Igreja; promoção vocacional e dimensão missionária-pastoral. O irmão escolhido para este serviço deve guiar a fraternidade para o diálogo com as diversas religiões e igrejas, de forma acolhedora e respeitosa. Dentro da prática cristã, deve dar orientações e fornecer subsídios na preparação e realização de celebrações litúrgicas, momentos de mística e espiritualidade, promovendo o engajamento de todos nas pastorais orgânicas da comunidade, paróquia e/ou diocese. Esse irmão é responsável por representar a JUFRA nos organismos da Igreja e da Família Franciscana, como os conselhos paroquiais e diocesanos, setor de juventude, dentre outros. Deve ainda articular as atividades de

promoção vocacional da JUFRA, de forma que se contemple a dimensão pastoral da mesma, seguindo as orientações e diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil, dando testemunho e opção pelos mais necessitados, de tal forma que todos possam participar da construção de uma sociedade mais justa e solidária através da Boa Nova de Jesus Cristo.

Secretaria de IMMF: é a responsável por zelar pelas fraternidades de Infância, Micro e Mini Franciscanos. O secretário deste serviço deve estar atento às Diretrizes de Formação para a IMMF e, juntamente com a fraternidade de JUFRA, pensar e executar atividades, encontros, dinâmicas e estratégias que possibilitem às nossas crianças e adolescentes a vivência do carisma franciscano e uma formação humana, cristã e franciscana, visando também uma caminhada futura e contínua na Juventude Franciscana.

Secretaria de Comunicação Social, Registro e Arquivo: é a secretaria que estimula e desenvolve a comunicação entre os jufristas da fraternidade quanto aos compromissos agendados e entre as fraternidades do mesmo Distrito, Regional e Nacional. Sua função é divulgar a vida e as atividades da fraternidade em todos os meios de comunicação disponíveis. Assim, ela sempre deve dar conhecimento ao Secretariado Fraterno das correspondências recebidas (virtuais ou impressas) e, quando autorizado, responder oficialmente aos mesmos. Dentro da prática da cultura digital, deve dar orientações para que demais irmãos sejam engajados nas redes sociais com o propósito de expressarem o carisma, intensificando a unidade com outras expressões cristãs juvenis, evitando, portanto, o contratestemunho. O irmão eleito para este serviço tem a responsabilidade de registrar todas as atividades da fraternidade em livro de ata e, quando possível, acompanhadas de fotos, bem como cuidar de todos os documentos, pastas, atas, registros diversos e realizar o arquivamento das correspondências e de todo e qualquer material da caminhada, preservando, assim, tanto a história da fraternidade quanto do Secretariado. Por fim, este irmão é responsável por representar a JUFRA na PasCom (Pastoral da Comunicação) em sua diocese e/ou paróquia, e em outros organismos de comunicação da Igreja.

Secretaria de Finanças: É o serviço que busca meios para suprir todas as necessidades financeiras da fraternidade. Para essa função, deve ser designado um irmão responsável, competente,

criativo e dinâmico para encontrar meios adequados de arrecadar recursos. Compete a essa função, juntamente com o Secretariado eleito, gerir os recursos de maneira consciente e sem desperdícios. É responsável por toda contabilidade da fraternidade, prestando contas dos valores e de todos os recursos que entram e saem do caixa.

Animação fraterna: A Animação Fraterna é um importante elo entre a OFS e a JUFRA, sendo importante destacar que o Animador Fraterno participa tanto do Conselho da OFS, quanto do Secretariado da JUFRA. Esse serviço, executado por um irmão professo na OFS, tem o propósito de integrar os jovens da JUFRA e os irmãos da OFS. Além disso, o animador fraterno tem como um dos seus principais objetivos acompanhar os jufristas que se preparam para ingressar na Ordem Franciscana Secular, integrando, para tanto, a Equipe de Formação da fraternidade local.

Assistência Espiritual: a Assistência Espiritual e Pastoral é o serviço assumido por um frade da Primeira Ordem (OFM, OFMConv ou OFMConv) ou por um frade ou uma irmã da TOR, e tem por missão acompanhar e orientar os jovens franciscanos na vivência dos valores da espiritualidade franciscana e clariana. O Assistente Espiritual é membro nato do Secretariado Fraterno, nos seus diversos níveis e, de modo particular, integra a Equipe de Formação, assessorando-a no planejamento, condução e animação da caminhada formativa da fraternidade. Com sua presença fraterna, ele busca assessorar os diversos momentos da vida da fraternidade, seja nos encontros, nas formações, nas atividades pastorais e missionárias ou nas reuniões do Secretariado, seja preparando e conduzindo os retiros e demais momentos de espiritualidade junto aos jufristas.



ILUMINAR

Leitura bíblica e reflexão compartilhada: Ecl 4,7-12

1. O texto lido nos mostra duas faces de um homem. Quais são elas?
2. Como podemos aplicar esse texto dentro dos serviços da nossa fraternidade?
3. Se refletirmos o versículo “Se um cair o outro levanta” e trecho da oração da fraternidade “Para que cada um de nós sinta e viva as necessidades dos outros” (Devocionário Franciscano, p.580), o que podemos concluir?

AGIR

Coordenador: *A união da fraternidade e do Secretariado proporciona amor, harmonia, comunhão, fidelidade e companheirismo um para com o outro, diante disso somos convidados a refletir nossa atuação em conjunto a partir dessa dinâmica.*

O coordenador entrega a cada um dos irmãos um palito de churrasco e pede que ele vá ao centro e tente quebrá-lo. Logo depois, entrega a todos os irmãos 2 palitos e peça que escolham um irmão para recolher e juntar todos os palitos. A seguir, esse irmão os envolve por completo com o barbante e pede que um dos irmãos tente quebrá-los de uma só vez. Ele provavelmente não conseguirá. Então, o coordenador desamarra os palitos e entrega um dos que não quebraram a cada jufrista e peçam para refletirem:

1. Por que foi fácil quebrar a vara que estava sozinha?
2. O que aconteceu ao tentarem quebrar os palitos que estavam juntos e entrelaçados?

O coordenador deve motivar a reflexão de modo que os participantes concluam que uma pessoa sozinha conduzindo a fraternidade pode desistir e talvez até mesmo não conseguir, mas se todos do Secretariado trabalharem juntos e unidos conseguirão, com a força de Deus e ajuda mútua, conduzir a fraternidade perfeitamente.

CELEBRAR

Momento orante: Repetindo a cena do lava pés, o Secretário Fraterno da fraternidade é convidado a lavar os pés dos demais irmãos.

Se possível, fazer igual a Jesus na Santa Ceia - após lavar os pés, dar um beijo também nos pés de cada irmão da fraternidade. Enquanto isso, canta-se a música:

1. Jesus, um dia reuniu todos os seus amigos numa refeição: Cingiu-se com uma toalha e lavou os pés de todos seus irmãos. Depois de lhes lavar os pés, o Mestre explicou-lhes aquela lição: Quem quer ser maior na vida, deve se tornar o menor dos irmãos.

Refrão: Vem, Senhor, não tardes mais, vem nos dar a vida, vem nos dar a paz!/ Vem, irmão, não tardes não, de mãos estendidas repartir o pão!

2. Jesus, naquela despedida, ele pregava a vida, ele pregava amor e qual não foi sua tristeza, quando ali na mesa estava o traidor!/ Também na nossa própria vida somos, muitas vezes, "Judas - traidor".../ Comemos e bebemos juntos, e depois negamos ao irmão, amor...

3. E o Mestre repartindo o pão, e repartindo o vinho, assim falou: Tomai, comei, deles agora, e o meu corpo e sangue que por vós eu dou!/ Também no nosso dia a dia, vamos nos doar ao pobre, nosso irmão!/ Tem gente morrendo de fome, e na nossa mesa 'stá sobrando pão!

4. Assim foi a última ceia, a primeira missa, que Jesus rezou tornando-se nosso alimento e, de amor sedento, por nós se entregou. No mundo há uma grande ceia, a festa da vida, a ceia pascal. E a festa só será completa, quando houver no mundo amor universal!

Coordenador: Assim como Jesus nos deu o maior exemplo de serviço a partir do lava-pés, também somos chamados a fazer o mesmo. Nossa contribuição significa muito para a nossa fraternidade, não só com o serviço que assumimos, mas com o ombro amigo, a atenção e o cuidado que temos com cada irmão. O pouco de cada um é que faz a diferença na vida da fraternidade. Para percebermos como é importante o trabalho em equipe, vamos brincar de “Escravos de Jó”!

Os participantes se sentam em círculo, cada um com uma pedrinha ou outro objeto pequeno, que será passado de um integrante para o outro em uma coreografia de vai e vem seguindo o ritmo da música “Escravos de Jó”:

Escravos de Jó jogavam caxangá *(os jogadores vão passando as pedras um para o outro do lado direito, de forma que cada jogador fique sempre com uma pedrinha só)*

Tira, *(cada um levanta a pedra que está em suas mãos)*

põe, *(colocam a pedra de novo no chão)*

deixa ficar *(apontam com o dedo para a pedra no chão)*

Guerreiros com guerreiros *(voltam a passar a pedra para a direita)*

fazem zigue, *(colocam a pedra na frente do jogador à direita, mas não soltam)*

zigue, *(colocam a pedra à frente do jogador à esquerda, mas não soltam)*

zá *(colocam a pedra à frente do jogador à direita novamente).*

Os participantes devem brincar até conseguirem fazer a coreografia toda sem que ninguém erre. Em seguida, pode-se tentar fazer apenas murmurando a cantiga e também sem som algum.

O coordenador pode motivar a reflexão de que assim acontece a dinâmica de uma fraternidade harmônica: todos se ajudam mutuamente, sem que seja necessário ficar falando as necessidades uns dos outros. Temos que estar atentos aos irmãos, como eles devem estar a nós.

Para encerrar, quem coordena convida a todos a rezarem a oração do Jovem Franciscano (Devocionário Franciscano, p. 33).

MOTIVAÇÃO FINAL

Tendo conhecido os serviços dentro da fraternidade, está na hora de colocar-se disponível para ajudar naquilo que for necessário, modelando os seus dons para que, em breve, seja você um dos irmãos membros de um Secretariado.

CARACTERIZAÇÃO E PRÁTICA
DOS SERVIÇOS DE AE E DHJUPIC



INTRODUÇÃO

A figura de referência histórica e sagrada de Jesus Cristo, Homem que viveu com intensidade a experiência de fé encarnada na vida do seu povo, é central para o entendimento dos serviços de Ação Evangelizadora (AE) e Direitos Humanos, Justiça, Paz e Integridade da Criação (DHJUPIC) na Juventude Franciscana. Sua vida é a proclamação da justiça e da misericórdia do Reino de Deus, é a Fonte Evangélica por excelência, a Boa Notícia que deve orientar nosso caminhar na história. Assim sendo, no meio do mundo atual, precisamos ser capazes de dar continuidade ao seguimento de Jesus, expressando com nossa vida a proposta que Ele veio trazer ao mundo. Se Ele veio convocar a humanidade para seguir seu caminho, importa – em primeiro lugar – dispor-se a caminhar com Jesus, procurando compreender exatamente qual é esse caminho que devemos mostrar.

Francisco e Clara de Assis encontram esse caminho, tomam para si a proposta que dá sentido às suas vidas. Uma vez escolhido como forma de vida, dispuseram-se a beber dessa fonte de espiritualidade que os conduziram às periferias de suas existências e do mundo. Beberam doses suficientes para promover fortes reações de caráter pessoal e social.

Hoje, também nós, jovens franciscanos, no contexto histórico que estamos inseridos, somos convidados e impulsionados pelo Evangelho, a dar respostas e sentido às nossas inquietações e às realidades que nos cercam. Como membros da Igreja – Povo de Deus a caminho – seguidores e seguidoras de Jesus, precisamos assumir nosso papel no mundo: fermento na massa, sal da terra e luz do mundo.

OBJETIVO

Conhecer os serviços de AE e DHJUPIC na JUFRA, caracterizando-os a partir de reflexões em grupo para fomentar práticas valiosas que podem ser assumidas pelos jufristas nas realidades em que estão inseridos.

MATERIAL NECESSÁRIO

Bíblia; ícone ou imagem de Francisco e Clara; imagens das realidades atuais da igreja e sociedade; panos e/ou fitas e equipamento de som; trechos do Manifesto da Juventude Franciscana em tiras de papel.

AMBIENTAÇÃO

Deve-se colocar a Bíblia no centro da mística. Fitas e/ou panos coloridos devem fazer a ligação entre a Bíblia e as imagens/ícones.

ACOLHIDA

Receber os irmãos com bastante alegria ao som da música “Missão de Todos Nós” de Zé Vicente. Entregar passagens do Manifesto da Juventude Franciscana em pequenos pedaços de papel.

VER

Coordenador: *Os serviços de AE e DHJUPIC estão ligados profundamente à experiência cristã de cada jovem que opta pela Juventude Franciscana. Tais experiências refletem na vivência em fraternidade, onde, entre irmãos e irmãs, podem vivenciar espaços de oração, reflexão, partilha, formação e mobilização. A caracterização e prática destes serviços da JUFRA do Brasil é fruto de décadas de reflexões, formulações conceituais e diversas experiências humanas, sempre atentos aos apelos das realidades de cada período vivido.*

Os secretários que assumem estes serviços na JUFRA fazem parte da equipe de formação que se estrutura em todos os níveis, ou seja, todas as atividades desenvolvidas no que tange esses serviços estão ligadas profundamente ao processo formativo do jovem.

É interessante a formação de dois grupos para este momento de leitura e reflexão. Repassar as leituras e fontes necessárias para os grupos, onde se deve promover uma pequena discussão sobre os textos e provocar cada irmão a refletir e expor o que entende de cada secretaria.

GRUPO - AE

“Ação Evangelizadora” é um termo desafiador e é a secretaria, dentro da organização da Juventude Franciscana, que melhor expressa o desejo de “EVANGELIZAR, “a partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária e profética, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo” Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil (2015-2019).

Devemos estar inseridos na Igreja “com lâmpadas acesas”. É importante gravarmos na retina o viver de Francisco e Clara, pois “cremos no Cristo pobre, humilde e crucificado que se identifica com os empobrecidos, marginalizados de nossa sociedade”.

O chão que pisamos é o espaço privilegiado de nossas experiências. Assim, devemos nos esforçar em perceber que estamos inseridos em um contexto eclesial latino americano, com inculturação dos povos que aqui vivem, comunidades de base organizadas, novas comunidades e movimentos que criam um espaço diverso com grandes desafios e sabores.

Deve-se realizar a leitura do 1º Panfleto Formativo de AE (disponível no final do livro).

GRUPO - DHJUPIC

Conforme a definição do serviço de DHJUPIC, “a defesa dos direitos humanos, da justiça, paz e integridade da criação é dimensão importante do carisma franciscano e cada eixo se fortalece mutuamente. São valores que devem estar integrados no cotidiano da vida, na fraternidade, na oração, no uso dos bens, no exercício da autoridade, na nossa prática política e na relação com toda a criação”.

O amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor. O amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são uma forma eminente de caridade, que toca não só as relações entre os indivíduos, mas também “as macrorrelações como relacionamentos sociais, econômicos, políticos”. Por isso, a Igreja propôs ao mundo o ideal de uma “civilização do amor”. O amor social é a chave para um desenvolvimento autêntico: “Para tornar a sociedade mais humana, mais digna da pessoa, é necessário revalorizar o amor na vida social – nos planos político, econômico, cultural – fazendo dele a norma constante e suprema do agir”. Neste contexto, juntamente com a importância dos pequenos gestos diários, o amor social impele-nos a pensar em grandes estratégias que detenham eficazmente a degradação ambiental e incentivem uma cultura do cuidado que permeie toda a sociedade. Quando alguém reconhece a vocação de Deus para intervir juntamente com os outros nestas dinâmicas sociais, deve lembrar-se que isto faz parte da sua

espiritualidade, é exercício da caridade e, deste modo, amadurece e se santifica.” Papa Francisco - Carta Encíclica Laudato Si’, 231

Entendendo os eixos:

Cada grupo deverá expor para todos os irmãos os frutos das discussões. Deixar o momento aberto para questionamentos e acréscimos.

O coordenador deve fazer os seguintes questionamentos à fraternidade:

1. Quais as ações locais que sua fraternidade realiza?
2. Sua fraternidade realiza as campanhas nacionais das Secretarias? Acompanha os sites de AE e DHJUPIC?

ILUMINAR: Mt 5, 1-12

O coordenador propõe os seguintes questionamentos:

1. Qual a mensagem do Sermão da montanha?
2. Qual a ligação entre o “Ser Feliz” do Evangelho e os serviços de AE e DHJUPIC?
3. As bem-aventuranças nos questionam a uma lógica de felicidade diferente da que geralmente ouvimos?
4. O que eu faço com a fraternidade e em minha vida cotidiana que comprovam que assumi concretamente “o seguimento de Jesus”?

AGIR

Neste momento os participantes são convidados a pensar ações a curto e longo prazo que podem ser assumidas pela fraternidade, a partir da sua realidade eclesial e social.

“Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você estará fazendo o impossível.” Francisco de Assis. Cada irmão deve escrever em um pequeno pedaço de papel algum compromisso pessoal relacionado aos serviços. Colocar os papéis dentro de bexigas e misturá-las. Cada jovem irá estourar uma bexiga e adotar um compromisso. O jovem que propôs o compromisso ficará responsável de auxiliar o irmão que adotou a sua proposta. As experiências poderão ser compartilhadas no próximo encontro.

CELEBRAR

O coordenador convida a todos para rezarem a Oração Cristã com a Criação (Papa Francisco - 2015):

Nós Vos louvamos, Pai, com todas as vossas criaturas, que saíram da vossa mão poderosa. São vossas e estão repletas da vossa presença e da vossa ternura.

Louvado sejais Filho de Deus, Jesus, por Vós foram criadas todas as coisas. Fostes formado no seio materno de Maria, fizestes-Vos parte desta terra, e contemplastes este mundo com olhos humanos. Hoje estais vivo em cada criatura com a vossa glória de ressuscitado.

Louvado sejais! Espírito Santo, que, com a vossa luz, guiais este mundo para o amor do Pai e acompanhais o gemido da criação, Vós viveis também nos nossos corações a fim de nos impelir para o bem.

Louvado sejais! Senhor Deus, Uno e Trino, comunidade estupenda de amor infinito, ensinai-nos a contemplar-Vos na beleza do universo, onde tudo nos fala de Vós. Despertaí o nosso louvor e a nossa gratidão por cada ser que criastes.

Dai-nos a graça de nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe. Deus de amor, mostrai-nos o nosso lugar neste mundo como instrumentos do vosso carinho por todos os seres desta terra, porque nem um deles sequer é esquecido por Vós. Iluminai os donos do poder e do dinheiro para que não caiam no pecado da indiferença, amem o bem comum, promovam os fracos, e cuide m deste mundo que habitamos. Os pobres e a terra estão bradando: Senhor, tomai-nos sob o vosso poder e a vossa luz, para proteger cada vida, para preparar um futuro melhor, para que venha o vosso Reino de justiça, paz, amor e beleza. Louvado sejais! Amém

O coordenador pede que os participantes se deem as mãos, enquanto acompanham a bênção:

Que as nossas mãos se unam, e que, através delas, sintamos também a mão do amigo encontrando a do inimigo; a mão do pobre encontrando a do rico; a mão do negro encontrando a do branco; a mão do forte encontrando a do fraco; a mão do esposo encontrando a da esposa; a mão do mestre encontrando a do discípulo; a mão do sofredor encontrando a do protetor; a mão do farto encontrando a do faminto; a mão do governante encontrando a do governado; a mão do juiz encontrando a do réu; a mão do médico encontrando a do paciente; a mão do patrão encontrando a do operário; a mão do noivo

encontrando a da noiva. A mão de todos encontrando a de Cristo e a mão de Cristo abençoando a todas elas.

Saudar a todos com Paz e bem!

MOTIVAÇÃO FINAL

“Que pode fazer aquele estudante, aquele jovem, aquele militante, aquele missionário que atravessa as favelas e os paradeiros com o coração cheio de sonhos, mas quase sem nenhuma solução para os meus problemas? Muito! Podem fazer muito. Vós, os mais humildes, os explorados, os pobres e excluídos, podeis e fazeis muito. Atrevo-me a dizer que o futuro da humanidade está, em grande medida, nas vossas mãos, na vossa participação como protagonistas nos grandes processos de mudança nacionais, regionais e mundiais. Não se acanhem!” Papa Francisco

CAMINHANDO PELAS DIRETRIZES
DE FORMAÇÃO DA JUFRA DO BRASIL



INTRODUÇÃO

A Juventude Franciscana do Brasil possui como característica essencial à caminhada formativa dos seus jovens e o fato de apresentar uma estrutura própria compartilhada por todas as fraternidades. Dessa forma, para manter a sintonia do processo temos as Diretrizes de Formação.

As Diretrizes são orientações para as diversas etapas da caminhada formativa do jufriista e do jovem iniciante. Assim, quando um jovem ingressa em uma fraternidade de JUFRA, de Norte ao Sul do país, ele passará pelo mesmo processo formativo que é norteado por essas diretrizes.

Essas orientações têm a finalidade de conduzir o jovem ao aprofundamento, vivência e testemunho dos valores humanos e cristãos, bem como ao discernimento, crescimento e compromisso com a vida franciscana secular e com a Igreja.

OBJETIVO

Fazer com que o jovem conheça de forma resumida toda a caminhada formativa da JUFRA do Brasil, através das Diretrizes de Formação. E, assim, consiga refletir de forma consciente sobre o desejo pessoal de vivenciar essa caminhada.

MATERIAL NECESSÁRIO

Bíblia; imagem que retrate “caminhada” impressa em tamanho grande; livros de Formação da JUFRA do Brasil (EFI; FBJ e EFF); pegadas de papel recortados; crucifixo de São Damião e fluxograma das etapas de formação desenhado em cartolina.

AMBIENTAÇÃO

Preparar o ambiente representando um caminho utilizando as pegadas de papel que termina aos pés do crucifixo de São Damião. De um lado do crucifixo, colocar a Bíblia e do outro os três livros de formação organizados.

Nas pegadas, devem estar escritos os nomes das três etapas da caminhada formativa da JUFRA: Etapa de Formação Inicial (na primeira pegada); Etapa de Formação Base da Jufra (na pegada do meio); Etapa de Formação Franciscana Secular (na pegada mais próxima do crucifixo).

Também compondo o ambiente de forma harmoniosa, colocar a imagem que retrate a caminhada e o fluxograma com as etapas de formação.

ACOLHIDA

Coordenador: *Irmãos e irmãs, Paz e Bem! No encontro de hoje, vamos refletir sobre a caminhada formativa da JUFRA, retratada pelas Diretrizes de Formação. Para iniciar, somos convidados a olhar profundamente para esta imagem por alguns minutos e depois dizer o que ela representa para nós.*



Caminhar significa seguir por um caminho andando, passo a passo. Durante esse percurso, caminhar é importante, porém é preciso buscar um sentido nesse caminhar. É em busca desse sentido que a JUFRA prepara sua caminhada formativa, a fim de que os jovens tenham um horizonte, uma busca. Por isso, vamos mergulhar nessa caminhada de forma intensa e contínua: “pedra por pedra e dia após dia” como entoamos na bela canção franciscana.

VER

Coordenador: *Historicamente, a JUFRA possui Diretrizes de Formação desde a sua fundação. No ano de 1973, foi publicado o Itinerário Evangélico da Juventude Franciscana, que seria o primeiro embrião das nossas Diretrizes atuais.*

Quando o jovem entra na JUFRA, ele começa a realizar as chamadas Etapas de Formação, que são estruturadas de acordo com o tempo. À medida que o jovem vai passando por essas etapas, ocorre um aprofundamento da vivência, dos valores humanos e cristãos.

Vamos então caminhar por essas etapas e conhecer um pouco mais cada uma delas de forma dinâmica. Para isso, ficaremos atentos ao nosso fluxograma e a este caminho exposto para todos nós.

Nossa primeira parada é na Etapa de Formação Inicial – EFI.

(Nesse momento colocar em destaque a pegada no chão com o nome da etapa e livro da mesma)



Leitor 1: O jovem ou a fraternidade (no caso das iniciantes) deve ingressar na Etapa de Formação Inicial. Nesta etapa, os irmãos são chamados de jovens iniciantes e devem ser acompanhados pelo formador local ou por alguém responsável, no caso de fraternidades iniciantes. O jovem deve envolver-se na vida da fraternidade durante os encontros, além de participar de reuniões específicas da formação de iniciantes. Essa etapa tem duração de 1 a 2 anos, podendo ainda ser prorrogada por mais um ano em caso de fraternidades iniciantes. Ela tem como objetivo levar o jovem iniciante a conhecer a si mesmo, a JUFRA e sua organização e vivenciar a espiritualidade franciscana, como forma de despertar vocacional a fim de realizar o compromisso do jufrista. Para ingressar nessa etapa é preciso ter idade mínima de 15 anos.

Nossa segunda parada é na Etapa de Formação Base da JUFRA – FBJ. (Nesse momento colocar em destaque a pegada no chão com o nome da etapa e livro da mesma.)



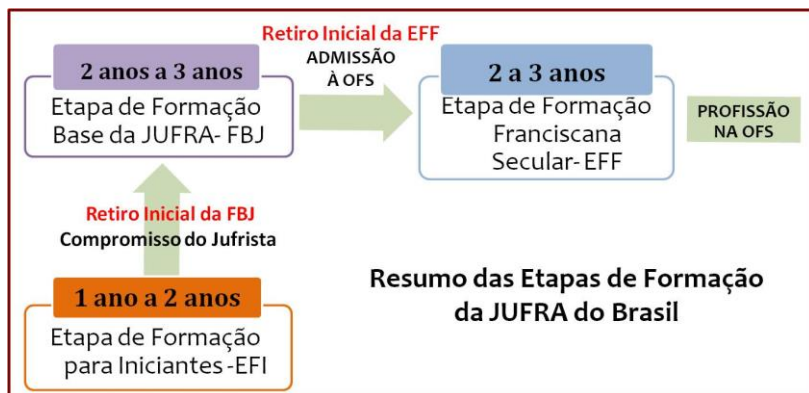
Leitor 2: Antes de iniciar essa etapa, o jovem deve realizar o Retiro Inicial da Formação Base da JUFRA, no qual ele faz o compromisso do jufrista. Depois desse momento, o jovem agora chamado de jufrista, inicia a etapa de FBJ, que é um período formativo-informativo que visa proporcionar ao irmão a vivência do compromisso franciscano de vida, levando-o a uma experiência fraterna e criando condições para que viva o Evangelho no contexto da realidade atual. A etapa tem duração de 2 anos podendo ser prorrogada por mais um e destina-se a jovens batizados que tenham feito a EFI e participado do retiro inicial.

Nossa terceira parada é na Etapa de Formação Franciscana Secular – EFF. (Nesse momento colocar em destaque a pegada no chão com o nome da etapa e livro da mesma.)



Leitor 3: Antes de iniciar essa etapa o jovem deve realizar o Retiro de Formação Franciscana, onde deve ser admitido na Ordem Franciscana Secular (OFS). A partir desse momento o jufrista passa ser chamado de “jufrista formando” e a pertencer tanto à fraternidade da JUFRA quanto da OFS. Nesta etapa, a responsabilidade de realizar os encontros específicos com os jufristas formandos é da OFS, mais precisamente do Animador Fraterno. Esta etapa é um período de intensa formação franciscana secular e visa proporcionar um melhor conhecimento da OFS, bem como da espiritualidade franciscana. Tem duração de 2 anos e pode ser prorrogada por mais 1 ano. No final desse período, o jufrista professa a regra da OFS tornando-se um “jufrista professo”.

Coordenador: *Para concluir esse momento, vamos olhar com atenção para o fluxograma que resume todo o processo formativo da JUFRA do Brasil.* Nesse momento, deve-se convidar os jovens para explicarem resumidamente o quadro.



ILUMINAR

Coordenador: *Assim como a JUFRA tem sua caminhada, o povo de Deus também faz seu caminho, como nos relatam as passagens:*

Leitor 1: “Vou enviar um anjo na frente de você, para que ele cuide de você no caminho e o leve até o lugar que eu preparei para você.” (Ex 23,20)

Leitor 2: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim.” (Jo 14,6)

Coordenador: *Também São Francisco caminhou como peregrino e forasteiro nesse mundo, guiado pelos passos do Evangelho. É por isso que, no final dessa caminhada, temos como horizonte o Cristo do Crucifixo de São Damião, que nos revela que só vale a pena percorrer toda essa jornada porque ela nos leva a Cristo.*

Diante disso, podemos refletir juntos:

1. Eu desejo percorrer esse caminho apontado pelas Diretrizes de Formação?
2. Que luzes esse itinerário formativo aponta para a minha vida e para a fraternidade?
3. Qual a importância de ter uma caminhada formativa?

AGIR

Coordenador: *Nesse encontro refletimos a importância de termos um norte para a nossa vida e nossa caminhada, documentada na JUFRA por nossas Diretrizes de Formação. Como gesto concreto dessa reflexão, cada um é convidado a escrever, em sua casa, uma carta para si mesmo. Essa carta deve registrar seus planos e projetos para o futuro na sua vida pessoal, familiar, acadêmica e profissional. Ela também deve trazer seus anseios para a vivência na fraternidade, as atividades que estará vivenciando aqui, algum serviço no Secretariado ou trabalho na comunidade.*

Escolheremos alguém que ficará responsável por essas cartas e, daqui a um ano, seremos os destinatários delas e poderemos comparar se estamos fazendo a caminhada que havíamos pensado agora.

No próximo encontro, cada um deve trazer sua carta e partilhar com a fraternidade de forma simples.

(O irmão responsável pelas cartas deve guardá-las com muito zelo. Depois de um ano, ele deve combinar com a Equipe de Formação e trazê-las num encontro preparado para essa retomada.)

CELEBRAR

Coordenador: *Nesse momento de celebração, somos convidados a fazer uma ciranda ao som da música “Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores”, de Geraldo Vandré:*

“Caminhando e cantando e seguindo a canção. Somos todos iguais, braços dados ou não. Nas escolas, nas ruas. Campos, construções. Caminhando e cantando e seguindo a canção.

Vem, vamos embora. Que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora. Não espera acontecer...”

Coordenador: *No final dessa ciranda cada um é convidado dizer com uma palavra o que representou esse encontro. Logo após, de mãos dadas e a caminho, porque juntos somos mais, rezemos a oração do Pai Nosso.*

MOTIVAÇÃO FINAL

Roguemos a Deus para que possamos cumprir todas as etapas dessa caminhada formativa proposta pelas nossas Diretrizes de Formação. Que elas sejam instrumentos de, como meio de, cada vez mais, aprofundar a espiritualidade franciscana e o Evangelho de Cristo em nós, fazendo da vocação franciscana uma caminhada para toda nossa vida.

Músicas

1 - PADROEIRA DA JUFRA

1- Tua vida é oração, faça sol ou faça chuva / Ouça o que dizem os teus irmãos: / À nossa frente serás também. Padroeira da JUFRA Padroeira da JUFRA, Padroeira da JUFRA e em meu viver, Paz e Bem.

2- Rosa que revela o universo aqui, / seguindo o pobre, casto e obediente / Nos ensinou por Francisco de Assis / chegar ao Cristo humilde e penitente (penitente). Tua vida é oração, faça sol ou faça chuva / Ouça o que dizem os teus irmãos: / À nossa frente serás também. Padroeira da JUFRA Padroeira da JUFRA, Padroeira da JUFRA e em meu viver, Paz e Bem.

3- Jufrista pequenina de Viterbo, / flor-menina de aquarelas mil. / Vem colorir, fazer vivo e liberto / os nossos jovens por este Brasil (este Brasil). Quem é jovem, luta e não se engana./ Não se omite a nada, não se ilude / Assim é a Juventude Franciscana / quando assume o irmão na plenitude (plenitude).

4- Tua vida é oração, faça sol ou faça chuva. / Ouça o que dizem os teus irmãos:/ À nossa frente serás também, Padroeira da JUFRA Padroeira da JUFRA, Padroeira da JUFRA e Em meu viver, Paz e Bem.

2 - ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO FRANCISCANA

Aleluia, aleluia, aleluia! Aleluia, aleluia, aleluia!

O Evangelho é a nossa vida a mensagem do Senhor, proclamado já na vida de Francisco, o irmão menor.

3 - DOCE É SENTIR

Doce é sentir em meu coração: / humildemente vai nascendo o amor. / Doce é saber: não estou sozinho, / sou parte de uma imensa vida, / que generosa reluz em torno de mim, / imenso dom do teu amor sem fim.

O céu nos destes e as estrelas claras, / nosso irmão sol, nossa Irmã a Lua, / nossa mãe terra com frutos, campos, flores, / o fogo e o vento, o ar e a água pura, / fonte de vida de tuas criaturas: / imenso dom do teu amor sem fim! (2X)

4 - CANTA FRANCISCO

Nos olhos dos pobres, no rosto do mundo/ Eu vejo Francisco perdido de amor/ É índio, operário, é negro, é latino/ Jovem, mulher, lavrador e menor.

Há um tempo só de paixão, grito e ternura/ Clamando as mudanças que o povo espera/ Justiça aos pequenos, ordem do evangelho/ Reconstrói a igreja na paixão do pobre. Há crianças nuas nesta paz armada/ Há Francisco povo sendo perseguido/ Há jovens marcados sem teto nem sonhos/ Há um continente sendo oprimido./ Com as mãos vazias solidariedade/ Com os que não temem perder nada mais/ Defendem com a morte a dignidade/ Com a teimosia que constrói a paz.

Canta Francisco, com a voz dos pobres/ Tudo que atreveste a mudar/ Canta novo sonho, sonho de esperança/ Que a liberdade vai chegar./ Canta Francisco, com a voz dos pobres/ Tudo o que atreveste a mudar/ Canta novo sonho, sonho de menino/ Novo céu e terra vai chegar.

Há Claras, Franciscos marginalizados/ Cantando da América a libertação/ Meninos sem lares são irmãos do mundo / Pela paz na terra sofrem parto e cruz./ Francisco imagem de um Deus feito pobre/ Denúncia esperança profecia e canta / Vence com coragem o império da morte / De braços com a vida em missão na história/ Francisco menino e homem das dores / Reconstrói a igreja pelo mundo afora/ Na fraternidade que traz a justiça/ Na revolução que anuncia a aurora.

5 – SIMPLICISSIMAMENTE

Simplicissimamente nós viveremos daqui pra frente / Simplicissimamente nada teremos singelamente / Partiremos o pão que Deus dará / E se formos irmãos o pão não faltará.

1- Desposaremos a donzela pobreza / E geraremos a irmã caridade / E não teremos quase nada na mesa / E pisaremos pés descalços no chão.

2- Não mudaremos quase nada na terra / E pode ser que nada mude ao redor / Mas para que o mundo seja um dia mais justo / Semearemos a semente do amor.

6 – IRMÃO VENTO, IRMÃO SOL

1- Meu amigo deixou seu dinheiro, sua herança e os direitos que tinha, era jovem demais o menino, disse o pai, o vizinho e a vizinha, meu amigo encontrou a verdade, e em seu rosto banhado de luz, pelas ruas de sua cidade/ meu amigo imitava Jesus.

Irmão vento, irmão sol, irmão lua,/ irmão lobo tu és meu irmão/ rouxinol, sabiá, criaturas de Deus,/ somos obras de suas mãos (bis)

2- Meu amigo viveu sem ter nada/ por esposa escolheu a pobreza/ era jovem demais o menino / não podia ter tanta certeza/ foi assim que ele abriu um caminho/ para quem quer viver só de amor/ não ficou muito tempo sozinho/ gente nova o seguiu com fervor.

3-Hoje em dia nos jovens que eu vejo/ irrequietos num mundo infeliz,/ eu renovo a esperança e o desejo/ de topar com Francisco de Assis,/ calça Lee, pé no chão, mundo novo/ mil ideias de renovação/ eles são consciência do povo/ queira Deus que eles cresçam irmãos.

7 – CLARA, Ô CLARA

Clara, ô Clara me diga por que, que foi que Francisco falou pra você. Clara, ô Clara eu quero entender por que deste mundo te foste esconder.

1- Tu tinhas dinheiro, vivias feliz igual às meninas que havia em Assis. Será que Francisco te enfeitiçou, que tão de repente teu mundo mudou. Eu tinha dinheiro, vivia feliz, igual as meninas que havia em Assis. Mas foi Jesus Cristo quem me cativou, Francisco somente o caminho mostrou.

2- Eras bonita de classe maior, teu pai era nobre, patrão e senhor. Será que esta vida não era viver, que tão de repente te foste esconder.

Eu era bonita de classe maior, mas eu tinha sonhos de algo melhor, será que esta vida é viver e morrer, um dia por fim eu parti fui viver.

3- Deixaste o dinheiro tranquila e feliz, e foste viver num mosteiro de Assis. Será que perdeste a razão de viver, tão jovem e tão bela não dá pra entender.

Deixei o dinheiro tranquila e feliz, e fui me trancar num mosteiro de Assis. Deixei o que eu tinha passei a viver, que a vida é bem mais que a mania de ter.

Clara, ô Clara, já posso entender, porque deste mundo tu foste esconder...

8 - FRANCISCO VAI!

1- A vida que eu vivo não me basta mais / Tudo que eu tinha não me serve mais / Vou procurar, o melhor caminho para amar.

Francisco vai! Repara a minha casa / Francisco vai! Não vês que estás em ruínas? / Não tenhas medo eu estarei sempre contigo, Francisco vai!

2- No escuro e no silêncio eu te procurei / E no negro da noite alcei o grito meu / E gritarei, pois só ao meu Senhor eu seguirei.

3- Altíssimo Senhor, o que queres de mim? / Tudo que eu tinha eu já dei a ti / Te amarei e da minha vida o louvor eu te farei.

9 – MEU VERDADEIRO IDEAL

1- Todo jovem busca um ideal / e mais plenamente conquistar seus sonhos. / Posso mudar o mundo ao meu redor / se eu começar por mim algo será melhor.

Na Juventude Franciscana / eu descobri minha cruz na forma de um TAU / Foi na JUFRA que eu encontrei / em São Francisco, meu verdadeiro ideal. Sendo o irmão sol que brilhará / ou a irmã Lua a iluminar / Minha Juventude é Franciscana / é assim na JUFRA!

2- Muitos caminhos oferece o mundo / cabe a mim a decisão de qual seguir / de nada vale possuir a tudo / porque sem Deus o tudo é em nada aqui no mundo.

10 - SENHOR, FAZEI DE MIM UM INSTRUMENTO DE VOSSA PAZ!

Onde há ódio, que eu leve o amor; Onde há ofensa que eu leve o perdão. Onde há discórdia que eu leve a união; Onde há dúvidas que eu leve a fé!

Onde há erro que eu leve a verdade, no desespero, que eu leve a esperança. Onde há tristeza, que eu leve a alegria, Onde há trevas que eu leve a luz.

Mestre, fazei que eu procure menos. Ser consolado que consolar. Ser compreendido que compreender; E ser amado do que amar.

Sim, pois é dando que se recebe, é perdoando que se é perdoado. ./ E é morrendo que se vive para a vida eterna./

11- SÃO FRANCISCO, VEM ENSINAR

1- Francisco, que trazes para hoje uma lição de amor. Dá-nos, teus olhos puros para perceber a Deus. Que nossas mãos saibam unir-se, e os corações se libertar. Que nossa voz e a natureza, se unam a ti num só cantar.

São Francisco, vem ensinar, este povo o Cristo imitar (2x)

2- Francisco, irmão da natureza, amigo do Senhor, grita, aos homens surdos o respeito pela paz. Que as aves cantem sem ser feridas, e as plantas cresçam com sua flor. Os homens vivam fraternidade, e todos louvem o bom Senhor.

3- Francisco, que inspira paz e bem na vida dos irmãos. Dize, qual o segredo da alegria de viver, a tua pobreza tornou-te livre, e foste puro de coração. Obedeceste com humildade, tornaste a vida uma oração.

12- IRMÃO FRANCISCO SE FEZ IDEAL DE VIDA

Irmão Francisco se fez ideal de vida, plena vida se tornou

1- Ainda jovem sentiu-se chamado, entre a vida e a morte também. Era a voz que clamava do alto: /:Francisco, Francisco vem;

2- Foi num momento, enquanto rezava, lá na capela de São Damião. Surpreendeu-se com a cruz que falava: /:restaura a Igreja irmão:/

3- Pelo caminho encontrou um leproso. Pensou um pouco e se aproximou, ao abraçá-lo, sentiu-se liberto: /:pois a Jesus Cristo encontrou:

4- Mas certo dia foi lida passagem, onde o Cristo os amigos mandou levar ao mundo a sua mensagem: /:Francisco, é a tua missão:

13 - QUEM ÉS TU ALTÍSSIMO SENHOR?

Quem és tu Altíssimo Senhor? E quem sou eu? Quem és tu dulcíssimo Deus meu? Quem és tu?

1- Tu és o bem, sumo bem, Senhor, Deus rei dos céus, vivo e verdadeiro.

2- Tu és o forte, tu és o grande, altíssimo, redentor, tu és a fortaleza.

3- Tu és o santo, único Deus, altíssimo, santo Pai, nossa esperança.

4- Sabedoria, fortaleza, e doçura, caridade, tu és a alegria.

5- Toda beleza, misericórdia, inefável, mansidão, grande redentor.

6- Tu és a vida, a vida eterna, segurança, nosso Pai, que fazes maravilha.

14 – LOUVAI

1- Louvai Deus ó criaturas/ Louvai Deus que nos criou / Louvai Deus ó céu ó estrelas/ Louvai Deus nosso Senhor!

Exaltai-o e bendizei-o com alegria e com amor. (2x)

2- Louvai Deus/ louvai ó lua/ louvai Deus que nos criou / Louvai Deus, ó noite, ó dia/ louvai Deus nosso Senhor!

3- Louvai Deus, ó mar ó vento/ louvai Deus que nos criou / Louvai Deus ó rios ó fontes/ louvai Deus nosso Senhor!

4- Louvai Deus aves e flores/ louvai Deus que nos criou/ Louvai Deus ó povos ó homens/ louvai Deus nosso senhor.

15 - SENHOR, FAZEI-ME INSTRUMENTO DE VOSSA PAZ ONDE HOVER ÓDIO QUE EU LEVE O AMOR.

Onde houver ofensa que eu leve o perdão, onde houver discórdia que eu leve a união, onde houver dúvida que eu leve a fé, onde houver erro que eu leve a verdade, onde houver desespero, que eu leve a esperança, onde houver tristeza que eu leve a alegria, onde houver trevas que leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais, consolar, que ser consolado, compreender que ser compreendido. Amar que ser amado, pois é dando que se recebe, é perdendo que se é perdoado, e é morrendo que se vive para a vida eterna.

16- ONIPOTENTE E BOM SENHOR

Onipotente e bom Senhor, a ti a honra, glória e louvor, todas as bênçãos de ti nos vem e todo o povo te diz: amém!

1- Louvado seja nas criaturas, primeiro o sol lá nas alturas. Clareia o dia, grande esplendor. Radiante imagem de ti, Senhor.

2- Louvado sejas pela irmã lua, no céu criastes, é obra tua, pelas estrelas claras e belas. Tu és a fonte do brilho delas.

3- Louvado sejas pelo irmão vento, e pelas nuvens, o ar e o tempo. E pela chuva que cai no chão. Nos dá sustento, Deus da criação.

4- Louvado sejas meu bom Senhor, pela irmã água e o seu valor. Preciosa e casta, humilde e boa. Se corre um canto, a ti entoas.

5- Louvado sejas, ó meu Senhor, pelo irmão fogo e seu calor. Clareia a noite, robusto e forte. Belo e alegre, bendita sorte.

6- Sejas louvado, pela irmã terra, mãe que sustenta e nos governa. Produz os frutos, nos dá o pão. Com flores e ervas, sorri o chão.

- 7- Louvado sejas, meu bom Senhor, pelas pessoas que em seu amor, perdoam e sofrem tribulação. Felicidade em ti encontrarão.
- 8- Louvado sejas pela irmã morte, que vem a todos, ao fraco e ao forte. Feliz aquele que te amar, a morte eterna não o matará.
- 9- Bem aventurado quem guarda a paz, pois o altíssimo o satisfaz. Vamos louvar e agradecer, com humildade ao Senhor bendizer.

17- JUVENTUDE FRANCISCANA, INSTRUMENTO DO SENHOR

1- Viver a vida num sentido mais profundo, anunciando que o amor está entre nós, levar, contentes, um sorriso a toda gente, conter nos gestos a expressão do bem maior.

Juventude Franciscana, instrumento do Senhor, semeamos alegria, nos unimos no louvor.

2- Fazer da vida uma aquarela de mil cores, a dor em flores, nós podemos transformar, caminhar sempre confiando em Jesus Cristo, em São Francisco vamos todos ser sinais.

3- É vocação ser sal da terra e luz do mundo, cada segundo de trabalho é oração, viver a paz e desejar fraternidade, é conquistar o coração de cada irmão.

18- HINO DOS 40 ANOS DA JUFRA DO BRASIL

Queremos viver este Compromisso

De Vida e Missão em Fraternidade

Construindo o Reino nos caminhos da História

Como Francisco e Clara viveram,

JUFRA, 40 anos, semeando Paz e Bem! (bis)

1- Em cada chão desse nosso imenso Brasil a JUFRA está presente. Mostrando à Juventude o grande valor Franciscariano. Fraternidade de Amor tão belo ideal em forma de um Tau. 40 anos caminhando! Louvado sejas meu bom Senhor! Santa Rosa de Viterbo, rogai por nós... JUVENTUDE FRANCISCANA!

2- cremos que o Amor é total, universal, prático e alegre. cremos no Deus de Amor que continua oferecendo sua Palavra. cremos no Cristo pobre que se identifica com o olhar do oprimido. Mãos dadas com a Criação promovendo Justiça e Paz! cremos acima de tudo Deus vivo entre nós... JUVENTUDE FRANCISCANA!

Dinâmicas

1- BOLINHA

Objetivo: Apresentação, integração, sensibilização e autoavaliação.

Tamanho do grupo: Preferível máximo de 15 participantes.

Material: 1 bolinha de tênis

Tempo: Considera-se um minuto para cada participante.

Desenvolvimento: O facilitador explicará que todos deverão se levantar e o primeiro a pegar a bolinha deverá se apresentar, dizendo o nome, o que faz melhor e passá-la para frente imediatamente, sem deixá-la cair. Os participantes deverão memorizar o nome de quem recebeu a bola para no final devolvê-la dizendo uma mensagem de como foi trabalhar com aquela pessoa no grupo.

2- ENVELOPE

Objetivo: Apresentação, integração, sensibilização e autoavaliação.

Tamanho do grupo: Ideal para turmas menores, não ultrapassar 15 participantes.

Material: 1 envelope branco (tamanho A4) para cada participante, tesoura, cola, várias revistas, giz de cera, canetinhas e lápis de cor.

Tempo: Aproximadamente 1h e 30m.

Desenvolvimento: Pedir para cada participante, individualmente, tentar se expressar através de montagens, feita com o material disponível. Da seguinte forma: do lado de fora do envelope, coloque como você acredita que os outros o percebem. Do lado de dentro do envelope, coloque como você realmente sente que é. Informar que o tempo para produzir o envelope é de 20 minutos.

Observação: A atividade deve ser feita de forma silenciosa. Depois cada um apresenta o seu envelope até o limite que se sentir confortável.

3- QUEM SOU EU?

Objetivo: Apresentação socializada.

Tamanho do grupo: Independe.

Material: Cartolinas, hidrocor, fita adesiva, giz de cera.

Tempo: 30 minutos. Vai depender do tamanho do grupo.

Desenvolvimento: Cada um escreve num círculo de cartolina, nome, signo do zodíaco e duas características marcantes que acha que os outros lhe atribuem.

Em seguida, escolhe-se no grupo um parceiro para conversar. A dupla então troca informações pessoais aprofundando o conhecimento mútuo.

Ao comando do coordenador, forma-se um círculo onde um apresenta o outro. As cartolinas com as informações pessoais são mostradas ao grupo.

Observações: As cartolinas podem ficar expostas durante o encontro criando um ambiente de intimidade. Uma conversa posterior sobre o que ocorreu pode possibilitar uma discussão sobre o grupo, seus limites e barreiras pessoais.

ABERTURA DE EVENTOS

4- RITUAL DO CÍRCULO MÁGICO

Objetivo: Inclusão e sensibilização do grupo para o início dos trabalhos. Cooperação e união; trabalho em equipe; ajudar e ser ajudado.

Tamanho do grupo: Quantidade definida em função do local disponível.

Material: Balões; frases para compor o ritual do círculo; som; música harmonizante.

Tempo: 15 minutos aproximadamente.

Desenvolvimento: Convidar o grupo para abrir o evento através do ritual do círculo mágico.

Informar sobre o significado de ritual:

Ritual consiste em toda atividade humana na qual colocamos: significado, concentração, emoção e ritmo.

Pedir que fiquem de mãos dadas e explicar o significado:

A mão direita simboliza nossa capacidade de ajudar. Deve estar por cima da mão esquerda do colega da direita;

A mão esquerda recebendo a direita do outro simboliza nossa necessidade de troca;

Ao mesmo tempo em que podemos ajudar, precisamos receber ajuda. Nenhum de nós é tão forte para somente ajudar ou tão fraco que somente receba ajuda;

A sinergia está no equilíbrio entre pedir, dar e receber colaboração.

Falar sobre ritmo e emoção:

Vivemos em um mundo pautado pelo ritmo agitado das conquistas pessoais e profissionais. Muitas vezes fazemos as coisas distraidamente, sem emoção e sem valorizar momentos importantes. Exemplos: almoço em família, café da manhã e outros.

Para facilitar o contato com o momento inicial de nossas atividades e obter a concentração no aqui e agora, convidamos o grupo para ouvir uma música (ouvir com o coração, sentindo o momento) podendo os integrantes do grupo fechar os olhos para melhor concentração.

Pedir que joguem os balões, que estarão ao centro do círculo, um para o outro:

Após a música, aquele que estiver com um balão na mão, lerá em voz alta a mensagem do balão.

Observações: A roda é a formação mais democrática que existe na face da Terra. Talvez, a primeira roda tenha surgido quando o homem descobriu o fogo e sentou-se em círculo em volta da fogueira para espantar o frio. É um legado de nossos ancestrais e permanece até os dias atuais com um forte significado de união e força.

Vamos estar quase sempre em um grande círculo ou em pequenas rodas. Desta forma podemos trabalhar com mais qualidade, enxergando a todos e tendo oportunidades iguais de participação.

Sugestões de mensagens dos balões:

Neste círculo somos todos iguais;

Não há o primeiro, não há o último;

Estamos todos no mesmo plano;

Neste círculo enxergo você “à minha direita”, você “à minha esquerda” e você “distante de mim”;

Que permaneçam neste círculo: a motivação, a cooperação, a disponibilidade, o ânimo, a comunicação efetiva, a flexibilidade, a alegria, o compromisso comigo e com o outro.

Expulsemos do círculo mágico: a desmotivação, a crítica maliciosa, a apatia, a inveja, a competição exacerbada, o autoritarismo e as forças negativas.

Iremos nos separar, algumas vezes, em pequenos círculos, sem perder de vista nossa força e nossa união.

Que permaneça entre nós a força do círculo mágico.

EXPECTATIVAS

5- BALÃO DO DESEJO

Objetivo: Levantar as expectativas por meio do simbólico.

Tamanho do grupo: Independe.

Material: Papel, caneta e balões coloridos.

Tempo: 15 minutos aproximadamente.

Desenvolvimento: Distribuir, entre os participantes, um balão (cada qual deve escolher a cor que quiser), três tiras pequenas de papel e uma caneta.

Pede-se que todos escrevam nas tiras de papel as perguntas:

Qual o seu objetivo neste encontro?

O que você espera do encontro?

O que você está disposto a nos dar?

Pede-se que cada um responda as questões.

Cada um escreve o nome em cada tira depois de responder às perguntas e as enrola bem fino.

Colocar, então, as três tiras dentro do balão, enchê-lo e amarrá-lo.

Todos ficam em pé e jogam os balões para o alto, sem deixá-los cair por um minuto.

Depois, cada um pega um balão qualquer, desde que não seja o seu.

Estoura-o e fica com as tiras que estão dentro dele.

Em círculo, sentados, cada um começa a ler as perguntas e respostas que tem.

O coordenador se apresenta ao final.

Observações: Esta técnica serve para o autoconhecimento; para que todas as pessoas de um grupo se expressem; para o grupo levantar suas expectativas; e para delimitar as possibilidades e limites do grupo e da atividade proposta.

INTEGRAÇÃO, AQUECIMENTO E ENTROSAMENTO.

6- AUTO-REVELAÇÃO

Objetivo: Integrar e conhecer os participantes.

Tamanho do grupo: 12 pessoas aproximadamente.

Material: As perguntas recortadas e dobradas

Tempo: 15 minutos aproximadamente.

Desenvolvimento: Todos deverão se apresentar, falando o nome, profissão, idade etc.

Distribuir a todos os participantes uma pergunta em um papel dobrado. Em seguida, todos deverão pegar um dos papéis dobrados e responder a pergunta impressa nele.

Sugestões de perguntas:

O que você faz melhor?

Se você ganhasse na loteria, o que faria com o dinheiro?

Qual foi o momento mais feliz da sua vida?

O que você acha que seria um programa perfeito para noite?

Onde você mais gostaria de estar agora?

Qual o seu maior medo?

O que mais gosta em si mesmo?

O que você tem mais orgulho de Ter conseguido na vida?

Qual a coisa mais embaraçosa que já lhe aconteceu?

Qual a última vez que fez alguém chorar?

7- A MALA

Objetivo: Apresentação. Ideal para conhecer melhor a história de cada um. Pode ser usada em grupos que necessitam de maior envolvimento entre os participantes.

Tamanho do grupo: Ideal para grupos menores.

Material: 01 mala ou caixa de sucatas com brinquedos e objetos variados.

Tempo: Aproximadamente 30 minutos

Desenvolvimento: Cada participante deve escolher quantos objetos desejar e em seguida contar a sua história, representada através das peças escolhidas.

Observação: Esta atividade pode provocar maior sensibilização diante das lembranças que vão surgindo. Pode ser utilizada também numa entrevista individual.

8- CUMPRIMENTO CRIATIVO

Objetivo: Promover a integração e o contato físico dos participantes.

Tamanho do grupo: Acima de 10 pessoas.

Material: Som, CD com músicas animadas.

Tempo: Aproximadamente 10 minutos.

Desenvolvimento: Grupo em círculo, de pé.

O coordenador explica ao grupo que, quando a música tocar, todos deverão movimentar-se pela sala de acordo com o ritmo dela. A cada pausa musical, congelar o movimento, prestando atenção à solicitação que será feita pelo coordenador. Quando a música recommear, deverão atender à solicitação feita.

O coordenador pedirá formas variadas de cumprimento corporal a cada parada musical. Cumprimentar com:

a palma das mãos;

os cotovelos;

os joelhos;

as costas;

o bumbum;

os pés;

Após vários tipos de cumprimento, ao perceber que se estabeleceu no grupo um clima alegre e descontraído, o facilitador diminui a música paulatinamente, pedindo a cada pessoa que procure um lugar na sala para ficar de pé, olhos fechados, esperando que a respiração volte ao normal. Tempo.

Abrir os olhos, olhar os companheiros, formar um círculo, sentar.

Comentar o exercício:

O que foi mais difícil executar?

Do que mais gostou?

O que pôde observar?

Observações: É um trabalho alegre e divertido. Permite ao grupo expressar-se de modo diferente do habitual, percebendo as dificuldades que surgem quando são buscadas novas formas de expressão, principalmente corporais.

9- DUPLAS NO SACO

Objetivo: Promover o estreitamento das relações interpessoais; promover a integração grupal; ampliar vínculos; análise das dificuldades, quedas e acertos; empatia; planejamento.

Material: 2 sacos de ráfia.

Desenvolvimento: Participantes divididos em duas equipes e em duplas.

Caso o número de participantes for ímpar, informa que uma pessoa tornará a formar dupla com aquele que é o ímpar.

A seguir, entrega um saco para cada equipe e anuncia que eles irão participar de uma Corrida de Sacos, por dupla.

O jogo consiste em um da dupla colocar a perna direita no saco, o outro, a perna esquerda dentro do saco e os dois irão correndo até o ponto demarcado, depois voltarão até o ponto de partida, passam o saco para outra dupla que efetua o mesmo trajeto e assim por diante.

O instrutor concede 5 a 10 minutos para preparação, dependendo do tamanho do grupo. Todos deverão treinar.

Vence a equipe que: - terminar antes; - nenhum participante se machucar; - menor número de incidentes.

Observação: Para que o jogo aconteça sem incidentes, o facilitador deverá recomendar que todos tenham calma, cuidado e que não se esqueçam que produtividade inclui qualidade do produto final.

APROFUNDAMENTO

10- CONCORDO/DISCORDO

Objetivo: Promover a reflexão sobre valores pessoais.

Tamanho do grupo: Independe.

Material: Lista de valores; cartazes com concordo/discordo.

Tempo: Vai depender do tamanho do grupo. Em torno de 3 minutos por pessoa.

Desenvolvimento: O coordenador coloca em pontos opostos os cartazes com as palavras “concordo” e “discordo”.

À proporção que o coordenador lê as frases, o grupo se posiciona de acordo com a anuência à afirmação expressa.

Uma pessoa de cada lado justifica a escolha feita, sem direito à réplica.

Após as justificativas, se alguém desejar, pode mudar de lado.

O coordenador registra as escolhas.

No plenário discute-se:

Você teve facilidade em identificar sua posição?

Você mudou de opinião alguma vez?

Teve dificuldade em escolher alguma vez?

O que mais lhe chamou a atenção?

Observações: A tomada de decisão é um ponto importante para o desenvolvimento pessoal e grupal. Esta atividade pode ser feita com qualquer grupo de crescimento e principalmente em grupos onde tomar decisões é uma constante.

É importante o momento do plenário quando os participantes poderão falar de seus medos, suas dificuldades e dar-se conta das próprias limitações.

11- TOMADA DE DECISÕES

Objetivo: Propiciar uma reflexão sobre as formas de tomada de decisão.

Material: Cartões com situações para tomada de decisão.

Desenvolvimento: Dividir o grupo em quatro subgrupos, dar a cada subgrupo um cartão com uma ocorrência que exija uma tomada de decisão.

Solicitar ao grupo que discuta a ocorrência e lhe dê um encaminhamento, observando todas as alternativas possíveis e escolhendo por consenso a alternativa do grupo.

As situações (ocorrências) devem variar de acordo com o grupo e o tema que estiver sendo trabalhado.

Cada subgrupo apresenta ao grupão sua situação, as possíveis soluções e a alternativa escolhida, justificando-a.

No plenário, discutir com o grupo as formas pelas quais as pessoas tomam decisões:

Por impulso;

Adiando a decisão;

Não decidindo;

Deixando que os outros tomem a decisão;

Avaliando todas as alternativas e escolhendo uma.

Observações: Em todo processo humano a tomada de decisão é um ponto importante e ao mesmo tempo conflitivo. Implica escolher e optar por direções sem certezas nem garantias. Mas é sempre necessário decidir e poder tomar rumos a partir da própria escolha e dessa forma sair do imobilismo que nos ameaça toda vez que necessitamos optar.

É importante que o coordenador explore essa questão com o grupo e verifique quais as dificuldades mais frequentes.

COMUNICAÇÃO

12- VOCÊ ESTÁ ESCUTANDO?

Objetivo: Trabalhar a importância de perceber o outro, valorizando-o.

Material: Cartões com as instruções.

Desenvolvimento: Formar duplas. Numerar os participantes de cada dupla com os números 1 e 2, aleatoriamente.

Unir todos os participantes que receberam o número 1 e dar-lhes estas instruções: Você irá contar uma história ao seu par. Pode escolher uma história real da sua própria vida ou criar algo. Mas a sua tarefa é contar essa história ao seu parceiro do começo ao fim e certificar-se de que ele compreendeu bem o que você contou.

Unir os participantes que receberam o número 2 e dar-lhes instruções individuais, pois cada um deles desempenhará um papel diferente em sua dupla. Todos os papéis têm o objetivo de interferir na comunicação, dificultando-a.

Sugestões de papéis:

Dê palpites sem ser solicitado durante o relato do seu parceiro.

Interrompa frequentemente seu par, impedindo-o de chegar ao fim de sua história.

Mude de assunto várias vezes durante o relato do seu par.

Não responda, nem pergunte nada durante todo o relato.

Peça constantemente ao outro que repita o que acabou de falar.

Procure contar uma história melhor do que a que seu par está contando.

Observe o resto da sala enquanto o seu par está falando.

Ria e ache graça quando o seu par falar sério.

Faça perguntas sobre todos os detalhes da história.

Todas as duplas cumprem o que foi proposto ao mesmo tempo.

O coordenador observa o grupo e determina o final da atividade ao perceber que a maioria das duplas concluiu a tarefa ou já se encontra suficientemente mobilizada.

Abrir plenário para que cada dupla exponha para o grupo o que aconteceu durante a execução da atividade e como está se sentindo.

Pedir que falem primeiro todos os participantes de número 1.

O coordenador deve certificar-se de que os participantes estão expressando realmente o que sentiram enquanto contavam a própria história.

Dar a palavra aos participantes de número 2 solicitando que falem inicialmente sobre os sentimentos, se foi fácil ou difícil desempenhar o seu papel e por que, para só então relatar para o seu par e para o grupo a instrução recebida.

Depois de explorar os comentários sobre a atividade, ampliar a discussão para os seguintes pontos:

Como você se sente quando alguém não escuta você?

É difícil para você escutar o outro? E falar de si?

Que atitudes no outro facilitam a sua expressão?

Observações: Uma alternativa na forma de execução da tarefa pode ser, em vez de pedir a todas as duplas que realizem a tarefa ao mesmo tempo, solicitar que cada dupla se apresente para o grupão. Esta alternativa pode ser utilizada em grupos menores, pois em grupos maiores corre-se o risco de se tornar cansativa e dispersar a atenção dos participantes.

Esta dinâmica não só trabalha as questões relativas à comunicação como mobiliza conteúdos dos participantes referentes ao ouvir, falar e ser escutado, delicadeza no trato, auto estima...

É necessário que o coordenador esteja atento para o emergir dos conteúdos, os pontos que foram mais fortes no grupo.

Evitar a realização desta dinâmica em grupos agressivos e cujas regras ainda não estejam devidamente estabelecidas e os limites não sejam observados. Em alguns grupos em que escutar e ser escutado surge como uma questão premente a ser trabalhada, ela pode ser usada como uma atividade detonadora, porém, exigirá ao coordenador cuidados e atenção especiais.

13- LIGADO EM VOCÊ

Objetivo: Comunicação, conscientização, eliminar fofocas.

Material: Pedacos de barbante amarrados nas extremidades de modo que se possa encaixar uma mão. Os barbantes devem ter mais ou menos 70 cm. (Levar o material pronto para agilizar).

Desenvolvimento: Colocar um barbante em cada participante de modo que ao ser colocado, um passe por dentro do outro, se cruzando ao meio.

O resultado esperado é que a dupla consiga se soltar sem tirar o barbante dos punhos.

É importante perceber a comunicação durante o exercício e anotar todas as frases que escutar de cada dupla. Se a turma estiver com número ímpar de pessoas ou alguém já conhecer o exercício, peça que o ajude nas anotações.

Fazer o fechamento falando do cuidado que devemos ter com a comunicação verbal, ao usarmos palavras e frases que causem duplo sentido, etc.

Observação: Para se soltar basta pegar a ponta do seu barbante que está entrelaçado com o do colega, geralmente, está no centro dos dois barbantes e passar por baixo do amarrado do pulso do colega no sentido de dentro pra fora e depois passar por cima da mão do colega, aí é só puxar.

1º Panfleto Formativo Ação Evangelizadora

Subsecretaria de Ação Evangelizadora

É a subsecretaria que deve proporcionar e orientar, através do conhecimento e da prática, os eixos principais da Ação Evangelizadora: dimensão pastoral/misionária; liturgia; promoção vocacional; diálogo ecumênico e inter-religioso. O irmão/irmã escolhido/a para este serviço deve guiar a fraternidade para o diálogo com as diversas religiões, de forma acolhedora e respeitosa. Dentro da prática cristã, deve dar orientações e fornecer subsídios na preparação e realização de celebrações litúrgicas, momentos de mistica e espiritualidade, promovendo o engajamento de todos/as nas pastorais orgânicas da comunidade, paróquia e/ou diocese. Dessa forma, deve intensificar o acolhimento aos diversos carismas e expressões cristãs, promovendo a comunhão fraterna. Este irmão/a é responsável por representar a Juventude Franciscana nos organismos da Igreja e da Família Franciscana, como os conselhos paroquiais e diocesanos, setor de juventude dentre outros. Deve ainda promover as atividades de promoção vocacional da JUFRA, articulando e desenvolvendo estratégias para acolhimento de jovens nas fraternidades, de forma que se contemple a dimensão missionária e pastoral da Juventude Franciscana, seguindo as orientações e diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil, dando testemunho e opção pelos mais necessitados, de tal forma que todos possam participar da construção de uma sociedade mais justa e solidária através da Boa Nova de Jesus Cristo. (Conceito reformulado da subsecretaria de Ação Evangelizadora)

Para baixar esse e os novos panfletos, acessem:

jufraevangelizadora.blogspot.com.br

Apoios:

Subsecretários Regionais de Ação Evangelizadora



Organização JUFRA DO BRASIL – TRIÊNIO (2013/2016)
jufrabrasil.org
Subsecretaria de Ação Evangelizadora

REAPRENDER A DIMENSÃO DE “AE” NA JUFRA

Ação Evangelizadora é um serviço AMPLO

Após um bom tempo de caminhada da Juventude Franciscana do Brasil, surge a necessidade de rever as bases do serviço de Ação Evangelizadora, ou seja, “reaprender” o entendimento completo desse serviço.

✓ Partiremos do gráfico:

Ação Evangelizadora

- Diálogo Inter - religioso
- Diálogo ecumênico
- Liturgia
- Promoção Vocacional
- Trabalho pastoral/Missionário



Diálogo Inter-religioso: O jovem franciscano deve buscar diálogo aberto com as diversas religiões, as diversas expressões de manifestação do Amor de Deus. Entender que o “Espírito de Assis” nos leva ao diálogo fraterno e respeitoso com todos os seres humanos, criaturas de Deus.



Conselho Nacional
da Juventude Franciscana do Brasil
Pastoral para o Diálogo Inter-religioso

Diálogo Ecumênico: O jovem franciscano deve estar atento às diversas congregações, entidades, grupos e movimentos dentro da Igreja Católica, bem como, aos momentos de reflexão ecumênica. Deve buscar integrar setores juvenis, participar de congressos e mobilizações,

semear o luminoso ideal de vida que tem. Quando conveniente, ser protagonista e levar seus ensinamentos aos ambientes de partilha.



Liturgia: O jovem franciscano deve colocar-se diante das necessidades da Igreja, desde a elaboração até a prática litúrgica. O jovem deve estar atento ao tempo que caminha a igreja, as reflexões que são propostas. Essa dimensão é igualmente importante.



Promoção Vocacional: O jovem franciscano deve espalhar a alegria de viver em fraternidade, proporcionando a outros jovens a experiência do doce sabor de ser franciscano.



Trabalho Pastoral / Missionário: Por fim, mas não menos importante, o jovem franciscano deve entender que sua formação só ganha sentido na prática de seus ensinamentos, ou seja, deve se colocar à disposição para serviços pastorais. Colocando seus dons à serviço do irmão, através do trabalho gratuito, indo aonde a mensagem evangélica não chegou. O ramo social também está inserido aqui, já que é na missão que a juventude dá sentido à opção evangélica pelos pobres.

Washington Lima dos Santos

Subsecretário Nacional da JUFR do Brasil de Ação Evangelizadora (2013/2016)

www.jufrabrasil.org



jufrabrasil@gmail.com



[/jufrabrasil](https://www.facebook.com/jufrabrasil)



[/jufraBR](https://www.youtube.com/jufraBR)



[@jufra_brasil](https://twitter.com/jufra_brasil)



[@jufradobrasil](https://www.instagram.com/jufradobrasil)